

Lender

Max Diniz Cruzeiro



LENDER

Dedico este livro a todos os parentes e amigos que muito contribuíram para a formação da obra. Em especial para a poetiza Vanessa Andréia de Oliveira que não poupou esforços no sentido de concretizá-lo.

Previa:

Aqui é retratada a vida de um jovem que beira a loucura. Uma ficção brotada de uma mente doentia que busca não perder o contato com o mundo exterior. No qual o drama vivido a nível psicológico cria uma realidade paralela que julga ser esta a verdade que o cerca. Uma história real com momentos de descontração e utopia.

A mente humana cada vez mais é sugada pelos afazeres do cotidiano. Um colapso mental pode estar chegando até você. Portanto, não foi por acaso que pegou este livro. Pare e pense nisto. O personagem não pensou e agora se viu dominado pela mente que possui.

Índice

Capítulo I – O jovem Lender.....	01
Capítulo II – O drama.....	12
Capítulo III – As cartas.....	22
Capítulo IV – Os milagres.....	29
Capítulo V – O eclipse.....	39
Capítulo VI – Universo paralelo.....	46
Capítulo VII – Tortura.....	55
Capítulo VIII – Acusações interiores.....	68
Capítulo IX – Voltando a si.....	75

Capítulo I

O jovem Lender

Capítulo I

O jovem Lender



Lender iria sair da universidade. Difícil caminho percorreu até aquele instante. As dificuldades eram imensas e a falta de recursos impedia que alternativas fora os estudos fossem viáveis. Era dia vinte e oito de junho de 1996, faltavam poucos dias para o canudo pegar com as mãos. Carregava em si, uma vida monótona e triste do pesado fardo que lhe acompanhava. Os primeiros contatos com a literatura, impulsionaram-no a escrever um livro em primeira pessoa:

“Estava dormindo. Do sono, veio o pesadelo. Vi um morto-vivo. O nefasto lambeu minha testa. Fiquei muito chateado quando ele fez algo tão anti-higiênico; pode ser que alguém não lhe tenha ensinado bons modos.

Lembrei-me das vezes que mamãe dizia que “a higiene deve começar desde bebê, pois estes são como uma ‘tábua rasa’”, afirmava ela. Eu ficava sempre a me questionar - como uma ‘tábua rasa’ pode ser? - ninguém era louco para perguntar a mamãe. Cresci. Já não era tão jovem e também não me perguntava mais, pois não sabia responder.

As coisas de menino se foram e como forma de afirmação, só respondia àquilo que tinha plena certeza de saber, porque acho ridículas essas pessoas que falam bobagens, porém todo mundo tem seus momentos fracos e até os mais inteligentes precisam relaxar. Muitos falam bobagens como uma forma de aliviar a tensão; e como é sabido pelos médicos, o estresse pode provocar doenças com o passar do tempo, pois aqueles que abusam da psique, dizem eles, devem levar em conta que a vida não é só estudar, trabalhar ou fazer exageros.

Neste instante, recordei-me de onde estava e o que fazia. Sentado uma hora naquele confortável divã, minha vida se fez criança e segui meus passos até a maturidade. Na parede ao lado, reparei meio hipnotizado por meus pensamentos, o diploma do doutor. Abaixo trazia a mensagem que dizia: “Aqueles que abusam da psique estudam muito, ou são muito loucos!”, tarde demais, pensei por um instante. Afinal de contas a minha vida já se passara, e com ela o meu dinheiro naquele agradável consultório.

Ouvi as coisas de sempre, era como se mamãe estivesse em minha frente. Não relutei. Aceitei tudo o que aquele letrado me dissera e então fui para casa.

Despedi-me da secretária, com o ar de bom moço. Peguei o casaco e sem demonstrar a pressa das grandes cidades, tive tempo para tomar um café. Tão logo sai pela porta, deparei-me com o corredor de sempre. No final, o velho elevador me aguardava. Estava cansado. Meio perturbado por tudo.

Sentei por um pouco num banco na praça da esquina. Fiquei instantes a observar os pássaros, as árvores, a multidão que circulava, enfim, tudo que me lembrasse movimento.

O tédio tomou conta do meu corpo, olhei para o relógio e decidi que já era hora de partir. Na parada - a espera - como se todos os dias não fossem diferentes. Era o caos urbano, bem conhecido por todos. E finda a espera, o ônibus não trazia conforto. As pessoas se comprimiam pelos corredores do veículo. Não tinha graça. O calor era insuportável. Os

semblantes se contorciam pela angústia e impaciência da circunstância. Porém, eu estava tranquilo, tinha problemas demais para agregar mais um à minha coleção. Logo avistei meu ponto. Dei sinal. O ônibus parou. Desci. Então entrei pela rua que abrigava minha casa.

O lixo ainda não havia sido recolhido e as crianças já estavam retornando da escola que ficava no bairro vizinho. As brincadeiras inocentes aos poucos tomavam vulto. Elas colocavam bombinhas nas latas de lixo e nas poucas caixas de correio que teimavam em resistir. Desta vez, eu estava lá. Testemunhara tamanho vandalismo e falta de formação moral. Não fui complacente com aquelas arruaças. Fui-me ter com Dona Quinina, a tia de um dos bagunceiros. Expus o problema, meio revoltado e exaltado. Pedi providências e parti tendo a palavra que tais atos não iriam se repetir.

Entreí finalmente em casa, o dia tinha sido exaustivo. Fui direto à geladeira. Sem pensar duas vezes, peguei uma lata de cerveja e me dispus a assistir televisão. Morava só há alguns anos, desde que me mudei do interior para esta grande cidade. Os primeiros anos de minha vida foram difíceis, mas aos poucos consegui superar e com muito esforço comprei esta casa. Não tinha muitos cômodos, a sala era escassa de móveis onde havia uma mesa de centro, um modesto sofá de bambu e alguns livros na estante que abrigava os aparelhos de som e vídeo. A cozinha era apertada, mas funcional. O quarto e o banheiro eram pequenos, mas a falta de mobilidade era compensada pela constante organização que sempre me dispunha a fazer.

Não me relacionava bem com os vizinhos. Talvez pelos constantes desentendimentos com as crianças da rua. Não era de trocar papo furado, ou falar da vida das pessoas como fazia Dona Nita, a fofoqueira da quadra, eleita por três anos consecutivos nesses concursos de confraternização promovidos pelos moradores. Minha vida se limitava a um singelo bom dia, todos os dias quando saía, às pessoas que encontrava pela rua ou à noitinha, quando chegava do trabalho.

No trabalho, estava ocupado demais para prestar atenção nas conversas sobre futebol, política ou às últimas manchetes de jornal que escandalizavam a todos. Trabalhava a vinte e cinco anos naquele mesmo recinto e tinha um nome a zelar. Não era mais o menino que executava serviços gerais na empresa. Era o gerente da firma. Minha posição exigia que fosse frio e calculista. Temido e odiado por todos. Sensato e desprovido de paternalismo para com os meus subordinados.

Não tinha amores, e meus desamores foram muitos ao longo da vida. Era extremamente só; e talvez seja isto que me fazia constantemente ir ao psiquiatra. Queria de certa forma, compreender o que me incomodava, ir além do que já tinha alcançado em toda a vida. No entanto, mantinha encontros casuais com a secretária. Nada sério, sem compromissos. Para mim não passava de um momento de diversão e para ela, uma forma de manter seu emprego e compensar sua ineficiência.

A cerveja estava se esgotando, tinha sede. Não por falta de líquido, mas por falta do algo não encontrado. Fui até a geladeira novamente, encontrei a última lata. Abri. Neste instante ouvi estilhaços na sala. Corri e verifiquei que se tratava de uma pedra que provavelmente era de algum daqueles meninos que brigara quando estava chegando em casa. Olhei mais atentamente, vi um bilhete que estava envolto à pedra e abrindo-o em seguida, efetuei a leitura daquela inóspita correspondência. Eram palavras de desagravo que diziam ‘Velho rabugento, se mil latas colocar pelas ruas, mil voarão. E se meter de novo conosco, faremos de sua casa o mesmo que fazemos com esses latões.’. Não era de se espantar a reação desses delinqüentes, como era de costume, sempre revidavam quando alguém reclamava.

Já era tarde, não me propus a sair pela rua e fazer um novo escândalo pela vidraça quebrada. Fingi não me importar, procurei minha cama para enfim repousar tranqüilo. Lembrei-me do pesadelo da noite anterior, ele era constante e sua falta de lógica me deixava confuso e irritado. Procurava me agarrar nas coisas que o médico me disse, ou ora nas palavras doces de mamãe. Não sabia porquê, mais na primeira noite que chegava do consultório os pesadelos não vinham, passando uma noite tranqüila e com isso, acordava com a sensação de bem estar com a vida.

Acordei logo bem cedo. Fritei alguns ovos e fiz um sanduíche de um pão adormecido que encontrei na cozinha. O sol estava irradiante, o dia parecia ser muito promissor. Liguei o rádio, demorei a sintonizar o aparelho, pois nesta região existem muitas rádios piratas que causam interferências nos nossos transmissores. Certa vez, quando cheguei em casa, encontrei a televisão ligada. Fiquei em estado de choque, tive a sensação de que não estava sozinho e o medo foi subindo a cabeça. Passado o susto, verifiquei que minha casa não havia sido invadida como supunha, tudo não passara de um mal entendido, era apenas um disparo do controle remoto provocado por um sinal de transmissão pirata.

Ouvi belas músicas que faziam recordar a minha época de criança. Prometi a eu mesmo tornar aquela manhã de domingo um dia especial na minha vida. Esquecer meu vazio, os problemas que me perturbavam, as consultas do meu psicólogo, e tudo mais que afetasse o meu humor.

Resolvi sair e andar pela calçada, vagueando sem direção e contemplar o início de dia. Ao sair de minha casa, deparei com o muro pichado. ‘Puxa, já não me bastava a vidraça quebrada da noite passada.’, desabafei naquele instante. Percebi que meu intuito de permanecer sereno já começava a se diluir. Sufoquei os meus sentimentos de cólera e comecei a pensar que tudo era ilusão, procurando não dar importância. E assim, prossegui com minha caminhada.

Na esquina, encontrei com dona Quirina. Lamentei neste momento ter saído do meu recinto. Ela estava louca para me atualizar das últimas fofocas da rua e me instigava para saber minha opinião a respeito da vida alheia. Tentei fugir, esquivando de todos os seus joguetes macabros, até que ela não agüentou e perguntou o que realmente queria saber. Já

suspeitava que queria ser atualizada sobre a cena da vidraça quebrada e do muro pichado; e sorratamente e com uma sutileza de quem o sabe fazer, me perguntou sobre o acontecido. Tive raiva, mas sempre me vinha na memória a promessa do dia. Então menti descaradamente para ela. Falei-lhe que a vidraça tinha se quebrado devido um objeto que havia se soltado da estante após eu ter esbarrado acidentalmente. E quanto ao muro, tinha decidido que estava muito monótono e resolvi experimentar algumas cores para ver qual era a melhor, porquê pretendia pintá-lo em breve. Achei que ela ficou satisfeita com minhas justificativas e logo saiu correndo para a porta de uma outra vizinha que resolveu varrer a porta de sua casa. De certo para lhe contar os últimos acontecimentos. Não mais me preocupei com essas bobagens e me dispus em ir mais longe. A paisagem do meu bairro era deslumbrante, nunca tinha parado para observar as belas árvores e as arquiteturas dos sobrados que em sua maioria eram imponentes e bem cuidados. Observei que na região havia muitos pássaros em sua maioria pombos. Parei debaixo de uma frondosa árvore e me deleitei em observar os movimentos das aves. Não demorou muito até que fui alvo de um bombardeio inesperado. Naquele instante o meu bom humor se esgotara, minha roupa manchada e minha testa lambuzada pelos dejetos me davam um ar de indignação e espumava ódio pela minha face. Dirigi-me de volta ao lar, resmungando sobre a besteira de curtir o dia, de não ter reagido frente as arruaças dos moleques que me provocaram tantos prejuízos financeiros. Encontrei pelo caminho uma lata de lixo, não pensei duas vezes, a chutei covardemente. Na hora não tinha percebido que a rua estava movimentada e todos ficaram a me olhar. Na certa estavam a me criticar, pois era o que mais criava caso contra baderneiros. Tive vergonha de mim. Tentei, sabendo que era inútil, ajeitar a bagunça que fizera. Era tarde, já tinha dado mau exemplo, o certo me pareceu entrar para casa e nela permanecer até o final do dia.”

Querida retratar algo interior que carregava. Porém a vivência pobre não lhe dera sustento. E o tempo se passou. Os amigos se foram. Bem como os estudos. E o livro se perdeu na trajetória de seu curso. Seus planos agora eram outros. O emprego logo surgiu e com ele a oportunidade de acumular um capital. Poderia assim, galgar por patamares maiores. Era um dia como qualquer outro, o vento batia levemente sobre a veneziana, tudo parecia ser somente tédio e sem abstração alguma. Lender há muito tempo estava a trabalhar e as horas que passavam não refletiam o seu verdadeiro estado interior. Ainda bem jovem, o rapaz tinha sonhos de gigante, mal sabia ele o destino que o aguardava.

Seus olhos castanhos e cabelos levemente encaracolados crescidos de seu doce sorriso lhe davam um ar de graça que encantava as jovens que da sacada por vezes o observava. Menino tímido, porém não ingênuo sabia o momento exato de se aproximar e como dizem na língua dos que são jovens: “curtir a vida na intensidade que nos é permitido curtir”.

Morava ele, num bairro de periferia, onde as oportunidades eram poucas e a falta de recursos levava a muitos a minguar sua vida em muitas recordações de botequim. Saía, assim como os outros, na matina. Seu semblante ainda pálido pela interrupção do sono lhe pesava o rosto. O percurso era um pouco equidistante até o ponto de ônibus. Passava por um beco estreito e em seguida por um cruzamento que dava de encontro à outra rua, em ângulo reto com a primeira, para depois se encontrar com outro beco onde ficava uma congregação de caridosos. Após esse percurso, Lender ficava a vagar por uns instantes a espera do ônibus. Criara em seu subconsciente dois personagens fictícios. Tinha o espírito alegre por isto brincava. Genoveva e Gigofrida, dois ilusórios vermes que citava todas as vezes que a fome aumentava. Uma desculpa para disfarçar o grande apetite.

Ao chegar do veículo o jovem já dispunha do dinheiro em mãos para facilitar a vida do cobrador e cumprimentava algumas pessoas que por ali se encontravam. Escolhia como num ato instintivo sempre as últimas poltronas vazias. Talvez por localizar-se mais próximo à porta, ou simplesmente por ter uma visão geral das coisas que se passavam durante a viagem.

Guiava-se sempre pelas faculdades interiores. Dizia por vezes: “os olhos traduzem muito mais do que as palavras que soam pelo vento”. Seu instinto era ligeiramente trabalhado e dispunha de uma abstração desenvolvida. Mas algumas vezes elas lhe pregavam uma peça. Pois a realidade parecia sumir e dar vazão a uma trilha de ilusões que em lugar algum chegava. Seus sonhos ricos em fantasias e sua vida de infância, uma anedota sem fim.

Quando criança, em temporada de férias, as idas a fazenda de seus tios lhe proporcionavam grande divertimento. Os passeios a cavalo convertiam em laboriosas risadas por parte das pessoas que assistiam às quedas. E não teve uma única vez que não caísse do animal.

A primeira cavalgada. São muitos os animais que no curral esperam a hora do passeio. Quase que instintivamente e bem treinados aguardam o momento em que o cocheiro lhe jogue o laço sobre o pescoço, para colocar a cela e arreio sobre o dorso do animal. O garoto pergunta qual o mais dócil. Apontam-no uma égua que está ao fundo. É feita esta escolha. Tenta subir no animal. Primeiro tenta do lado errado. E por pouco o animal não lhe fere com os dentes. Segunda tentativa, já do lado certo. Coloca uma força anormal no impulso. Cai do outro lado. A platéia delira de felicidade. Tenta uma terceira vez, desta vez ficando posicionado sobre a porteira. E enfim consegue se equilibrar no animal. Este era o primeiro contato de amor e ódio entre os dois. A égua a cada nova cavalgada passava a odiar ainda mais aquele menino indeciso. E ele a amá-la, por ser dócil e obediente. Ela trota durante o percurso. Ele se desequilibra e cai.

Porém não desiste, no dia seguinte nova tentativa. As dificuldades de sempre. Enfim monta. Ele e as demais pessoas que o acompanham cavalgam pelo pasto. O menino é sempre o último, pois temia nova queda. Mas os cavalos gostam de correr. E um deles começa a cavalgar em alta velocidade. Os demais com instinto de disputa querem ultrapassá-lo. E a égua dispara. O coração gela. As pernas bambeiam. Nada faz a égua parar. O rosto se contorce. Ele freia,... freia... freia e ela não o obedece. Até que um cavaleiro que corria próximo segura as rédeas e emparelhando consegue diminuir a intensidade do animal. Enfim o equilíbrio se estabelece. O garoto dá sinal. O animal para a corrida e começa a andar. Ele tenta recobrar o fôlego. O animal pára. Ele se desequilibra e cai novamente. Outra sessão de felicidade espontânea. Parecia não haver solução.

Terceira cavalgada. Todos na sede da fazenda. O animal já começa a demonstrar raiva ao ver o menino. Talvez pela indecisão de lhe ordenar a correr, em seguida parar.

Era visível a sua irritação. Desta vez, um milagre. Consegue de primeira subir no dorso. Os sorrisos da platéia não acontecem. Uma evolução. Todos resolvem sair do curral pelo pomar de mangueiras. O primeiro cavaleiro vai à frente e segura a porteira para os demais passarem. Uma vez do outro lado, um por um, abaixa-se para passar por entre os galhos das árvores. E todos obtêm sucesso. Lender é o último. Distrai-se; e um galho em formato de ‘v’ se enrosca por debaixo de seus braços. Rapidamente o garoto dá ordens ao animal para parar. A égua não pára. Ele fica dependurado sobre os galhos. Lentamente o barulho da madeira geme. O galho quebra, é a queda. A platéia que antes tímida, agora era gargalhadas. O evento tão esperado do dia finalmente acontecera.

...

Décima cavalgada. Toda a fazenda se mobiliza. O momento mais esperado do dia. Hora da cavalgada. Os peões estão bem posicionados por sobre a cerca de madeira. As mulheres da janela observam na expectativa do momento emocionante. As crianças largam a bola por instantes para assistir ao espetáculo. Os cavaleiros um a um se aproximam. Pegam seu cavalo. São colocados por último os arreios na égua que se encontra ao fundo. Talvez para dar maior emoção à cena. Todas as tentativas anteriores converteram em queda. Cada uma na sua forma diferente. Por certo, interiormente, disputavam o que aconteceria agora. Chegada à hora. Ele impulsiona. O animal anda. Fica deitado de barriga para baixo sobre ele, não conseguindo se sentar. Sua voz tremida pelo caminhar da égua pede: “sô ... cor... ro ... socor... ro...”; e o esperado ocorre. Delírio geral. Da sacada o sorriso. Das cercas o riso fácil; das crianças que jogavam bola, a certeza de que valeu à pena a interrupção do jogo; e das mulheres o sorriso angelical pelo infortúnio. Nova tentativa. Enfim conseguem. Todos voltam a seus afazeres. A diversão não se repetiria mais aquele dia – pelo menos era o que achavam. Naqueles dias o tempo era chuvoso. Já bem distante da sede da fazenda, a égua trota. O equipamento que cobre o animal estava folgado. E a cada trote a cela ia se desprendendo junto com o menino em sentido horário. Mas à frente, uma poça de lama se aproximava. Temendo que a queda fosse por cima da poça, dá ordens para que o animal pare. Ele não obedece. Era sua desforra. E então começou a lhe dar sinais que continuasse a cavalgar. Assim, passaria depois da poça e não cairia na água, e sim em solo firme. Mas queria mesmo contrariar. E instintivamente o animal pára exatamente sobre a poça. O resultado. A lama cobria o seu corpo agora. Voltou à fazenda. Não tinha fuga. Todos viram as consequências da queda. Enfim as férias esgotam e voltam à cidade cheios de boas e más recordações.

Nesta fase de criança, ao cair do sono, à noite, sonhava muito com os dramas dos grandes mártires. Colocava-se na posição deles. Por vezes, dialogava com seus heróis imaginários e se oferecia para sofrer em seus lugares para lhes aliviar as duras sessões de horrores. Não que fosse masoquista. Mas por simples espírito fraternal. E tais sonhos foram acompanhando-no até o final da adolescência. Já adulto, galgava coisas insólitas. Sonhos que beiravam à ficção científica. Era o meio que agia dentro de si sem que ele percebesse.

O sono era pesado. Lá dentro, o deserto consumia a todos. Mulheres choravam pelos cantos. O sol rachava a cabeça. Três homens estavam dependurados sobre vigas de madeira. A criança olha para os olhos daquele que está ao centro. As lágrimas escorrem pela tristeza de ver o que seus semelhantes fizeram. Ela pede que não sofra. Era preciso, argumentaria ele. Então a criança oferece para ficar em seu lugar. E eles compartilham o sofrimento. A mesma dor. A mesma agonia. Lender não se via santo, pelo contrário. Queria sempre ajudar a quem tivesse problemas.

Nova noite. Novo sonho. Uma mulher era levada por soldados até uma clareira. Uma multidão assistia a tudo. “Bruxa... bruxa... bruxa...” - gritavam algumas vozes.

Mas o rosto dela era somente doçura. Não o erguia pelo cansaço e maus tratos. E amarraram suas mãos para o alto em um cilindro de madeira. Além disso, madeiras em toras eram colocadas próximas a seus pés. Os homens não queriam saber de sua conversão. O deleite deles, era sem dúvida, a morte da jovem. E o fogo inicia. A madeira estala. O fogo começa a atingir os pés da moça. O suor lhe sai do corpo. O menino se compadece. Compartilha seu sofrimento. Num único instante, ela sai da tora e observa o menino a se incendiar. Seu corpo vira chamas. Sua alma desprende acumulando todo aquele pavor em seu espírito.

Os soldados cavalgam com o intuito de defender o reino. Muitos conspiram contra o rei. Suas espadas na bainha dão amostra que estão preparados para qualquer evento inesperado pelo caminho. O que comanda está montado em um cavalo branco. Os demais em cavalos negros. O bigode e suas vestes indicam o tempo do fato. Período monárquico. Eles param e admiram uma cachoeira no caminho. O do cavalo branco se aproxima da borda do abismo. Levanta-se sobre o dorso do animal. Duas mãos o empurram. O menino acorda preocupado com a queda. E este sonho lhe perseguiu por mais de um ano.

Volta e meia, tinha experiências metafísicas. Quando o sono já lhe era leve, por muitas vezes sentia a presença de humanóides a observá-lo. Era como tivesse ele sido abduzido. Mas nada podia comprovar, pois, seu interesse por estes filmes, imenso. E tais filmes eram carregados de cenas fortes. Trazia uma única certeza: de ter cristalizado dentro de si, imagens que faziam-no pensar que tais delírios eram reais.

A concepção de mundo agora mudou. Não é mais aquele menino que vê no sofrimento uma forma de chegar à perfeição. Procura entender como os sonhos se processam. Aprende algumas técnicas de viagem astral. Aplica-as. Numa noite o inesperado. Ele consegue em sonho, o controle de estar dormindo. Então consciente do sono, começa a analisar o estranho mundo novo de sua psique. Era uma fazenda. O mato estava bem verde. Ele caminha por sobre a grama macia. Então resolve pegar no material que está pisando. E vê que tudo é plasma. Energia cristalizada. A cerca está mais ao longe. Ele estende os braços e chega à cerca, porém não era cerca. A energia se transforma em ondas cíclicas de plasma como num lago cristalino que uma criança joga uma pedra. Condensando-se novamente naquela imagem sólida. Ilusória. Ele pensa em flutuar. Seus pés saem do solo. Ele pega com as mãos a casa da fazenda, ela também como a cerca se desfaz e se reconstrui em seguida. Tenta então com a mente mudar o cenário. Ele então se altera. O sono a esta altura já estava leve. Ele acorda.

Voltando à fase de adulto, já em seu trabalho, depois de transcorrida a etapa do ônibus, deslocava-se até o elevador e em seguida passava por um túnel que dava em frente a uma escada, cujo andar superior era onde se encontrava o escritório que trabalhava. Ali, foram dias e dias a trabalhar constantemente em frente aos equipamentos obsoletos para a época. O serviço era árduo, mas a satisfação por executá-lo era tamanha que aos finais de semana se dispunha a fazer horas extras na busca de manter todo o serviço em dia.

Da janela do escritório, seu semblante fascinava com a imagem do lago que ora prateado na manhã ensolarada ou ora de um azul vitral nas tardes onde as nuvens não eram escassas. Os quadros eram diversos e representavam a fauna e a flora da região pantaneira próxima do planalto em que morava. As plantas ornamentavam o ambiente. As samambaias, os vasos de arbustos e violetas estavam de tal forma que o ambiente se fazia único e de uma naturalidade e tranquilidade ímpar.

Os colegas de trabalho sempre com um ar de felicidade, por vezes contavam anedotas nos momentos de folga, que por sinal eram raros. As confraternizações de amizade se tornaram freqüentes nas datas comemorativas de nascimento de cada um.

Em algumas ocasiões, o grupo de trabalho realizava almoços para descontrair e elevar o espírito de equipe.

Números, muitos números, contar, recontar e fazer projeções das contagens para publicação de um manual onde os resultados do trabalho deveriam ser avaliados no seu transcorrido tempo de realização. Essa contagem referia-se às escolas, pois para melhor planejar a vida de quem delas dependiam, eram necessários dados que facilitassem a distribuição de recursos para elas.

Após o trabalho, Lender se deslocava para a parada de ônibus, seu corpo já cansado pelo cotidiano esforço punha-se novamente dentro do automóvel a dar alguns cochilos. A noite já se fazia presente ao chegar em casa. Mal entrava e se encontrava com seu cachorro de estimação que pulava incessantemente a procura de um afago ou um colo talvez. Passava direto como de costume e ao banheiro ia lavar suas mãos. No quarto deixava os pertences do dia sobre a cama e dela para cozinha: “forrar o estômago”.

Seu divertimento era a televisão. No drama das telenovelas procurava fazer associações com sua vida particular e nos telejornais buscava contato com o mundo exterior. Criança, uma criança, no modo de pensar e no modo de agir. Talvez lhe faltasse e muito a vivência dos bares, dos passeios no parque no final de semana ou das estâncias naturais.

Porém Lender não sentia a necessidade de sair e ir a tais locais, pois estava muito bem acomodado em seu mundo particular. O trabalho não lhe pesava tanto e suas obrigações no lar não eram muitas. Tinha poucos amigos com quem contar, mas suficiente para um convívio satisfatório com a sociedade. E nesse ritmo de trabalho quase um ano se passara. Tinha em mente apenas uma determinação. Ir ao encontro do velho mundo. Nunca ousara tanto. No transcorrer de dez anos de sonhos, estava ele perto de realizar o maior. Menino-moço de família pobre pensava de sua pátria sair, era como um desafio. Mas o tempo e o dinheiro estavam generosos para com ele.

Os baloás que recebiam davam uma confortável condição financeira para o rapaz. Passou a comprar a cada mês com a remuneração recebida, a moeda do país que em mente estava a cavalgar em sua direção. E as noites foram compridas, os sonhos dos castelos não lhe saíam à cabeça, tais como os campos floridos. Tinha que ser primavera – argumentava o jovem. As flores sempre lhe foram motivo de alegria. Certo disso, e ainda criança, a primeira recordação que lhe vinha à memória, nem tão menos ou a mais, um jardim de margaridas. Gigantes estas, na imaginação de uma criança de cinco anos de idade.

Viajara para o admirável mundo velho, onde outrora, o punho forte dominava a razão do existir. Pessoas tratadas com distinção. Milhares, lançadas aos fornos de cremação. Contudo, hoje, após tudo reconstruído, o mármore dá lugar ao que antes o fogo tudo consumia. Alemanha. Sonho, onde a liberdade de expressão e o amor imperam.

Foram quase 15h de voo. O cansaço e a tensão por não dominar eloquentemente o idioma o consumiam. Mas enfim, chegava à Zurique. Deparou-se com um aeroporto imenso e com a incerteza sobre o destino de sua bagagem. Procurou, com auxílio de um dicionário, traduzir os indicadores do teto. Desiste. Não consegue. Resolve procurar ajuda. Encontra uma jovem muito simpática, que ao vê-lo confuso, leva-o até a alfândega.

A fila era grande e a cada momento, fazia-se ainda maior. Chega sua vez. Apresenta o passaporte. O policial indaga-lhe sobre sua procedência, destino e finalidade pela qual adentrara àquele país. Mais confusão. Viu-se mudo, sem saber responder a tais questionamentos. Na tentativa de resolver tal impasse lingüístico,

tentou comunicar-se em outros idiomas. Nada adiantou. Repentinamente, lembra-se da semelhança entre a língua portuguesa e a espanhola. Arrisca um ‘portunhol’. Alívio. Parece que se fez entender. Desta forma, para desespero dos que como ele aguardava ser atendido, abre a mochila e puxa um papel. Agora sim, tudo esclarecido. Um estudante, apenas de passagem, que tinha como objetivo aprender o idioma Alemão. Sanada a confusão, fora bem recebido.

A jovem que acompanhava com o olhar as atitudes daquele rapaz confuso oferece-lhe mais uma vez, com um leve sorriso, a ajuda que tanto precisava. Leva-o até o local que encontraria sua bagagem. Refeito da confusão, pega suas malas, despede-se da moça e dirige-se à bilheteria para comprar sua passagem de trem que enfim o levaria ao seu destino.

Desajeitado, desfila pelo saguão do aeroporto carregando todo aquele peso. Sua mala chamava atenção por suas dimensões. E para piorar sua situação, havia de carregá-la, pois sua alça, desaparecera pelo longo percurso. Ao chegar à bilheteria, mais surpresa. Tinha em seu poder apenas baloás que deveriam ser trocados pela moeda local. Ciente da situação dirige-se, com dificuldade, até a casa de câmbio. Resolvido mais um impasse, retorna à bilheteria e depara-se mais uma vez com a dificuldade de se fazer compreender. Resolve então, esperar que alguém que conhecesse o seu idioma chegasse. Impossível? Não! O milagre acontecera. Um senhor se predispõe a ajudá-lo. Compra o bilhete. Enfim, Lender dirige-se para a plataforma de embarque.

Nunca havia andado de trem. Mesmo na plataforma não sabia o sentido exato onde o trem iria parar. Observava de segundo a segundo a chegada da máquina. Conseguiu ajuda que o orientou. O trem aparece. Ele tenta entrar. Não consegue abrir. Um senhor ao lado gira a maçaneta e brinca que era uma questão de força – isto com os braços, sorridente em tom de brincadeira. Entra. Espera o cobrador. Aparece uma jovem que lhe pede o bilhete. Entrega. Pede orientação e ela o tranquiliza dizendo avisar quando chegar à ocasião. Ele desce e cai sobre a plataforma desajeitado. Pede desculpas, ao cair por cima da jovem que o ajudara no desembarque. Tem que correr e passar para outra plataforma a fim de pegar outro carro que já está posicionado nos trilhos. Ele corre com todo o peso, atropela um senhor que caminhava. Pede desculpas na sua língua. O senhor resmunga, pensando que ele o ofendera. Ele pára e pensa e enfim pede desculpas na língua local. Segue na direção indicada. Desce os degraus. E agora teria que carregar seus vinte e cinco quilos de bagagem para subir até a outra plataforma. Consegue trocar de trem e segue seu caminho.

Chega em Freiburg com menos de uma hora para iniciar outro dia. Pega um táxi. O motorista é francês. Mais uma dificuldade. Nem alemão nem francês sabia o jovem falar. Deposita sobre sua mão o endereço. O homem procura. Não encontra. Faltavam dados para chegar ao local. Ambos nervosos por não saberem se comunicar. O rapaz então pede que o leve para outro hotel. A compreensão se faz sentida. Ele guia o carro e chega a um confortável hotel. Repousa e no outro dia segue para a escola.

Após tudo resolvido, procura um supermercado. As compras deveriam abastecê-lo por muito tempo. Encontrou o estabelecimento. Adentrou. Tentou pegar o carrinho de compras. Estava imóvel, e por um cordão, preso em outro e assim sucessivamente. Sem saber tentou de várias formas desgrudar o objeto. Não conseguindo, observou que os olhares de todos no recinto estavam a lhe observar. Era cômico. Sentiu o mesmo de quando estava na fazenda nas suas aventuras por sobre o cavalo. Então pediu ajuda ao caixa. Uma mulher muito educada o atendeu sorridente. Não sabia perguntar e então improvisou uma pergunta na língua local: “Como... eu... pegar... automóvel... ali?”. Então lhe explicou que teria que depositar uma moeda para poder usar o carrinho. E após o seu uso, se colocasse o carrinho de volta o dinheiro lhe seria devolvido. Mas ele

jamais entenderia aquilo no primeiro dia que havia chegado. Deduziu tudo. Pensava que a mulher tinha lhe dito que teria que pagar pelo seu uso. Coisa que achava inadmissível. Não entendeu que teria que pegar o dinheiro de volta. Então resmungou e fez as compras carregando nas mãos e com dificuldade os alimentos. Na saída, a mulher lhe cobrou o saco de compras, coisa que era comum como medida de conscientizar as pessoas da poluição daquele material. Por ver que não adiantava ela resolveu não lhe cobrar devido o comunicar-se ser impossível.

Encontrou-se rapidamente com outros do mesmo país. Fizeram amizade e resolveram fazer uma refeição juntos. Era um genuíno restaurante italiano. O cardápio em mãos. O rapaz somente tomava bebidas naturais. E não sabia pedir. O garçom esperava o pedido. Primeiro o suco de maracujá. O garçom paciente apontou dizendo que tal suco não fazia parte do cardápio, sendo somente, de coisas típicas da Itália. Então pediu suco de uva. Também não tinha. No desespero viu escrita a única palavra que conhecia ali: vinho tinto. E assim foi. Mas tarde era hora de escolher a comida. O garçom já estava impaciente. Pediu a princípio uma ave muito comum que não era tradição da Itália. Como consequência não havia. E vendo o garçom mais irritado a cada instante, optou por uma pizza. Não sabia o sabor por não saber ler. E chegaram as bebidas. Quando colocou o vinho sobre a mesa, a conclusão: não bebia vinho. E ao chegar à pizza, ela não tinha carne, era de cogumelos. Nada podia fazer. Suas preferências teriam que ficar à parte pela falta de comunicação. E todos comeram - depois daquelas trapalhadas. Bebeu o vinho. Um copo lhe equivalia a uma garrafa pela falta de costume. Ficou meio tonto. Lembrou-se da fazenda. Era alegre como lá. E foram embora em seguida.

Estava sem relógio. Foi até uma grande loja e depois de deixar os vendedores bastante ocupados, conseguiu comprar um de sua preferência. Pediu para que acertassem o relógio na hora certa. O que foi feito. Noutro dia era o primeiro dia de aula. O caminho até a escola estava deserto. Pensou que todos ainda estavam dormindo. Chega no prédio. Adentra. Espera a hora de começar as aulas. Bate o sino. E as portas das salas de aula se abrem. Todos lá dentro. Era o término do primeiro horário. Seu relógio estava realmente certo, isto se não fosse computado o horário de verão. Chegou uma hora atrasada. Com vergonha adentra na sala e tenta se explicar mais tarde – inutilmente. Estudava durante a semana. Os estudos não rendiam muito. Nos finais de semana passeava pelas cidades próximas com a finalidade de conhecer aquele país.

Conheceu a cidade luz – Paris. As ruas eram puras obras de arte. As pontes sobre o rio Sena eram encantadoras. A torre Eiffel majestosamente dominava a visão. Os museus distribuíam cultura ao visitante que neles quisessem adentrar. Saiu do hotel com um mapa em mãos e um endereço no bolso de um amigo que pretendia visitar. Andou pelas ruas da grande cidade. Cruzou avenidas inteiras. Passou por cruzamentos e no caminho pôde tirar inúmeras fotos dos prédios que achava arquitetonicamente interessante. Fez o percurso utilizando exclusivamente seus pés. Chegou, depois de andar aproximadamente quatro quilômetros, ao local indicado. O endereço estava errado. Seu amigo não pôde encontrar. Cansado começou a busca por um táxi que pudesse lhe levar de volta.

Como em toda cidade organizada, o táxi tem pontos certos para embarcar passageiro. Lender não sabia disto. Em frente da estação de trem, um prédio de dimensões consideráveis e de uma beleza artística incalculável, ficou muito tempo a sinalizar para que algum táxi ali parasse. Não conseguia de forma alguma. E a cada novo sinal, o taxista não parava o veículo e lhe sinalizava para que fosse a outra rua. Confuso, depois de passar inúmeros automóveis que lhe indicavam a mesma sinalização, resolveu ver o que tinha na rua do lado. Chegando lá uma fila enorme de

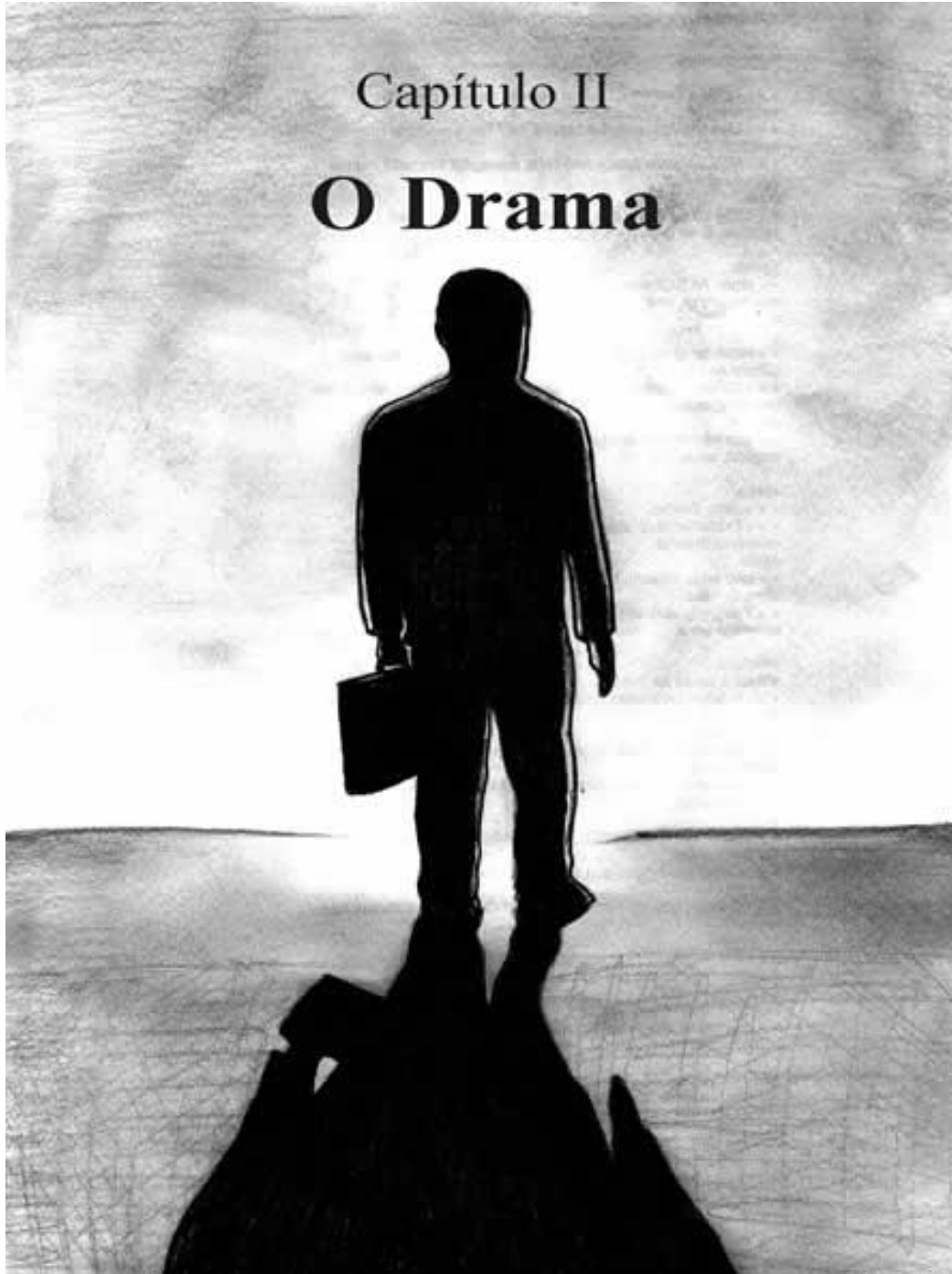
peessoas bem trajadas e com as malas na mão. Pensou que a estação de trem fosse um luxuoso hotel. E os turistas aguardavam a espera do táxi naquela fila imensa. Resolveu arriscar. Então tudo se conectou, era mesmo uma estação e não um hotel. E aquele era o ponto onde todos os taxistas anteriormente lhe indicavam. Pegou o carro. Para piorar o taxista era coreano e somente falava inglês. A comunicação foi estabelecida graças a um mapa cujo nome do local aonde queria ir estava escrito. Ele se guiou por ele e dirigiram-se ao destino desejado.

Capítulo II

O drama

Capítulo II

O Drama



O princípio do drama era igreja, igreja e coro, na catedral da recente cidade reconstruída. Um homem prostrava-se perante a imagem do santo, talvez em sinal de conversão. Tudo observava sem julgar ou fazer menção alguma sobre as intenções daquele que contemplava sua fé. Apenas uma observação mental pela atitude do que lá estava.

Mal esperava a hora de encontrar com seus amigos que moravam em Berlim. Partiu da encantadora cidade do interior daquele país – Freiburg - aonde visitara a catedral, somente com um número de telefone do casal de amigos. Não dispunha de outra informação. O número adquirido através de uma ligação para a empresa do rapaz já parecia ser suficiente. Lender dispunha de poucos conhecimentos do idioma. Pôs-se nos trilhos a aproximadamente trezentos quilômetros por hora. Apenas uma troca de trens durante o percurso. Tudo muito cômodo. Tranquilo. Mas Lender, como sempre, tinha um talento especial para embarcar em situações inequívocas. O que parecia ser um curto trajeto demorou uma eternidade. O trem atrasou por mais de meia hora. Um deslizamento de terra bloqueou um percurso ocasionando uma parada para reorganizar as conexões. Coisa rara naquele país. Mas não era a primeira vez. Das inúmeras vezes que andou de trem somente a viagem de ida e volta não atrasaram quando se deslocava de trem em direção ao aeroporto.

Chegando exausto queria banho e cama. Pegou um táxi, o motorista se perdeu. Apesar de dispor de um mapa que indicava o albergue aonde pretendia ficar. O taxista meio desconsertado recusou-se a prosseguir e desligando o contador de giros fez o percurso de volta para o deixar novamente na estação. Ele porém, como por milagre, avistou a referida instalação casuisticamente, já na metade do percurso após ter desistido de procurar. Ficou assim satisfeito. Calculou o percurso que não tinha sido computado e caprichou na gorjeta. Mais pela honestidade com que o taxista conduziu o veículo.

No balcão de atendimento a má vontade do atendente em esperar que Lender traduzisse palavra por palavra do que estava dizendo, além das mímicas e gestos para melhorar a compreensão, o deixaram irritado. Lender não se incomodava. Estava mais afim do chuveiro e da cama. Após conseguir, resolveu ligar para seus amigos. A comunicação restrita e ineficiente impediu que anotasse corretamente o número. Voltou ao balcão de atendimento. O rapaz se desesperou ao vê-lo novamente. Queria saber aonde poderia trocar dinheiro. Era uma sexta-feira. Todos os pontos de troca estariam fechados – argumentou. E o desespero tomou-lhe conta. Dispunha de poucos recursos para o final de semana passar bem naquela cidade e precisava urgentemente trocar a moeda. A situação se complicou quando descobriu que apenas uma noite ali poderia ficar tendo na manhã seguinte que procurar um hotel para se hospedar.

Estava cansado. Não sabia ao certo as regras. Foi até o banheiro que era coletivo. Não teve coragem de encará-lo. Voltou para o quarto. E espalhou suas coisas pelo recinto. Não se dava conta que o quarto era compartilhado. Por um instante, quando saiu para fazer suas necessidades fisiológicas, que lhe tinham subtraído a carteira. Mas logo descobriu o local aonde havia deixado. Já no beliche, pegou inadvertidamente o cobertor da cama imediatamente acima. Na madrugada o susto. Uma pessoa adentrou ao quarto. Era um japonês. Eles se cumprimentaram. E o nipônico saiu novamente. Lender levantou-se se pôs a arrumar seus pertences de forma ordenada e próxima a sua cama. Inexperiente não usou a chave para colocar seus objetos pessoais no armário. Mais tarde, chega outro que o acorda. Como quem dizia estar pegando de volta o que lhe pertencia. E meio que dormindo, Lender o vê estender os braços indicando que estava pegando de volta seu cobertor. A face fica corada pelo absurdo de inadvertidamente ter

mexido nos objetos alheios. Mas não existia mais nada o que fazer. Somente pedir desculpas pelo engano na manhã seguinte.

É manhã. Ele cumprimenta o japonês. Que sai em seguida. A comunicação se deu em inglês de uma parte e da outra, balbucios de alemão. Ou seja, não havia canal suficiente para estabelecer contato. Passados alguns minutos o outro acima, no beliche, acorda. O pedido de desculpas é finalmente auferido. Com o livro turístico em mãos Lender pede que o colega o ajude a se localizar. Ele muito paciente observa e espera a formação lenta das frases na língua local. Por sorte o jovem é alemão. O que facilitaria muito o desenrolar da história. Lender conta das dificuldades: do telefone errado, da impossibilidade de trocar dinheiro e da falta de conhecimento dos pontos turísticos da cidade. O rapaz observa com tranquilidade e resolve ajudá-lo.

Ambos escovaram os dentes. Arrumaram as camas e depositaram em seguida os lençóis e cobertores no lugar de origem. Foram em seguida para o refeitório. Tudo que ele fazia, Lender tinha por natureza repetir para não cometer falhas. No refeitório se conheceram melhor. Apesar da falha comunicação. Heiko e Lender saíram após o dinheiro do calção ser todo devolvido. E se dirigiram para uma cabina telefônica aonde novamente tentou restabelecer o contato com seu casal de amigos. Confirmou-se assim, o que temia. O telefone realmente estava errado. Heiko estava com veículo e ambos entraram no carro e procuraram em inúmeros bancos um posto automático que pudesse sacar algum dinheiro. A corrida foi em vão. Porém a boa índole de Heiko levou-o a oferecer um abrigo em sua residência que ficava a duas horas de Berlim. Sem alternativas o pedido foi aceito.

Partiram então pela cidade. Heiko objetou passar no supermercado e em seguida num cabeleireiro. E ambos foram. No supermercado o constrangimento de vê-lo gastar para satisfazer seu recente amigo e nada poder contribuir para ajudar. Mas quando ambos no estabelecimento saem observam à porta um caixa eletrônico. Felicidade do que não tem e tristeza do que ajuda. Lender tenta sacar dinheiro. Digita a senha na máquina. Ela não lhe dá autorização. Tenta outra vez e o mesmo acontece. Ele olha desconfiado para o que tenta sacar. A irritação de não conseguir o faz refletir sobre o que Heiko poderia pensar: “Primeiro pega meu cobertor, agora não consegue pegar o dinheiro”. Então resolve ligar para casa aonde seus pais dormem. É madrugada no país de origem. E eles acordam. E o jovem aliviado anota sua senha. O dinheiro enfim é abstraído da máquina. A tristeza do trato desfeito ainda permanecia no rosto de Heiko. Lender argumenta que o acordo ainda continuava de pé e ambos foram para o cabeleireiro.

No salão, a espera. As portas abririam minutos depois. Uma boa oportunidade para formular perguntas e fazer algumas sentenças curtas para se conhecerem melhor e também para pedir o tipo de corte desejado. A multidão se aglomera. As portas abrem. A correria por pegar a senha e esperar a vez. Mas tudo era festa. As coisas agora pareciam estar voltando ao normal. E a intranquilidade de um final de semana ruim já tinha passado. O ambiente do salão era moderno. Às paredes foram propositadamente feridas e aparecia parte do reboco. Nas paredes os quadros traziam homens e mulheres em nudez artística. O ambiente era movido à música metálica. A profissional que banhava os cabelos em preparação para o corte dançava nos embalos da música. Harmonia em toda parte. Alguns cortes bem avançados de algumas pessoas lembravam o movimento ripe de décadas passadas. Chegada a vez de Lender. O pedido que conseguira gravar naquele idioma era que fizesse da forma que achasse melhor. O nervosismo não o deixou querer algo que estava acostumado. Era, portanto, mais cômodo não complicar nesta situação. E ambos cortaram e a gorjeta foi boa pela apresentação que o corte ocasionou.

Partiram os dois para um *citytur*. Visitaram as ruínas do muro. Pararam e tiraram fotos. Em seguida passaram em frente à torre da praça Alexanderplatz. Novas fotos. E já bastava. O registro da cidade estava feito. Caminharam em direção à cidade de Heiko. No caminho o carro apaga. “Será um defeito?” – perguntou interiormente Lender. Não, o combustível acabara. Era a vez dele ficar com raiva do acontecido. O posto equidistava a pouco menos de cem metros. Em sinal de que não havia problemas em empurrar o veículo até lá, desceram do carro e se dispuseram à tarefa. No posto Lender ofereceu dinheiro para partilhar as despesas. Heiko se recusou veementemente.

O trajeto era magnífico. As florestas de pinheiros inspiravam um ar de medievalismo. As fazendas próximas continham fenos enrolados nas pastagens. E algumas plantações se estendiam até à proximidade das árvores. As pequenas vilas eram simples. Não havia muito luxo em seu exterior. Geralmente uma igreja acompanhava as poucas casas desses vilarejos. Viram-se também alguns riachos e passaram-se pequenas pontes até a cidade de Heiko entrar. A cidade pitoresca e o aspecto agradável do amigo deixavam Lender muito confiante. Ambos entraram na casa. E deixaram seus pertences no quarto. O presente que havia trago para seus amigos, em sinal de agradecimento, foi entregue a Heiko, que a todo o instante soube com dignidade e pureza de coração ajudar a quem precisava.

Heiko ofereceu ao amigo um passeio de bote num rio próximo. Ambos dirigiram-se até a garagem aonde o bote se encontrava e o colocou por sobre o carro. Já na margem, retiraram a embarcação do veículo e a depositaram por sobre o estreito rio. Suas águas não eram cristalinas. Meio que esverdeadas pareciam conter muitos resíduos das árvores a beirinha. Não era poluição na certa. E rio abaixo ambos percorreram suas curvas. Era preciso saber a linguagem do esporte para manejar a pá que estava em suas mãos. E pacientemente Heiko explicou por gestos e palavras. E minutos depois Lender já agia como um verdadeiro atleta. A impolgação pelo novo esporte fazia-o exagerar nas passadas e acelerar o ritmo. Não foram poucas as vezes que em distração enroscou a canoa em algum tronco submerso e também bater sua cabeça nos galhos das árvores próximas.

No meio da jornada - uma parada para o lanche. Era uma clareira. Uma espécie de aldeia gaulesa havia nas proximidades. Na clareira uma casa ao fundo e metros antes da cerca uma mesa os aguardava. Colocaram o material de consumo para fora da canoa e dirigiram-se a um o banquinho. Abriram o vinho com dificuldade pelo esquecimento do saca-rolha. Ficaram aproximadamente uma hora a conversar e comer as frutas que trouxeram. No rio outras embarcações coalhavam o trecho da clareira. Eles comunicaram um pouco. E prosseguiram sua jornada. Ambos resolveram guardar as sobras e partir em direção dos outros remadores. No encontro nova pausa para conversas e em seguida partiram à frente, pois a hora marcada para término do passeio já se fazia aproximar.

O encantamento dos pássaros de várias espécies davam uma sonoridade incomum àquela floresta. Era primavera. Os patos desfilavam nas margens com suas crias. Quando assustados iam a debandada abandonando os filhotes assustados. Era o instinto de sobrevivência que falava mais forte. Em alguns trechos, por vezes, alguns alagados formando um pequeno pântano onde os capins do mato desfilavam seus imponentes pendões. E ora pousados neles, libélulas de um azul vivo, ou ora em pleno vôo coloriam os olhos nas laterais. O rio era calmo. Apenas duas corredeiras em seis quilômetros de aventura. Na saída o pé atola na lama. Mas com equilíbrio ambos conseguem sair sem causar a queda.

O amigo chega. O barquinho é lavado e colocado por cima do carro. Voltaram para a cidade. Já na casa de Heiko ele prepara a banheira com sais naturais e o amigo

muito grato toma o banho. Depois de tantas gentilezas Lender convida-o para almoçar em um restaurante. Ambos acertam comer comida chinesa. E tudo caía bem. Era sonho. Era alegria. Na manhã seguinte caminham de volta para Berlim. O amigo se despede com saudades. E a amizade que surgiu de forma inesperada foi assim definitivamente sacramentada.

Na volta para casa, em seus verdes anos, porém não muito criança em sua idade mental, foi ele visitar seus antigos patrícios. O mundo lá, já não parecia muito hostil. Dava-lhe sempre a impressão de que alguém o observava e filmava seus atos. Mas como? Indagava-lhe sempre, pois não via ninguém à sua volta, tudo era apenas sombra de árvores e construções antigas.

A impressão foi aumentando a cada dia que se passava até chegar o momento de regressar para pátria-mãe. Em pleno aeroporto a cena já estava armada. O teatro que antes começara na Catedral tinha sua continuação. Um homem distraía o público, como quem quisesse ajudar. E seus ouvidos eram os únicos imunes ao som do instrumento que tocava. E foram longas horas a distrair a platéia que assistia. E a hora se fez, o vôo partiu, e como pressupunha Lender, o homem não embarcaria, pois sua tarefa já estava cumprida.

No vôo de volta, outro homem cuja idade já dava uma perfeita indicação de ter entrado na terceira idade puxava assunto. Muito simpático e comunicativo sugeria a Lender que não deixasse que o mundo o julgasse como um ser egocêntrico, e que procurasse resolver tudo de forma serena. Pobre Lender, não sabia de nada, nem que sua alimentação continha certos condimentos que faziam a doença corroer seu corpo mais rapidamente.

No caminho a confirmação de que era preciso a declaração da bagagem para a alfândega. Ficou preocupado, pois não havia trago comprovante de nenhum de seus pertences. Mas logo veio a informação de que teriam sido dispensados para aquele vôo e tal checagem, seria apenas de caráter informativo. Chegam à grande cidade industrial. Ele se despede do senhor que lhe acompanhou na viagem. Fica tenso ao esperar sua bagagem. Tinha outro vôo à espera. O tempo era curto para embarque. A mala demora, por sinal quase uma das últimas. Na hora de mostrar o passaporte para entrada no país, apenas o seu não é dispensado e ele entra no país sem ser preciso qualquer identificação. Em seguida pôs-se a correr e pegou outro vôo, já no último instante; uma agradável mulher estava ao lado de seu assento. Do outro lado, uma pessoa ilustre daquele país, que horas mais tarde, no término do vôo, fez um comentário que os problemas já eram muitos e que agora teria mais este, insinuando-se seus olhos na direção do rapaz.

Desconfiado, e desembarcando em sua cidade telefonou para sua casa. Seus pais estavam adormecidos e se propuseram a ir ao seu encontro. As horas já fazia iniciar o próximo dia. Lender era cansaço e perturbação. Seu corpo já estava vencido pelas horas da viagem. Tudo era tristeza, ou o princípio dela.

No primeiro instante com seus pais, o rapaz, se pôs a desabafar sobre o incidente que a sua volta toda havia passado. Mas incrédulos, eles pediram para esquecer o assunto. E não se propuseram a agir sobre o fato. Os dias foram passando, e a situação a cada momento parecia mais tensa. As luzes da rua eram apagadas à noite e dava na psique a impressão de estar sendo alvo de alguma retaliação.

O primeiro dia de trabalho não muito produtivo, pois o cansaço da viagem consumia o corpo, serviu para colocar em dia as novidades de além mar. Todos se confraternizaram em sinal de boas vindas. O sol já batia na janela que iluminava o lago mais a tangente. As fotos postas à mesa alegravam os colegas de trabalho em meio às explicações sobre detalhes da viagem. A sensação do incômodo dos últimos

acontecimentos ainda rodavam sua cabeça. E buscava nas entrelinhas de uma conversa ou outra, pescar algum tipo de informação sobre o que lhe havia acontecido.

Resolveu ir até uma biblioteca para se certificar que realmente estava lhe acontecendo. Era a biblioteca da Câmara daquele país. Passando pelo detector de metais foi diretamente ao balcão de atendimento onde é obrigatória a identificação para adentrar àquela casa sendo também dispensado sua identificação. À medida que entrava algumas pessoas cruzavam-lhe o caminho com a expressão de que já o conhecesse de algum lugar. Ficou mais ainda intrigado. Chegou à biblioteca. Pediu o jornal. Leu, nada encontrando. Dirigiu-se à moça que o atendera tão bem lhe disse: "Deus sabe o que faz". Ela sorriu satisfeita pelo o que ouviu guardando o jornal. Naquela mesma casa resolveu fazer a refeição do meio dia. Estava repleta de pessoas. Pensou que muitos ali estavam a o observá-lo. Mesmo não encontrando nenhuma referência sua naquele jornal não estava ainda convencido de que nada tinha acontecido. Queria saber o que tanto as pessoas observavam nele. Era como que doentio. Terminada a refeição, saiu do recinto e a pé voltou para seu trabalho. Inconformado por nada encontrar.

O jovem, ao final da primeira semana, já percebia o circo todo que estava armado, sua intuição o induzia cada vez mais a se sentir perseguido, tanto na repartição que trabalhava, quanto ao término de sua jornada ao regressar a sua residência. Certo momento, quando já chegara à noitinha em sua casa, notou um certo nervosismo no ar. Seu pai estranhamente o convidou para comer um espetinho de frango numa rua tangente a que morava. Convite incomum. As luzes da rua estavam apagadas. Eles foram ter com o aperitivo. Lá o clima estava um pouco tenso. Sem explicação um rapaz posicionou o ônibus na mesma direção que o pai, Lender e o irmão estavam sentados. Todos com um ar pesado no rosto.

E em seguida um opala preto com dois homens parou nas proximidades a lhes observar. Como quem pressentia algo errado, Lender pegou o espeto, e em seguida argumentou que comeria em casa. Então passaram novamente pelo beco escuro, o carro estranho continuava a lhes seguir, como quem rastreia se o rapaz iria mesmo comer. Lender então, bem a vista dos que observavam, colocou na boca um pedaço e se propôs a fingir mastigar o petisco. Entrando por outro beco, cuspiu tudo fora, sem que ninguém o percebesse. Ao chegar em casa ofereceu a todos um pedaço. Sua mãe estava ao telefone a conversar com uma amiga. Ninguém quisera provar do espeto que se encontrava em sua mão. O rapaz foi até a lixeira e depositou o que carregava. Entrara agora em desespero, tentou telefonar para seu amigo na Alemanha. Caiu na secretária eletrônica. Mesmo sem discar o prefixo internacional. Ele não se dera conta disto, somente meses depois. Foi em seguida para o micro enviar uma mensagem de desespero para todos os seus amigos de internet:

"Preciso de ajuda, favor contatar a embaixada de algum país europeu.

Lender Xxxxxx Cccccc"

Impetuoso, Lender passara a semana inteira a falar sobre atos da esfera federal, estava profundamente revoltado sobre a condição em que seus conterrâneos viviam. Uns em um estado de grande satisfação e gozo material; outros em miséria e privação de sentidos. Na terra dos patrícios, criticara os baloás que cada trabalhador recebia por mês em sua pátria-mãe. O sistema muito injusto induzia milhares a uma vida de precárias condições de lazer e existência.

Certos momentos parecia-lhe que os colegas de trabalho o forçavam a falar aspectos negativos dos países em que esteve. Muito desconfiado das intenções de todos, fugia do assunto evitando falar para não se comprometer. Quando lhe indagava sobre as pessoas que conviveu, ou seja, da sala de aula ou fora dela, pareciam todos saber dos detalhes e também das atrapalhadas, que não muito incomuns, acontecia com ele. Como exemplo, induzido foi a dizer que era nazista e que nutria ressentimentos contra o povo Judeu. Porém Lender nada tinha contra o povo Judeu e os admirava pela capacidade e superação diante das dificuldades.

E os dias se fazia tensos; e Lender estava a falar demais sobre coisas que não deveria. E sua língua não parava de criticar os opressores do povo, aqueles que utilizavam a pobreza para se fazerem ser eleitos e continuarem no sistema de dominação do continuísmo a qualquer preço. E em certo dia perguntara sobre sua irmã que estava a viajar; e seus pais tentaram lhe mostrar uma carta escrita a punho que seu conteúdo era uma ameaça à integridade de sua irmã.

“Querida dona Mariana, gostei muito de sua filha, ela é uma pessoa adorável. Mal espero o dia de retornar e voltar a encontrar com vocês. Ela não para de falar em seu irmãozinho. Vive chorando pelos cantos, mas estou cuidando dela direitinho. Está morrendo de saudades. E também do pequenininho que mora ao lado, estou morrendo de vontade de conhecê-lo também. Sua filha está se comportando bem, pois que também espero que tenhas gostado do presentinho que mandei junto desta carta. Amo todos vocês. Eu ainda não conheço o Lender, espero um dia conhecê-lo também. Um grande abraço para todos. Sua amiga portuguesa. Joana.”

Atordado, e obstinado com seus problemas pessoais, Lender não dava sinais de que realmente houvera compreendido o conteúdo da carta. Depois de uns três dias e de atribulados dias, ele se pôs a ler novamente a referida e veio em sua mente a situação da ameaça. Já tarde da noite acordou e deitou-se na cama de seus pais e lhes indagou se era realmente verdade. Eles confirmaram e desesperado o jovem que raramente chorava se pôs aos prantos. Eles pediram para não se preocupar, pois tinham pessoas que estavam a lhes ajudar.

Ao amanhecer, Lender tocara no assunto, seus pais agiram como se o rapaz estivesse louco. Nada do que acontecera à matina fora mencionado por eles. Assumiram o papel de que estavam preocupados com Lender e que ele estaria a inventar uma outra realidade. Desconfiado e irado pela controvérsia da história, Lender concordou em fazer exames médicos para solucionar o problema, embora havia por completo perdida a confiança em seus pais. Mal sabia ele que estavam todos a ser vigiados e que eram meros personagens de uma trama sem fim.

A ajuda provinha da mídia. Os pais ligaram a televisão. O jornal se processava, sua fala era ouvida por aqueles que lá trabalhavam. Então foi compreensivo e tudo parecia acalmar. Era um absurdo pensar em tais instrumentos, mas era lógico, pois havia comunicação. Os movimentos e perguntas eram compreendidos e tudo se fazia comungar cordialmente.

O jovem foi ao clínico geral, sua mãe demonstrou-se mais desequilibrada do que Lender que a olhava com um ar de que tudo estava bem, exceto a encenação que estava a ser armada. O clínico o medicou e também sua mãe apavorada, e então indicou uma

série de exames com o objetivo de averiguar algum uso de drogas. “Nada a temer, e nada a dever” – proferia o jovem por vezes. Feito os exames todos negativos. O caso passou para um psiquiatra.

No consultório, o pai insistia em dizer os sintomas, como se Lender fosse totalmente inerte e incapaz de sentir o que se passava por sua cabeça. E o médico estava trêmulo. Suas mãos pareciam temer alguma coisa. Antes Lender havia percebido policiais que se dirigiram para o andar superior, talvez fosse isto – pensara Lender. Então o profissional perguntou-o sobre o que estava a sentir: o objetivo pelo qual ali se encontrava; e se havia ele sido abduzido; ou já tivera alguma experiência onde alguém tivesse feito cirurgia nos órgãos sexuais em sonhos e outras coisas julgadas absurdas pela humanidade. Esperto e pressentindo o perigo, sabia que o médico estava a falar de algumas coisas que tinham acontecido com ele anos atrás, mas não se propôs a responder diretamente, preferia sair pela tangente e omitir os fatos.

Já em casa, munido do seu atestado de saúde, tinha medo de colocar os pés na rua, pois a pressão era cada vez maior. Parecia tudo ser um grande ato de dramatização. Onde os personagens eram da vida real. A irmã que supostamente estava sendo pressionada lá na cidade industrial fez com que Lender tivesse cuidado sobre as coisas que diziam. Procurava não criar uma porção de pessoas que pudessem se sentir ofendidas por suas considerações mentais.

Então começou a partir daí o casamento com a mídia. Nos programas feitos em tempo real, havia uma sintonia com os apresentadores. Isto em todos os canais da rede nacional. Ouvia; e por vezes se fazia ser ouvido. Seu fascínio pelos telejornais aumentava sensivelmente. O país estava por enfrentar uma grave crise social. A miséria social condenava milhares de crianças vivendo a catar sobra de comida e materiais que poderiam ser reaproveitados nos lixos, na finalidade de ganhar um sustento. Elas não tinham escola, não tinham casa, pois viadutos não o são.

Dentro deste contexto social, o rapaz se viu na necessidade de deixar uma contribuição significativa diante dos acontecimentos para motivar os cidadãos a olharem para falta de ação que provocava tanta desigualdade social. Deixara a partir daí sua necessidade intrínseca de se dar bem na vida e ganhar dinheiro com a situação. Então começou a enumerar problemas sociais e de forma a provocar um inconformismo naqueles que o assistiam e a gerar, portanto uma forma de movimento pacifista, no sentido da união fazer a força para apagar-se de vez a marca suja da miséria nos arredores dos lares.

Suas críticas pareciam ganhar vulto, embora ilusório vulto fosse. Algo que será mais tarde elucidado. Os problemas lho eram apontados, e por encanto a solução em sua mente existia. Resposta para problemas que há muito tempo afligia a população. Como aquele que afligia os produtores rurais, as pequenas indústrias e as vítimas da seca.

A agricultura do país era o forte da nação. Mas a agropecuária pedia socorro. O leite de baixa qualidade não atendia uma demanda cada vez mais exigente de qualidade e os produtores se queixavam dos atravessadores que levavam grande parte do lucro. Lender sugeriu um sistema onde o produtor fosse aquele que diretamente negociaria com o comércio a fim de elevar o seu lucro. A metade da produção seria destinada para beneficiamento na própria fazenda. A idéia era um leite mais rico em nutrientes. A outra parte seria de uso da indústria a um custo mais baixo para compensar a perda do lucro na produção de leite pelas indústrias. Essas últimas iriam se especializar em derivados a um custo bem menor diminuindo assim o preço final para o consumidor seguido de um crescente aumento nas vendas. O financiamento viria do próprio governo que seria responsável pela modernização das fazendas, propiciando assim, o desenvolvimento do setor.

As pequenas empresas também se queixavam da falta de recursos para modernizar suas instalações. Depois de alguns dias o rapaz propôs que o estado dispusesse do capital que reterá dos bancos para ser o agente propulsor no financiamento do maquinário necessário para movimentar as pequenas indústrias. O esquema era o governo abrir mão de parte do imposto de importação e abaixar os impostos de tal maneira que reequipar a empresa fosse algo vantajoso para quem o quisesse fazer. O empresário teria um período de tempo razoável para pagar o empréstimo a uma taxa abaixo do mercado para quitar suas obrigações.

Campos não floriam na parte nordeste do país. A chuva ausente dava ao olhar do sertanejo a devastação de ver seu rebanho a tomar entre as poucas palmas e espinhos a escassa água dos poços barrentos. Ora insalubre; ora salobra, o animal sem opção a consumia. Não muito distante a cem quilômetros o rio corria em direção ao mar. Talvez seja esta a solução dos que sofrem, pensava Lender. Fazer por meio de tubos e canais por mecanismos de pressão, a água levar da instância mais baixa para a de elevado patamar. E tais sistemas com um rio que na dura estiagem secara, formar poços para a formação de açudes estratégicos com a finalidade exclusiva de fonte de reserva e distribuição dos arredores.

E tempos mais tarde também refletiram sobre a questão do desemprego. A solução era simples. O governo pegaria empréstimos nos bancos internacionais, através de projetos bem elaborados, afins de que o capital estrangeiro realmente cumprisse sua finalidade – a do desenvolvimento. O lema: arcar com a modernização das indústrias. Mas no século atual, modernizar pode representar a diminuição da mão de obra empregada – argumentariam alguns com certeza. O propósito realmente seria este. Diminuir a mão de obra ativa. As empresas modernizadas com dinheiro estatal iriam como consequência produzir bens e serviços numa escala muito maior e qualitativamente melhor. Com o coeficiente do aumento da produção provocado pelo investimento, parte dele, retornaria aos cofres públicos para o cumprimento da devolução do empréstimo e o pagamento dos salários dos funcionários que não eram mais necessários àquela empresa. A cada necessidade de um novo reinvestimento o estado providenciaria nova modernização. As pessoas agora passariam a se dedicar a outras atividades, ou sejam sociais ou artísticas enquanto as máquinas executariam os serviços pesados.

Entre um evento destes e outro, na intenção de prendê-lo na teia que se formava, a sedução colocada como trunfo, na finalidade única e exclusiva de obter sua atenção, Lender se viu prisioneiro do destino. A princípio lhe foi mostrado um amor, que não chegou a refletir em si algo mais profundo. Num segundo, apenas um manifesto desejo que entre músicas angélicas o temor pelo desconhecido se apagou. Porém, no passar dos dias o primeiro que havia sido mostrado aos poucos foi dominando a mente e a paixão desabrochou à medida que as dificuldades se proliferavam.

“O amor é a rosa que ao desabrochar transforma o coração do ser que ama.

Só o amor não corrompe a alma – dele faz brotar o perfume que transborda a alma.

Lindos os colibris que se amam. O sol pode ausentar e não mais iluminar os degraus da escadaria. A lua pode não mais refletir o oceano imenso.

Os olhos podem não mais brilhar como os de outrora. Mas tudo tem suas compensações na vida. Hoje seu coração

pode estar negro, amanhã ele está sorrindo. Tudo é uma questão de olhar o que está dentro de nós.

Gosto de aves e pássaros diversos, das estradas, dos bosques, das cores do jardim florido. Do alecrim, da cotovia, da tulipa que voa em jardins no paraíso e não tocá-los por respeitar a vida.

O lago azul, a vida ao luar, o anel do mar, a montanha e o bondinho, a seresta em enlases. Enfim amo a vida.”

E o amor que sentia desabrochar em seu íntimo o era profundo e intenso. Não sabia esconder em seus pensamentos e nem a alegria de poder rever dia após dia o seu contentamento. Beirava, é certa, a ficção. Pois um estava no lar e a outra metade do outro lado do vídeo. Nada fazia diminuir a afeição por Lender concedida. Um sentimento tão puro. Tão controlado por quem supostamente não deveria compreender o que é de fato o sentir. As teias da manipulação davam um aspecto de futilidade ao que pessoas normais estavam a sentir.

Numa noite destas, recebera a visita de um amigo. Ao encontrá-lo, o amigo veio ao seu encontro e serrando as mãos lhe deu um abraço bem apertado. Lender não esperava aquele abraço. Ficara confuso, mas era amistoso e gentil. Mesmo não sendo muito sentimental o acolhera com carinho. Sentiu algo de estranho um calor que provia de dentro do amigo e que agora passara para si. Eles conversaram um pouco, e preocupado com a segurança do amigo, Lender pôs-se a encerrar os assuntos para que ele partisse sem problemas. Foram os dois até o portão. Um carro branco com três homens estava à espera do outro lado da rua. Pura coincidência talvez, mas a realidade era o medo que estava a sentir depois de tantas “coincidências” ocasionais. Passaram-se os dias e na cabeça de Lender era como se aqueles rapazes tivessem feito alguma coisa com seu amigo. Tudo conspirava contra Lender. Era a paranóia que se formava.

Um convite. A irmã já em casa. Os pais enérgicos: todo tem que ir à festa. Ele desconfia da proposição. Supõe então que se trata de uma fuga. Arruma tudo. Organiza seus pertences e se apronta para a festa. Parte do caminho é completamente deserta. O que preocupa ainda mais sua cabeça. Chegando lá a expectativa do contato chegar. Falsa expectativa. Não havia contato. Fica decepcionado, mas ao mesmo tempo feliz, por pensar que em sua casa estariam os que o perseguiam a tirar as escutas. Ao chegar, um carro acabava de sair da casa ao lado. Pareciam policiais fardados. Um deles, ao sair, encara o pai. Ele fica assustado. Mas é complacente com Lender e lhe abre um sorriso. Pensou: “vai ver era uma armadilha para que fossem filmados ao entrarem na casa”, seu coração parecia mais calmo agora. Sua mãe comenta, como se ouvisse os pensamentos de Lender: “Meu país mesmo é este. Não adianta você pensar que eu sairia daqui”. Porém, a tensão ainda continua.

Capítulo III

As cartas

Capítulo III

As Cartas



Chega ao ponto que não mais lhe é permitido fazer considerações em nível da nação. Então o jovem começa por querer alertar o mundo pela eminência de tantas guerras e que estas poderiam levar a humanidade a percorrer caminhos de grande penúria e sofrimento. Então ele começa a escrever cartas conforme os jornais noticiam os problemas globais. E eis que a *priori*, uma guerra há muito tempo assolava um país da Europa. Uma conferência entre países das Américas estava a se processar nestas terras e o presidente de Cuba sentia-se incomodado pelo bloqueio econômico; e na intenção de contribuir para a humanidade escreveu uma carta:

“Nas últimas décadas o mundo viveu um período onde a humanidade buscou de forma acirrada defender pontos de vistas, ideologias, formas sociais de conduta e uma retomada dos valores provenientes da “fé”; acarretando portanto, uma bipolarização de conceitos. Os efeitos a que se verificaram, entre tantos, foram o aumento da violência, a intolerância e um constante desequilíbrio da paz mundial.

Em alguns casos como, por exemplo, a recente guerra de Kosovo, as nações provaram que juntas podem contribuir para o progresso da humanidade. Os EUA tão logo terminada a parte crítica da guerra se prontificou em oferecer ajuda financeira para as partes envolvidas no conflito, atitude louvável e merecedora do apressamento mundial.

O passado persegue e a era dos extremismos ainda não se findou. Conflitos sempre ocorrerão, pois a transformação deve primeiro ocorrer no indivíduo e dele partir para as unidades familiares. A impressão transmitida traduz a eterna luta entre “O Bem e o Mal” - a ilusória luta – que faz toda a civilização se perder em eternos pensamentos de dominação, poder e dinheiro.

Estão todos órfãos. E muito precisa ser feito para que a humanidade prospere. No campo ideológico, a imposição de normas rígidas à população, por parte de alguns governantes, levou muitas nações à estagnação do progresso (como foi o caso da ex-URSS) e o capitalismo falhou também por se mostrar incapaz de acabar com os sintomas de pobreza e as desigualdades sociais.

Talvez a guerra de Kosovo possa servir como um alerta para que os governos busquem a cooperação entre os povos como meio de fortalecer os laços e diminuir as diferenças mundiais. A Rússia foi capaz de rever seus pontos de vista e optou por abrir suas portas para a retomada do crescimento.

Será que o mundo poderá mudar seu destino? (Vocês mudarão???) É preciso ter coragem para não repetir os erros do passado. A autodeterminação dos povos deve ser respeitada, como também os direitos humanos obedecidos. Como exemplo, Cuba no passado pecou por aprisionar seu povo em torno de um destes idealismos, mas é verdade que o bloqueio imposto levou à tragédia aquele país. E quem perde como sempre é o povo, obrigado a viver privações no seu modo de vida. Por que dizer não à cooperação, em vez de polarizar idealismos capitalistas ou comunistas? Se a Rússia mudou seu rumo, Cuba talvez espere a chance para mudá-lo também.

No campo religioso, por que lutar em nome de Deus se Ele é o mesmo para todos? Não se deve esquecer jamais que embora vivamos agrupados em forma de países, o planeta é apenas um; e a humanidade única. Na vida tudo passa, o tempo faz oscilar; e de extremo a extremo, as intempéries podem induzir milhões a uma 'Hecatombles'.

E vocês mudarão? Terão coragem para fazer mudar?"

E na cabeça do rapaz, através dos noticiários da TV, a impressão de que seu pedido havia sido aceito. A mídia embora amiga se mostrou inúmeras vezes colaborar para que a cabeça de Lender se confundisse e cada vez mais entrasse em paranóia. Era uma indução que não se acabava. E no Reino Unido, via-se pessoas que protestavam por uma maior liberdade de expressão. A Escócia queria sua tão sonhada independência. A comoção era o fator que movia o menino a continuar a pensar e escrever novas cartas. Queria ele que o mundo se transformasse na sua forma tão sonhada – a unidade universal em torno da paz.

“Não contesto óh Dama das Damas, o poder por Deus a ti confiado. Mas olhando para teu reino vejo filhos que choram pela liberdade.

Vós de coração nobre sabeis que o amanhecer da águia a sobrevoar a montanha tem a magnitude de muitos sóis. Vós também sabeis que é triste o pássaro que não percorre a montanha no amanhecer.

Enxugai, óh grandiosa, as lágrimas dos que choram e com eles construa um novo Reino Unido.”

O próximo passo – ousadia. O jovem queria mais, sempre mais. Resolver os problemas que afligiam o mundo. Viu que os povos Árabes queriam a paz e então planejou uma forma para ajudá-los a encontrar o caminho para mais rápido o objetivo alcançar. Dispunha em sua casa os dois livros Sagrados que Deus confiara aos homens. O Alcorão e a Bíblia. Na intenção de promover a concórdia e ciente de que estava sendo observado, se propôs a ler na parte da manhã trecho dos dois livros Sagrados. À medida que a leitura prosseguia, sentia-se mais sereno e a leitura de ambas escrituras pareciam indicar o mesmo sentido, a unidade em torno do Criador.

Lender não nutria nenhum sentimento de desamor por nenhuma religião. Queria apenas um mundo unido, já que as religiões têm por objetivo elevar a alma. E então, com receios de ser mal interpretado se propôs a redigir mais uma carta. Temeroso, procurou escolher bem as palavras e expressar sua admiração pelos povos árabes e o ocidente.

“A fé deve servir para resgatar os valores provenientes da alma e não um agente propulsor da falta de compreensão e do ódio que passa de geração a geração.

Cristãos, Judeus e Muçulmanos por possuírem uma origem comum deveriam se unir na busca da paz mundial.

O mundo árabe carece de estabilidade política. Governos e líderes religiosos juntos poderiam conscientizar suas

populações no sentido da solidariedade, do amor pelo semelhante – indiferentemente ao credo que cada um faça parte.

Na região onde existem tensões, se um lado ceder e declarar sua intenção de guiar pelos caminhos da paz e da cooperação, os outros seguirão na mesma direção. Cabe dar o primeiro passo. E quem se prontificará? E assim, todo o ocidente e todo o Mundo Árabe poderão celebrar da Fraternidade Universal.”

E sempre no dia seguinte ou à tardinha a resposta lhe vinha através da mídia que seu pedido estava a ser apreciado. E como os demais, o pedido havia sido atendido. Outros dias depois os líderes da Palestina e Israel se encontravam para celebrar a paz. Mas Lender queria mais. Não se contentava em parar, então lembrou que mais problemas pelo mundo poderiam ser resolvidos já que suas cartas estavam sendo atendidas e que só o bem estava por fazer. Resolveu escrever uma última carta para as nações que ele sabia ainda ter problemas:

“Carta ao Oriente

As mudanças climáticas em nosso planeta têm causado grandes desastres ambientais. Atualmente o Gigante do Oriente - A China – sofre um desastre de grandes proporções devido ao excesso das chuvas.

Cabe a seus vizinhos, em gesto de solidariedade ajudar aos desabrigados. Os habitantes do Tibet, Japoneses e Indianos juntamente com outros países poderiam concentrar esforços no sentido de coordenar a forma de ajuda em parceria com o governo de Pequim.

O mundo evolui e os desacordos do passado precisam ser superados. A China deve deixar de ser observada como ameaça para ser nação amiga; e o governo de Pequim reconhecer os tibetanos como uma nação solidária.

Acordos no sentido de eliminação de armas nucleares na região devem ser assinados, como também no restante do mundo.

A fé existente na Índia é grandiosa, porém muitos sofrem com o sistema de castas. Não se questiona aqui nenhuma religião, mas a retomada do amor como ponte e alicerce para superar as dificuldades.

O futuro de um Oriente onde seus povos possam viver em abundância de riquezas materiais e espirituais estão em suas mãos. Serão vocês também capazes de mudar como o ocidente está fazendo?”

Para ser ouvido na última carta que escrevera para o oriente, Lender usara como artifício as brincadeiras de balão. O balão era para ele um instrumento de comunicação com o mundo exterior. O dedo ao tocar na bola, soava como um mugido de uma vaca: “MU... mu.... mu....” e que em Japonês simboliza vazio. Então a criança passava horas e horas a brincar com seu objeto de comunicação. Queria se fazer entendido pelos povos orientais, sobretudo com os Budistas, no sentido de buscar a compreensão deles e a

ajuda a seu vizinho que estava sendo castigado pelas torrentes chuvas que se processavam. A mensagem subliminar saía do vídeo: “Eles estão pedindo um tempo e com muito carinho estão analisando a solução que tu destes”.

Veio então o susto. Lender descobrira que estas cartas se encontravam em um livro que outrora comprara em uma livraria. Tratava-se das profecias do *Profeta Nostradamus*. Seria Lender o *Chiren* que tantos falavam? O rapaz, não sabia em que se apoiar. Estava maravilhado e ao mesmo tempo sua mente entrara em paranóia. E assim foi o princípio da *loucura*.

Na insanidade, ele pôs-se a executar as coisas que lhe eram permitidas. As críticas a nível nacional soavam para o garoto como algo proibido. Então se conteve a observar os acontecimentos internacionais. E sucedeu a revolução no Irã. As pessoas foram para as ruas protestar contra o modo em que a influência política levava o país. Lender se propôs a dizer:

“A única solução que vejo, são eleições presidencialistas, no qual todos os partidos possam participar em condições igualitárias, nos moldes internacionais e dentro de 60 dias.”

Então, como havia comunicação com os Telejornais, a informação da solução era por Lender ouvida e analisada. E a mensagem de que estava sendo apreciado o que dissera vinha por meio das entrelinhas dos programas. Na falta do que fazer, a criança já bem crescadinha se divertia entre as peças do jogo de dominó. Gostava de fazer desenhos com as peças; por hora fez um sinal de interrogação como quem pergunta “Mudarão o mundo?”. A mensagem subliminar que vinha do programa um pouco mais tarde era a seguinte: “Você tem tanto poder nas mãos que até brinca com ele”. E o ego de Lender parecia cada vez mais se deslocar para o seu interior. Era, portanto uma tentativa de torná-lo um ser cada vez mais egocêntrico de modo a perder a noção do mundo real.

Insano. Insano. Insano. No dia seguinte a revolução que se dera a favor do presidente daquela nação, havia sido interrompida por outra grande manifestação provocada por aqueles que não concordavam com o advento do dia anterior. Os telejornais cobravam assim uma posição, no sentido de que Lender falasse como resolver tal problema. Chiren (children) não sabia como evitar as mortes que estavam a ocorrer e ao mesmo tempo se sentia culpado por interferir. Mas era certo posteriormente que nada do que dissera por real estava afetando a sequência de fatos. Então brincando com um balão usou seu pai num joguete de palavras que induziam a uma resposta:

“Lender> O senhor entende de probabilidades?

Pai> Não entendo. Não estudei muito sobre isto.

Lender como quem concentrava com os olhos fixos sobre o balão e com a ponta do dedo brincava de equilibrá-lo”

Lender>Estatística elementar o senhor entende? Como por exemplo: Se eu tenho nas mãos dois papéis; um contendo o nome de um Chá e outro o nome de um licor. E, considerando

que o senhor não saiba qual é qual (ou seja, não tenha conhecimento de nenhum), que probabilidade eu tenho de pegar um ou outro?

Pai> 50% meu filho.

Lender>Agora, se eu sei o que gosto, por conhecer, qual a probabilidade de pegar aquele que conheço?

Pai> Ora dessa forma é de 100%.”

Estava aí a resposta que confirmava o que Lender dissera anteriormente. Foi a forma que encontrara para não desmentir o que tinha dito antes. A eleição era o único caminho para que as partes não se conflitassem e o povo assim poder escolher o caminho pelo qual queria seguir. Na telenovela à noite, a mensagem subliminar que estava embutida era a seguinte: “Viu papai, não sabes ler? A resposta já continha a solução”. Onde papai dava menção ao governante que estava a perseguir Lender por aqueles dias.

A espiral continuou, sem base concreta da realidade, cada vez mais parecido à areia, o piso onde a criança pisava. A cabeça lhe pesava à medida que as frases em sua caixa cerebral lhe ordenaram executar determinadas tarefas e ele não as executava. Vinha-lhe a mensagem “tudo tem sua ordem natural e tempo certo para serem executadas, não demore tanto”. E a dor de cabeça nem com remédios era curada. Então ao levantar cedo se pôs ao encontro de seus pais no quarto ao lado e despejou aquilo que o angustiava:

“Sinto como se tivesse sobre os meus ombros dois sacos de 60 Kg cada um. O primeiro fui obrigado a desamarrar. É como se dele escorresse uma areia fina que ao cair, mesmo eu tentando aparar com minhas mãos, me escorregasse por entre os dedos e ferisse os olhos de quem em baixo estava. O segundo eu empurro para longe de mim e vocês insistem em colocá-lo novamente sobre o meu ombro. A areia que deve sair dele escorrerá por entre meu dedo e cairá em suas bocas e seu gosto amargo irá sufocá-los induzindo-os à morte. E ainda não desatei o nó e não quero fazê-lo.”

Os pais se mostraram compreensivos e fizeram por tentar compreender o filho. E estavam cada vez mais certos de buscar ajuda médica. O fascínio pela TV aumentava e sua saúde piorava a cada vez que diante dela se encontrava. As reações psicossomáticas negativas proviam dentro de seu íntimo, em seu exterior as coisas raramente apresentavam reações de anormalidade. E a loucura veio com força. Não dominava mais sua cabeça.

O término do recesso já havia sido concluído e tinha ao seu trabalho retornar. Foi bastante apreensivo e com medo de possíveis retaliações. Mas estava seguro de que nada de mal o aconteceria, pois dispunha de ajuda e proteção. Na sua concepção, iria ele se encontrar aquele dia com a rainha pela qual escrevera a carta. Ela supostamente viria em seu auxílio com o intuito de trazer a liberdade para o filho que estava aqui aprisionado. O trabalho era árduo. Todos estavam um pouco assustados na repartição pela seqüência de fatos desconexos ou pela debilidade mental do amigo que voltara a trabalhar.

A hora do almoço fazia-se presente, todos pensavam que Lender, no prédio, fosse sua refeição fazer, mas optou em sair. Talvez seu subconsciente o alertasse que alguém lá fora o procurava. Saiu do prédio, pôs-se a andar pela longa avenida. No caminho reparou que um grupo de turistas concentravam-se em frente à Catedral. Desviou o caminho e entrou no monumento. Dentro, observou a cruz de madeira, as estátuas dos anjos e na saída viu um grupo de idosos que acabaram de entrar. Uma senhora muito gentil e de cabelos coloridos artificialmente, de cor azulada, sorriu-lhe com os olhos. Na saída da Catedral, sentiu seu coração pulsar como se algo o chamasse para ter com aquela bondosa senhora que sorria. Mas interiormente a voz lhe dizia que não era o momento. A rainha teria que esperar. E pôs-se a prosseguir. Na volta deu uma gorjeta ao mendigo que na porta se prostrava. Então caminhou sobre o sol que lhe rachava os miolos até um conjunto de lojas e almoçou tranqüilamente sem se preocupar com nada.

Pegou um ônibus e voltou para o trabalho. No caminho lhe veio a mensagem subliminar de que a rainha poderia estar em algum museu. Desceu do veículo e adentrou no Museu da Paz. Ao chegar à repartição, informara os amigos que havia ido até a Catedral. Ficaram espantados e chocados com a informação. Não sabia e nunca soube o motivo da reação deles. Uma das colegas de trabalho disse-lhe que estava impressionada com os últimos acontecimentos. A tarde foi curta, muito serviço tinham a desempenhar. No outro dia, passou em frente ao palácio do governo, e viu uma movimentação. Isto também no horário de almoço, pensou que poderia ser Ela, porém não hesitou em descer do veículo. Por volta do meio dia ligou para casa avisando a seus pais que iria a uma palestra sobre obras literárias com uma amiga. Ficou na falsa expectativa de se encontrar com aquela que antes recusara inconscientemente o encontro.

Totalmente sem a razão, na palestra ficou com a falsa expectativa de aguardar a chegada da majestade. Em sua cabeça atordoada a rainha chegara. Tinha no recinto uma mulher com os cabelos cacheados feito à máquina e se comportava como uma dama. Sem sentido disse à amiga que Ela estava no recinto, que seu coração fazia sentir. Ao acabar aquele encontro, se dirigiu a mulher e lhe indagou o nome. Uma estranha coincidência, os nomes eram idênticos, somente o sobrenome as distinguia. Ela se sentiu satisfeita pela consideração feita pelo jovem. Da forma que um plebeu se sentiria sendo confundido com um nobre.

Na volta, o caminho estava escuro e a sensação de perseguição ainda estava muito forte. Para a segurança da amiga insistiu que fosse com ele para a sua casa. Assim ficaria mais tranqüilo. Os dois assim fizeram. No outro dia era o repouso. E passado o final de semana a angústia de não reencontrar com a Dama era imensa. Esperava ainda a oportunidade para ter com ela. Seus sentidos o fizeram levar naquele dia para a repartição, uma chave, que simbolizava o segredo por aquilo tudo estar acontecendo. A razão aparente de tanta vontade de encontrar-se era para avisá-la de um eminente perigo que iria abalar a humanidade. Um planeta que vinha de encontro a terra e a eminência de um plano que pudesse minimizar as consequências fatídicas.

Naquele dia, não houve encontro. E nunca haveria por certo. Pois tudo era alucinação. À noite passou na casa de uma amiga e era essa a primeira vez que passou a conversar com alguém a respeito. Contou-lhe que supunha estar no seu poder o controle de um aparelho doado por uma outra cultura extraterrena e tal instrumento tinha o poder de criar ilusões: como o controle psíquico de multidões. Tal equipamento modificaria os sentidos de forma a criar uma realidade paralela a que cada um vivia. E a razão de estar sendo ameaçado era, possivelmente, estar de posse desse material. Lender era uma espécie de antena, seu amigo Amim seria o computador que tudo coordenava. A junção

de ambos fazia movimentar tal aparelho que no espaço se encontrava. Queria parar, não prosseguir mais, pois os próximos acontecimentos seriam dor e destruição para a humanidade. Questionara-se muitas vezes se Deus fosse realmente capaz de querer eliminar sua própria criação. Como? Se Deus é amor. Sentia-se cada dia pior. Sem dar conta que tudo era manipulação de sentidos.

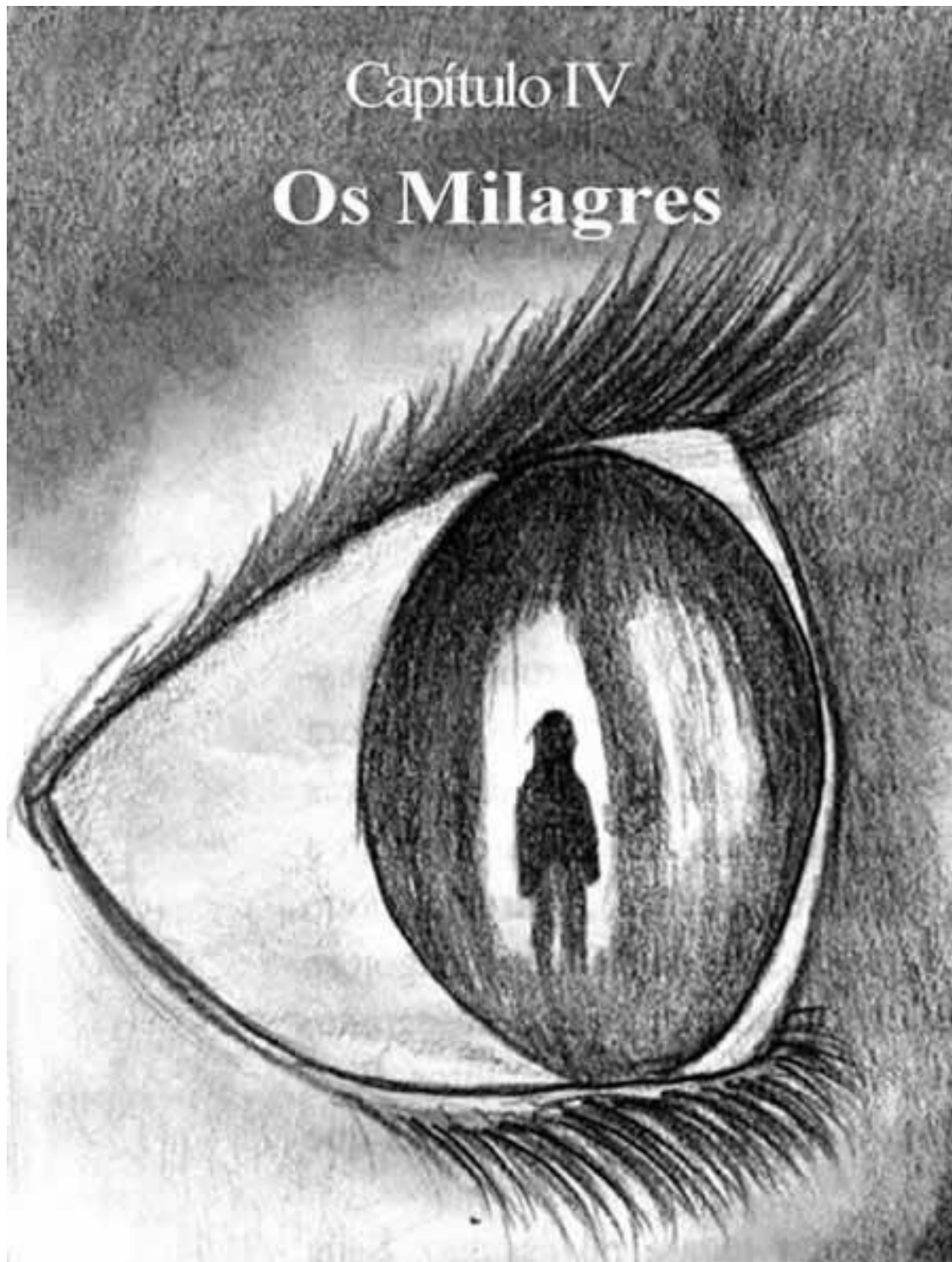
Sua idéia mais fraca ainda fazia-o pensar que seu amigo Amim era o Buda que tanto as crenças e pessoas esperavam. Então diante das dificuldades suplicava que o ‘Mestre’ lhe ajudasse a dar provas de que o poder a Lender confiado provinha da vontade divina. E que todos deveriam acreditar que suas projeções mentais de loucura eram reais e não imaginárias. Mal sabia “Chiren” que tudo eram estímulos implantados em sua psique.

Capítulo IV

Os milagres

Capítulo IV

Os Milagres



Era a fase dos milagres. Na TV uma reportagem sobre a carência no atendimento hospitalar e o sofrimento dos enfermos diante do descaso governamental. A repórter mostrara um estabelecimento em que os corredores estavam repletos de doentes. Os leitos todos ocupados além dos que foram mencionados anteriormente davam a dimensão do caos formado. Crianças agonizavam, bem como idosos. Lender se comoveu, e em estado anormal pediu a seu amigo Amim que curasse os enfermos. E ele curou. Ou melhor, Lender achava que ele os tinha curado.

Na imagem da TV, uma entrevista com duas atrizes famosas. Ao centro um vaso de flores. Mas sem flores. Elas, muito descontraídas, fitavam-se os olhos em comunhão de pensamentos. Então em sincronia com Lender, o ‘Mestre’ fez sair do vaso um galho de flores. Ele foi crescendo até atingir a altura de meio metro. As flores abriram. As duas damas se abraçaram diante do feito. Seus olhos ora se direcionavam para o vaso em sinal de deslumbramento. Num segundo instante, fez murchar o galho e com os seus olhos, O Grande, fez girar o vaso e flutuar até a altura da cabeça. A mágica falha, o vaso quebra. Ele remenda. E um galho de cravos de todas as cores abrem diante dos olhos das encantadoras senhoras.

Horas mais tarde, outra atriz, desempenhava o papel de que grávida estava. O desejo de comer doce de jaca era grande. Não era época. E o ator que acompanha a cena dizia ser fricote da moça. A cena parecia ser ao vivo. Para Lender tudo era direcionado a ele. Pobre moça: pensou. Mas o poder não podia ser utilizado mais como demonstrações de mágica. Mas o ‘Mestre’, desta vez sem que Lender pedisse se comoveu e fez surgir no cenário o doce que tanto a mulher ansiava. Era mais um sintoma da demência.

Um ator há tempos perdera sua esposa. E vivia agora a desempenhar um papel semelhante. Seus olhos - desolação. Sua vida solidão. E a angústia do perder era em seu semblante exposta, nas cenas onde a tristeza se deixava transparecer. Comoveu o coração tal sentimento. E se verdade fosse, Lender desejou ressuscitar sua amada. E no capítulo seguinte, todos foram contracenar no cemitério. Carregava ele no peito uma mágoa, não sei de onde oriunda e que na sua ausência não pôde ser explicada. Era ela culpada de alguma coisa que no passado seu esposo jamais a perdoara. Tamanha era a aflição que o ator não teve coragem para se aproximar do túmulo onde sua deusa repousava. Ela voltara. Ele correu para seus braços e a beijou. Ela se explicou e pediu perdão pela traição que em vida banhou seu coração de rancor. Passados alguns meses mais tarde quando a ilusão estava desfeita e tudo resolvido, ela resolveu voltar. Já sem mágoa. Transparente. Ele compreendeu a partida. No seu olhar o alívio. Desaparece ela em meio ao túmulo. Seu íntimo não mais pesava. Era alívio. Não mais saudade. Apenas paz.

A criança crescida não se contentava em querer dar mais e mais provas de seu suposto poder. E apareceu uma torre que estava destruída pela ventania. E num instante a comunicação telepática se fez e a torre na manhã seguinte estava erguida. Mas os homens do poder não acreditaram e o Primeiro do país novamente indagou que era uma farsa já que a torre fora vista erguida na manhã seguinte. E o ‘Mestre’ fez ao lhe mostrarem uma nova torre que a mesma fosse erguida na frente de todos. E ele o fez. E mesmo assim eles não acreditaram... Pura ilusão de ótica – diziam. “Quero ver mudar sua composição química” – diziam os políticos. Ele fez a mesma torre cair e a ergueu e fez suas colunas primeiramente em prata. E num segundo instante modificou-a novamente e a transformou em ouro. Mesmo assim, não acreditaram.

Uma família muito popular nos EUA acabava de perder mais dois de seus membros em um desastre aéreo. A comoção novamente. O doido se pôs a ressuscitar. E o avião apareceu diante da guarda marítima um dia após o acontecido. E na cabeça de Lender o fato fora esquecido. Então pediu ao ‘Mestre’ que os colocasse em um bote

inflável para que o salvamento fosse novamente observado. E reteram a informação. Novamente pedira que o bote fosse parar no centro da grande cidade, onde todos ali o vissem e não tivessem assim dúvidas do ocorrido. Louco, louco.... Louco.

E um político famoso da época acabara de morrer. Seus velhos anos e experiências fez com que o Primeiro do país fosse até o seu enterro. E chegando lá uma multidão de amigos fizeram o cortejo. E Lender queria lhes dar mais uma prova. E pediu que o morto se levantasse após a saída da última pessoa do cortejo e fosse correndo em direção a sua família. E chegando lá lhe perguntaram: “Não eras tu que estavas morto agora mesmo? E por que viestes correndo? - Vim correndo porque me ordenaram que viesse.”.

As autoridades da época ficaram assobradas ao verem o ex-defunto a atestar o grande feito. Cientes que o feito se repetiria, os políticos já pensando no benefício, ordenaram que atirassem no morto e que o depositassem novamente no caixão. E outro cortejo foi feito, a multidão assustada, novamente se reuniu. Era o caos. E passado algumas horas ele estava lá novamente. Eufórico da corrida. E sem entender o motivo que pessoas corriam e mulheres se contorciam em sinal de espanto. Só medo, nos olhares e nos rostos aflitos.

A terceira tentativa e última. Deram-lhe três tiros. Para se certificarem de que ele verdadeiramente morrera. E para impedir que fugisse, arrumaram correntes potentes e prenderam o artefato de madeira em tais correntes. Maciças e grossas. Nenhuma possibilidade: argumentavam alguns na eminente possibilidade de fraude. E o morto apareceu novamente nas mesmas condições anteriores. E o primeiro da nação negava veementemente a existência de tais fatos. Cético, completamente cético. Não acreditava que o fato fosse realmente verdadeiro. “É um truque”; falava ele com o semblante pálido. E não tinha prova que o bastasse. Ao cair da noite se reuniu com seus subordinados. Queria possuir o objeto que provocava ilusões. Em seus olhos apenas a palavra “poder” aparecia. Os que queriam o poder se lembraram da chave. Seria ela a chave de um cofre onde possivelmente estariam os segredos que explicavam tudo isto? Lembrou-se também que o jovem vinha do admirável mundo velho. Poderia a chave estar na Suíça? Talvez sim, ou meramente não. E a loucura continuou...

E despejou sobre aqueles que teimavam em não buscar a paz, uma onda de calamidades; terremotos,... e fez sacudir todo o oriente como o ocidente. E as chuvas se tornaram mais intensas conforme era a ordem divina. Mostrar a supremacia do Pai. Mas tudo era feito de forma que os mortos destas calamidades eram ressuscitados. Pois Deus era misericordioso e nada negativo poderia provir de Deus, exceto a perda de bens materiais, pois tais bens não vinham Dele: “frutos do homem”. E Amim sempre obedecia e socorria o amigo sempre que sua palavra poderia ser desfeita. Nos instantes que os acontecimentos reais não lhes correspondiam com seu interior.

Lender era loucura. Sua mente confusa pensava coisas absurdas. Sobre as mulheres que haviam sido vítimas da castração, muito comuns em alguns povos, lhes devolveu o prazer. Mas somente para aquelas que concordavam com tal propósito. E observou que seus rostos eram lindos. E havia véus que tampavam suas faces. E muitas delas eram infelizes por isto. Então o ‘Mestre’ fez sobre os painéis da grande cidade oriental, palavras que induziam a paz.

“Paz e amor para o oriente!”.

“O véu não deve mais esconder a beleza e a castração ser abolida”

Os jornalistas queriam registrar o fato, mas os guardas que protegiam a cidade das muralhas e nas ruas estavam apostos a coibir qualquer manifestação ou som e imagem sem prévia autorização. Eram centenas deles disfarçados na multidão. Fatalmente aquele que desrespeitasse a lei seria severamente punido. O ‘Mestre’ então

lhes colocou um sinal. Todo o guarda estaria nas ruas com turbante vermelho. E a mágica se processara. E os jornalistas filmavam e fotografavam todos os acontecimentos. Os painéis ora apagavam e as frases que induziam ao amor se proliferavam. A multidão que via o milagre louvava a Deus e ficavam maravilhadas do feito por Ele permitido.

Algumas mulheres iam em direção aos guardas e enérgicas argumentavam que era o Pai que ordenara. Todos estavam atordoados. Um repórter com sede de tirar melhores fotos não se deu conta que um dos turbantes vermelhos estava próximo e o observava no seu trabalho. Tarde demais. Correu por entre ruas e dois o seguiam. Então depois de algum tempo conseguiu entrar em um beco e despistar os guardas.

Toda manhã e tarde o movimento natural da cidade tinha virado aos avessos. E ao chegar da noite os painéis voltaram ao normal. Então os políticos disseram: “Viram, ele é um profanador, veio aqui somente para nos causar temor e confusão”. Então o ‘Mestre’ fez irradiar seus olhos despejando nova mágica. E nos painéis que outrora pareceram palavras de ordem, agora faziam apagar a imagem daqueles que seus atos ceifaram muitas vidas no passado. Nenhum retrato ou imagem em vídeo. Tudo apagado. E em seguida o fogo consumia os cartazes. Numa casa próxima um fenômeno sobrenatural aconteceu: o retrato que estava em um computador estranhamente pegava fogo. E a noite inteira as chamas iluminavam como lanternas aquela grande cidade.

Naquela mesma noite um barco afundara. E os céticos falavam: “Se é bens verdade que tens tal poder por que não os salva?”. E o ‘Mestre’ pelo pedido de Lender os fez na manhã seguinte emergirem seus corpos; mais de cem pessoas que no naufrágio tinham perecido. E as provas eram escondidas para não causar espanto da população. E os governos confabulavam entre si, sempre com o intuito de obscurecerem os acontecimentos. Afinal, o sistema de dominação iria perecer. E os homens das leis queriam exclusivamente o poder.

E a torcida toda fazia festa num país vizinho. E não havia confraternização. Os gritos da multidão incitavam à briga. O ódio presente no eco das centenas de vozes. E no hino do país de Lender o desrespeito. Muitos iam. E ambos, ‘Mestre’ e Lender se ressentem pela falta de respeito ao próximo. O jogo, instante depois, inicia. E aos cinco minutos da partida um incidente torna lamentável o show. A perna de um jogador é o alvo. E novamente os dois se ressentem. Deus é amor, e assim sendo, Lender fez por intermédio do ‘Mestre’ que os doentes de um hospital próximo ficassem curados e até o estádio fossem para lhes dar o depoimento. E a cada novo gol o ‘Mestre’ fazia com que os mortos daquele dia, e dos dias subseqüentes saíssem de suas tumbas e fossem dar seu depoimento.

O jogo continuava. A multidão que era raivosa a cada momento parecia acalmar. E ao estádio chegava a todo o momento mais e mais pessoas a dar depoimentos. E nas arquibancadas se ouvia a todo o momento pessoas a deporem suas experiências:

Está me vendo, tinha câncer.... Hoje estou curada – dizia uma mulher.

Eu operei de um tumor no cérebro e morri ontem. Hoje estou bem. Estou vivo!

E o segundo gol...

Curei-me... curei-me... tinha tuberculose.... Estou saudável....Quer ver onde ficavam minhas feridas?

#Morri anteontem... Meu coração foi enfartado...

E os torcedores ficaram boquiabertos. O jogo já não lhes fazia mais sentido. O locutor desesperado pedia: “menos,... menos... sem exageros”. Ora um torcedor aqui reconhecia um parente ou vizinho que havia de fato falecido e a berrar e correr para longe dali se dispunha. Os que não acreditavam, foi gol após gol enfraquecendo em suas crenças. Não tinham mais força para berrar os palavrões do início do jogo. Tamanho era o assombro. E o jogo já não era o que prendia a multidão. E o estádio foi se esvaziando... esvaziando.... No final as luzes se apagaram para omitir o fato que lá tudo acontecera.

Tinham pessoas que sonhavam cantar, mas o dom Divino, não as tinham abençoado. E os ouvidos dos que ouviam doíam pela falta de melodia e sonoridade. E o ‘Mestre’ fez que suas vozes saíssem como mel. E cantavam, e seus cantos eram hinos que levavam a platéia ao delírio. Lender sempre os ouvia da forma original que chegaram ao mundo. Isto porque o maior defeito do rapaz era a vaidade. E Deus não queria que se envasilhasse de seus feitos. Tudo para Lender era vedado o real significado. Uma desculpa perfeita para uma mente que insistia em ficar no ilusório.

Outras pessoas, porém desejavam que seus ouvidos fossem agraciados em ouvir no limite permitido. Eram aqueles que trabalhavam nos boxes das corridas de veículos. Muitos perdiam muito cedo a capacidade auditiva devido ao barulho excessivo. E algo precisava ser feito. Então como milagre, o ‘Mestre’ fez a corrida de forma que o barulho não fosse sentido. Todos ficaram maravilhados. Porém constataram que a monotonia seria tamanha que não mais o público iria prestigiar. Então voltou ele tudo ao normal. E para maravilhar ainda os que lá estavam corrigiu o problema de audição dos supostamente afetados. Novamente a comoção... novamente a loucura. Não se contentando, tratou de ajudar a outros que conhecia, e se lembrou do amigo que conhecia próximo à sua casa. Pediu, como de costume que o problema fosse totalmente corrigido. E o foi. Sem sentido... sem sentido caminhava o jovem.

Houve um acidente. O que corria teve a perna ferida. No vídeo a visão do acontecimento. Aquele dia foi triste. A sensação de assombro e preocupação. A corrida parcialmente interrompida. A espera. A conclusão de que o piloto não morreria. A continuação. No hospital o laudo: suspenso este por problemas físicos por dois meses. A cirurgia: pinos e placas. Na foto a constatação. E Ele o reparou. Fez os ligamentos voltarem como era antes. E ele pôde correr. O repórter se comoveu com a cena. Dizia estar emocionado com o acontecido: “é de arrepiar, estou emocionado”.

Um homem há muito tempo deixara seu vigor e seu desejo sexual por mais que tivesse não o fazia chegar ao clímax. Frustração. Sua namorada já desconfiava de sua virilidade. Sempre de cabeça baixa, não entendendo o motivo que o fazia “não inclinar” o sexo, procurou especialistas que o pudessem ajudar. Nada. Solução não existia. O seu problema era condicionado ao fator psicológico apenas. A pior das doenças. Procurou vários especialistas. Nenhum tratamento surtira efeito. Lender pediu que o ‘Mestre’ corrigisse o problema. E o fez. A libido aumentava. O sexo nunca se desenvolvera como antes. Tinha agora o vigor e a potência de dois homens. Sua vida era prazer carnal. Lender: doido... doido...

Do trabalho saiu para almoçar. Sentia vontade de comer algo diferente. A comida chinesa lhe caía bem. Foi ter com ela. Na volta, como de costume: o sorvete. Uma mulher passava em sua frente com uma das pernas. Tinha as mãos apoiadas na muleta. Ele pensou em curar... e mentalizou uma nova perna crescendo e lhe dando mais vida. De costas ouviu o ruído da madeira cair no chão. Teria ela jogado fora – pensou. E na escada rolante um homem vinha em sentido oposto na escada ao lado. E tinha uma das visões arrancadas. E Ele lhes deu vida. E naquele shopping inúmeras pessoas comentavam os acontecimentos e olhavam para Lender como fossem

testemunhas de tais feitos. Riam, é certo, mas para Lender não era fantasia. Nenhum estímulo desses era percebido a nível real e sim psicológico. Todas as alterações sempre eram interiores.

Um ônibus caía em plena rua indo desembocar num rio de uma grande cidade. Pessoas corriam assustadas enquanto os bombeiros se deslocavam aflitos buscando resgatar os feridos e retirar os corpos dos que estavam submersos. Lender: “ressuscitem,... ressuscitem...”. E se contentava em ver o depoimento dos que supostamente teriam morrido de volta à vida novamente. Vira também o depoimento de um técnico de uma seleção famosa, que há muito tempo não reencontrara com seu padrinho. Os anos se passaram e o passado humilde dele se distanciou. E o padrinho faleceu. Tinha um grande pesar por não tê-lo reencontrado em vida. O ‘Mestre’ reviveu seu sonho. E da imagem fez renascer seu padrinho. Disse o mestre: “Ide ao encontro dele agora, ele está lá te esperando”. E na TV os dois se reencontraram. E era pura emoção. Emoção de um tempo que estava a muito para acontecer e tinha ficado para traz. A lucidez a esta altura era por certo nenhuma, via Lender sempre os fatos adulterados. A realidade que criara estava sempre distanciada da verdadeira realidade que o cercava. Não tinha assim nenhuma noção das coisas, sua cabeça pairava sobre a ilusão.

Chegada hora de deixar de lado o amigo Amim. Lender possuía a chave. Os políticos e os homens do poder queriam possuí-la. Ela era a porta para manipular o equipamento extraterrestre. Já haviam feito duas tentativas para que a chave fosse roubada. A primeira, uma pessoa assumiu a forma de sua mãe e lhe veio abraçar. Lender recusou o abraço veementemente. Os olhos dela continham um ar de maldade. Ficou duro como uma estátua. Não queria o contato. Então mentalmente conversou com Amim e lhes transmitiu instruções sobre a que condições poderiam ser entregues o objeto. Articulou que o poder somente poderia ser entregue àquela pessoa cujo abraço fosse recíproco. E que nenhuma pessoa que estivesse sobre efeito de outro ser dentro de si, poderia então, possuir o mecanismo. A chave era visualizada como uma força magnética que se concentrava sobre o chacra do abdômen. Tinha até então essa energia o formato de chave.

Na segunda tentativa de possuir o mecanismo, eles enviaram uma amiga, que ao abraçá-lo sentiu a presença do magnetismo, mas foi incapaz de conseguir abstraí-lo, pois não sabia o procedimento. Então refez suas correções. Por precaução pediu a Amim a elaboração de uma cópia da chave que deveria ficar dentro da nave. Para que ninguém jamais pudesse pegar. E caso acontecesse o poder da nave seria apenas a metade do que naquele instante teria. E se certificou de todos os outros detalhes.

Em sua cabeça nebulosa, agora seu amigo Amim estava sendo perseguido. E sua vida corria risco. Tinha-o dado como morto. Já que as comunicações mentais não mais ocorriam. A solidão tomava conta. E começou a lembrar de seu amigo Celo. E a cada nova lembrança uma sequência de outras novas lembranças foi tomando espaço até que a razão já não era tão razão assim, pairava novamente a loucura sobre sua cabeça. Esquecera do que passara com seu amigo Amim e possuía outro que acompanhava sua mente em mensagens telepáticas.

Celo em um período difícil de sua vida visitava como frequência Lender. Foram muitas as noites que a angústia a florava em seu peito por não mais ter o amor da jovem Aline. E entre conversas e outras trocavam suas apreensões pela aproximação do final do milênio. Lender apesar de gostar muito, procurava não dar atenção, pois este assunto o deixava muito impressionado. Ambos tinham literatura sobre tais assuntos. E de vez em quando trocavam idéias especulativas sobre o que aconteceria de fato por estes anos. Nada em profundidade.

O jogo começou. A cada novo programa de televisão sempre a recordação de algum fato que seu amigo Celo lhe havia falado. E eram muitas as mensagens subliminares que aos poucos iam tomando conta e dominando a cabeça de Lender. Mas sempre pensava se tratar de seu amigo. Não desconfiava de nada. Completamente envolto naquela situação.

Nas cenas, nos programas de televisão, eram abstraídas palavras que por sentenças soltas não significavam nada. Mas Lender as guardava, pois sabia intuitivamente que sua junção teria uma mensagem oculta a transmitir. Numa destas cenas uma mulher ensinava como fazer uma iguaria. Cada ingrediente que colocava lembrava por processo de associação uma palavra que pertenceria à sentença. Os ânimos dela agitavam. Talvez pelo medo de ambos acertarem. Intuitivamente seria uma mensagem que indicaria a época em que o planeta chegaria. E depois de muito tentar e associar aqui ora ali a sentença foi armada: “Quando a lua estiver cheia, no lado escuro fará presente uma nova civilização. E a pirâmide será mostrada e a Terra irá girar como peão e de sangue será embebedada. Tudo isto quando os galhos da laranjeira estiverem desabrochando.”. As mensagens não eram munidas de conteúdo de verdade, mas Lender acreditava cegamente nas proposições. Pois era um evento inexplicado.

Um dia observando suas mãos, começava a sensação de ouvir as recordações do amigo. Olhou para a mão esquerda e descobriu na leitura de suas linhas a imagem de uma criança sorrindo. Achou engraçado e recordou de quando era criança e se contentava em dizer que aquele seria seu amigo por toda vida, já que no corpo pertencia a imagem. Olhando nas linhas da base do polegar viu as imagens de algumas folhagens e suas folhas eram parecidas com corações. Lembrou-se que na fazenda de seus tios havia um buraco aonde o mato cresceria e a vegetação das árvores era muito densa e parecida com as que em suas mãos estavam. Prosseguindo o mapeamento das mãos, descobriu em um dos dedos uma lagartixa, em seguida uma lacraia, teias de aranha, um gato do mato e uma pirâmide com um olho ao centro no dedo indicador da mão direita. Estava nas semanas próximas ao último eclipse do milênio. E a conjuntura influenciava o delírio. Nova sentença foi formulada: “No dia do eclipse, sairão como em formigueiro, os seres que habitam as profundezas. Eles serão encontrados num buraco onde as folhagens são densas e dentro de uma fazenda. E adentrando no buraco, próximo a terceira cavidade deste, encontraram uma pirâmide. Ela contém poder.”.

Certo que outras pessoas poderiam também estar rastreando aquela informação, despistes eram necessários. O estímulo indicava que a pista era falsa, isto para distrair a atenção dos ufólogos. E para não fazer a fazenda encher de observadores e não causar tumulto para os moradores, outra direção foi apontada como sendo o local onde o evento ocorreria. Era como se Celo mentalmente indicasse o local exato aonde, supostamente, Lender quando criança seria levado para dentro da pirâmide sendo-lhe entregue aquele dom especial. Tinha dentro de si, no coração, o terceiro olho, no qual abria todos os segredos do universo.

Mudava agora a mensagem, já não era mais lá que estava a pirâmide e sim em sua terra natal. Não era mais pirâmide. Era, portanto uma experiência do exército que clonava crianças. Às crianças recém nascidas, eram adicionadas umas programações sem que seus pais soubessem em suas cabeças. Parte de material genético era armazenada para posteriormente fazer o clone da primeira. A marca no dedo da criança sorrindo, a indicação do fato. O clone por estar ligada diretamente a matriz, conservava informações cromossômicas que o permitiam, matriz e clone, a interligação indireta. Um passava a ser memória do outro. O clone adquiria uma vantagem relativa sobre a matriz: a possibilidade de avançar-se no tempo e assim tomar conhecimento do que

aconteceria com sua outra parte. De forma que, a diferença de idade entre os dois seria a partição de tempo que o clone iria visualizar com antecedência.

Mas os ufólogos desconfiavam ainda da possibilidade da pirâmide. Então urgiu a necessidade de nova pista. E a pirâmide não mais localizava no país, agora na cidade de Cuzco encontrava-se o equipamento extraterrestre que tanto procuravam. Era uma pirâmide escondida pela floresta nas proximidades daquele sítio. A justificativa: uma seita cuja finalidade era alertar o mundo da chegada do planeta dispunha da tecnologia e sabia como manipular os equipamentos e portanto controlar as funções cerebrais do garoto.

E a alucinação inicia. Lender assiste a outros programas de TV. A novela destilava veneno. Os personagens brigavam pelo poder. Um deles simbolizava o mal e em seu trabalho, montou um local para cultos satânicos. Uma das imagens se assemelhava a uma obra de arte que um dia vira na casa de amigos. Era preciso encontrar alguém que estivesse disposto a ir de encontro à pirâmide para resgatar a sua liberdade. E o filme começou. Nas primeiras cenas uma teia de aranha; era um local parecido com uma caverna. O filme retratava uma realidade fantástica. Em seguida uma ponte. Nela a lembrança de que pontes representam a ligação entre dois distintos caminhos. A lembrança da máscara vem á tona. Em seguida o ator contracenava com uma máscara. Algo parecido com um crânio. Era um anel no dedo. Nova pista. A negação da pista anterior. Tratava-se de pessoas de boa índole e em sua visita até a residência destes profissionais o tratamento exemplar. . Na Segunda ponte a descoberta: todos eram ufólogos. Matava-se a charada. Seriam elas as pessoas que chegariam até a pirâmide.

Mas para Lender, eles como todos, tinham conhecimento do que estaria acontecendo naqueles dias. Então na manhã seguinte era preciso articular um plano para que não fugissem pensando que seriam acusados de magia negra. A casa suja fez Lender pegar a vassoura e refletir sobre aqueles fatos enquanto varria. Lender começou a cantar músicas que tranquilizariam seus amigos.

“ Não faria nada que teu coração pudesse ferir... por isto acalme, não vá embora não... não vá emboranão!
Meu coração bate feliz quando te vê... Por isto acalme não vá embora não... não vá...
Trabalhar na terra, produzir o sustento da terra, pegar a pá, a enxada e lanterna e calçar a botina. E encontrar o mel”

Alguns instantes o jovem esquecia e cantava algum trecho de música que poria tudo a perder. E ficou a cantar mais de meia hora. Sua mãe dizia que já estava sendo demais. Que parasse de cantar, pois iria estragar tudo. E no exato instante Celo que estava com uma equipe de jornalistas coordenou uma equipe de busca até o local onde moravam. As músicas que Lender cantava, para ele, estavam sendo passadas em alguma rádio que fosse de domínio público. Então supôs que seus amigos, depois de compreendida as mensagens, já estariam tranquilos. Chegando lá, o jornalista com a kombi encontrou oito rapagões vestidos de cima a baixo com trajes para escavação, além de picaretas e martelos. Com a finalidade de ocultar o fato a demais pessoas que também poderiam estar ouvindo, Lender mudou o discurso: “Armei uma arapuca na estrada, para pegar uma mulher, mas não peguei, peguei um baita de um morenã que meu coração gelou.”. E assim foi pegando um por um e descrevendo a cor de cada um conforme a seqüência que estavam todos enfileirados. O coração dos oito agora tremia, seriam presos - supunham. Mas tiveram antes a possibilidade de fuga, e cientes de que

não tinham feito nada preferiram ficar e prestar depoimento. Entraram todos na kombi. O jornalista se conteve sério. Queria rir, mas não podia. Seu ar sério amedrontava ainda mais aquelas pessoas. Seus semblantes preocupados tentavam dar explicações sobre a loucura de Lender, mas impossível era explicar naquele instante. Entraram no veículo. E foram levados para um prédio da imprensa. Lá ficaram por alguns minutos. Queriam todos a certeza de que eram os homens certos. A comprovação viria de Celo. Através de sua ligação metafísica com Lender.

Acabava então de varrer a casa. Visualizava a cena que acabava de ocorrer. Sua cabeça estava tranqüila, pois viriam deles a possibilidade de ajuda. Corriam bem o transcorrer dos fatos. Não tendo mais nada que fazer, deitou no sofá e ficou a brincar com as mãos. Então veio a recordação dos desenhos antigos: as teias, a lagartixa, as lacraias, as folhagens... o formato da pirâmide e a localização exata onde estaria a suposta pirâmide. Celo fechando os olhos transcrevia os desenhos que Lender possuía em suas mãos. Tudo acertado. Realmente eles eram os escolhidos. Os detalhes do plano foram acertados após a conclusão do último desenho. E partiram.

Agora só faltava para Lender esperar. Ligava-se cada vez mais nas novelas. A comunicação, sempre a comunicação com os personagens. Numa delas o tema traduzia o sonho de uma vida melhor, outra a loucura pairava sobre o personagem principal e numa terceira, aflorava o veneno pela busca do poder e da vingança pessoal. Todas estas coisas de certo modo identificavam-se com o garoto. Fato este que cada vez mais adentrava na vida dos personagens e participava dos dramas como se fossem seus.

No telejornal a notícia de que o rapaz estava livre. Os sintomas de anormalidade diminuía com frequência. E comunicando-se com tais pessoas, poderiam controlar suas ações e reações aos estímulos que provinham da máquina. Mas a tecnologia nova deveria ser testada. Então sua prisão continuou. Queriam todos testar as propriedades da máquina. Liberdade era um sonho que cada dia que passava se tornava distante. Primeiro começaram com uma intensidade elevada de estímulos que o deixou meio atordoado. Depois foram recalibrando até chegar na frequência desejada.

No dia seguinte começavam novos testes. No telejornal, os caracteres que indicavam o nome de quem era entrevistado, ora eram escritos com um sombreado em azul e em outros casos em preto. A mensagem subliminar transmitia que o garoto deveria, conforme fosse a ele apresentado, ler apenas o conteúdo das reportagens onde a tarja azul aparecesse. Nas demais deveria evitar a leitura. A cabeça dele contorcia a cada instante que sua visão via uma tarja preta. Não queria ler, mas os olhos em conexão com a mente reproduzem a informação quase que instantaneamente. Por vezes, parecia se repugnar de alguma coisa que tivesse observando. Isto na visão de quem estivesse presente no recinto. Feito o teste: positivo. Cumpriu satisfatoriamente o proposto.

Pensando ser ouvido por todos que naquele instante assistiam à TV, e que os testes por causar assombro afastariam o grande público, ele optou em combinar com o apresentador do jornal tempos para retornar ao canal, de forma que no período de propaganda não estaria lá presente. Marcou o primeiro tempo. Três minutos, apenas três minutos. Ele cronometrava com seu relógio de pulso. Ao terminar os três minutos voltou e naquele exato instante também a apresentadora. Seguem-se as reportagens. E novo intervalo é anunciado. Três minutos como o anterior. É cumprido o prazo. Ambos voltam exatamente ao mesmo tempo. Novas reportagens. Novo intervalo. O acordo está de pé. O garoto se distrai e fica alguns segundos a mais em outro canal. Volta aos três minutos e aproximadamente quarenta e dois segundos. Incrível - argumentaria. A apresentadora volta no mesmo instante. Até aí poderia ser uma absoluta coincidência. A última reportagem. Uma mulher confecciona em molduras cacos de cerâmica. É mostrado o fruto do trabalho. No quadro a menção: três e quarenta e dois.

Além disso, a ilusão do planeta que se aproximava não foi desfeita em sua cabeça. Para ele tudo servia para distrair as pessoas enquanto os fatos seguintes processavam. Os programas de TV agora tinham outra conotação. Passava um desenho animado. Os estímulos processavam. Na tela dos que assistiam aos caracteres do que supostamente ele iria pensar. Pronto. Aconteceu. O programa de TV acertara. As pessoas ficaram maravilhadas e com ar de espanto. “Será mesmo que está dizendo a verdade? Haverá mesmo planeta?” – indagava aqueles que se prendiam às imagens. E foi uma infinidade de desenhos. Cada qual com uma frase subliminar que sempre indicava com um estímulo a palavra que deveria falar.

Mesmo a televisão ausente, a conexão existia. Uma seqüência de palavras vinha sem justificativa à tona. Na sua concepção, na programação, algum apresentador estaria mostrando um cartão com a imagem do objeto ou coisa que acabava de pronunciar. Sempre acertava. Tudo coincidente. Em certos cliques internacionais também o mesmo efeito acontecia. Nos filmes pastelões, mesmo a língua sendo a do país de origem, os objetos eram facilmente identificados e codificados.

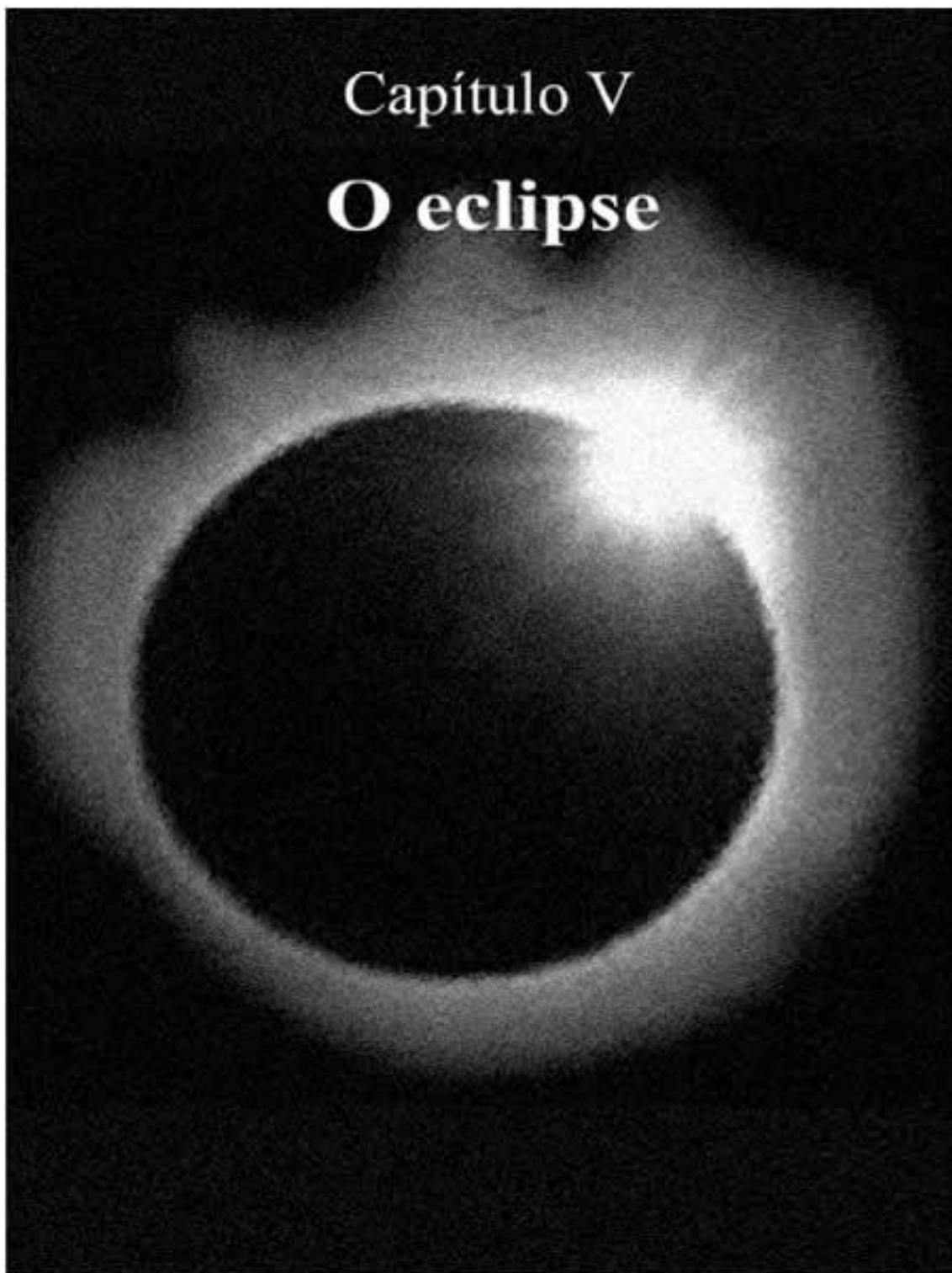
Manipular um objeto à mão, como uma pequena bolinha, significava uma informação, ou seja “Eu te amo”, ou simplesmente um “sim” ou um “não”. Brincar com um cordão e fazer nós simbolizavam até mesmo algumas sentenças mais longas, como por exemplo: “A terra gira, e passará pelo primeiro, depois pelo planeta, no segundo, e pelo terceiro tudo já se equilibra. E volta a seu curso normal.”. Uma caneta para Lender sugeria também proposições simples como a bolinha. Ou seja, qualquer coisa poderia ser motivo para criar alguma ilusão. Estas coisas juntas misturavam informação passada com o instante presente. Bolos, tortas, massas... outras formas de elaborar tais sentenças. Os ingredientes ou pela aparência ou pelo sabor ou mesmo pela grafia eram associados a outros elementos. Uma alucinação tomava uma reserva de valor positiva. Dava-se veracidade a um fato que nada representava. Uma peça que a mente quotidianamente pregava sobre o rapaz. E Celo sempre coordenava tudo.

Capítulo V

O eclipse

Capítulo V

O eclipse



Na parte da manhã resolve Lender cortar seu cabelo. Já a muito chegara da viagem e seu corte por completo estava desfeito. Chegando lá, um dos primeiros ao atendimento, sentou-se na cadeira para massagear os cabelos. Sua mente era perturbação. Era induzido a todo o instante a pensar o nome de cada material que no local havia. E não podia ver um brinco que logo falava: ouro, prata, metal, plástico... E se madeira: mogno, cerejeira,... Sentia-se ouvido. Mesmo sem pronunciar palavra alguma. A cabeleireira parecia um pouco assustada com o comportamento do rapaz. E antes de sair de casa a mensagem subliminar induzia-o a lhe dar um troco que fosse justamente um valor que Celo previamente anotara em um papel. O serviço é executado. O troco lhe é dado. E para que não pensassem se tratar de uma fraude é depositado nas mãos da mulher as moedas. Em dinheiro uma nota de dez. O valor do corte era sete baloás. Pedia-lhe que apenas lhe devolvesse dois baloás. E as moedas dariam o restante do complemento. E foram noventa centavos de baloás. Total: nove baloás e noventa centavos. Incrível, Celo acertou a exata quantia. E saiu daquele recinto sem comprovar a veracidade. Mas estava certo que acontecera. O fato estranho. Tinha antes de sair apenas três moedas na carteira. E ao despejar era uma quantidade enorme delas que caía nas mãos da cabeleireira. Então era o primeiro dos milagres do dia – tinha por suposição.

Intuitivamente ao arrumar seu quarto, horas mais tarde ao corte, a irmã de Lender encontra um texto antigo falando sobre a hipótese do fim do mundo. Como num ato instintivo e querendo se desfazer do papel pede que ela o deixe por ali e em seguida o deposita no lixo. No mesmo instante o telefone toca. É uma amiga. Ela fala enrolado e pouco Lender consegue captar. Ele supõe que deva pegar o papel de volta. E o faz. Corta-o sem saber porque e o dobra em formato de cruz. Deposita-o sobre a cama. Pensou: “deve indicar o dia no cataclismo”. Então dobrando mais uma vez um dos braços da cruz, se depara com três possíveis dias: 23, 24 ou 25, daquele mesmo mês de agosto. Mas a data estava imprecisa. Lender não sabia o dia. Intuitivamente pegou uma rosa de metal que ornamentava a estante de sua casa e despejou sobre o papel, mas a folha da rosa também não parecia nada indicar. Voltou para a cozinha e colocou num copo que tinha o formato de um cálice d’água e despejou por sobre o papel. E saiu do ambiente. Algo esquisito: o líquido que escorria para baixo se locomoveu para cima e assumiu exatamente o mesmo formato da pétala. Indicando aparentemente o dia do evento. Mas o dia estaria velado para Lender apenas Celo saberia interpretar.

Em sua casa uma prima o visitara. Ela assiste tudo de longe, mas parecia compreender o que se passava ali. Ela mostra o álbum de fotografia. Ambos vêem. Ele então começa a intuir palavras das imagens assustando-se ainda mais. Todos vão para mesa almoçar. As pessoas são teleguiadas e começam a falar coisas e a lembrar de fatos antigos que faziam o garoto refletir. Era necessário que Lender não pensasse que possuía algum dom especial. As frases subliminares induziam que ele deveria tudo esquecer. Para não provocar uma anormalidade geral.

Ele vai para cama. Está um pouco cansado. Cria um mundo particular onde se sente seguro. Em seu imaginário uma árvore ao centro. Um menino que sentado aos pés dela contemplava o espaço. Mais para o horizonte uma cadeia de montanhas cujos picos eram cheios da mais branca neve. Somente aquela árvore existia. O mundo ao seu redor era uma infinidade de campos das mais variadas cores. Perto das montanhas um castelo onde por vezes nas grandes tempestades seu frágil corpo se refugiava. Não existiam outros animais a lhe fazer companhia. Apenas alguns pássaros. Muitas vezes quando ao cair da noite uma coruja que o observava, soava alguns urros. Essa era a única comunicação com seu mundo externo.

O menino ora feliz, e outras desolado lá se contentava. Corria pelos campos atrás das borboletas. Suas roupas eram de capim. O processo de confecção: arrancava as

folhas do solo e as colocava para secagem; uma vez secas, entrelaçava capim a capim; a roupa frágil e rudimentar era colorida com uma mistura de pétalas de rosas. Os tons variados das flores permitia um bom aspecto do material. Bem verdade que ficavam opacas, não vivas. Confeccionado, resolveu caminhar pelas trilhas antigas que iam em direção à montanha. A monotonia do lugar que estava o obrigara a galgar outras paisagens. Antes, porém, resolveu ir em direção oposta onde os campos eram infundáveis. E andou por debaixo do sol. No caminho um pequeno arbusto carregado de frutas. Parou e devorou algumas ali. Numa sacola de palha depositou as demais frutas maduras. Encontrou além do horizonte algo novo. Era um oceano de um azul vitral que nunca tinha em suas caminhadas percorrido. E suas águas estavam calmas. Nadou. Fartou-se em ver o sol. E depois de banhar-se resolveu voltar ao seu lugar de destino.

Muitos dias já passados desde que o garoto saía de sua morada. Pensou que a árvore, por demasiado tempo ao relento, de tristeza pela ausência do rapaz estava muito sentida. Ele não, pois em seu íntimo não havia a saudade. E chegando lá, viu a frondosa planta e correu e a abraçou. Cansado da viagem pegou um pouco de folhas secas e as depositou sobre o seu corpo. Utilizou como travesseiro parte de uma raiz por sobre o solo. Na manhã seguinte comeu um dos frutos que eram por sinal muito abundantes. Era um sentimento estranho que nutria pelo vegetal. Ele é que sempre lhe fazia as carícias. Nunca sentiria o afago daquela que tanto gostava. Porém, a saudade não lhe pertencia. Sentou em meditação ao sol. Contemplava o espaço azul.

Lembrou-se do castelo que há muito tempo não visitava. Caminhou em sua direção. Chegando lá ele em pura monotonia de sentidos se dispôs a limpar os cômodos. O tempo que ficara distante deixou o lugar ao relento. Então não tinha balde e com as mãos ia ao rio a beirinha juntar um pouco de água e também na sua boca com a finalidade de jogar sobre o chão. Para limpar apenas uma vassoura grosseiramente feita de palha de capim. E foram dias a limpar aquele edifício. Eram três os andares do castelo. Ele começou pelo térreo. E meses se passaram até que conseguiu limpar a primeira parte. Passou então para o andar imediatamente posterior. E as dificuldades lhes foram acrescidas devido à necessidade de subir as escadas. Dias também se passaram. E ao chegar no terceiro piso mais um longo tempo foi desprendido. As entradas de cada piso eram independentes. E ao constatar o prédio por completo observou que os pavimentos que havia limpado primeiro estavam imundos porque a água adentrou as frestas sujando sempre os andares de baixo. Tanto trabalho desperdiçado. Teria ele que começar praticamente do zero.

Desta vez resolveu usar a cabeça. Suas mãos e pés estavam calejados de tanto esforço. Viu o fosso. Foi a outros campos colher capim e fez um balde, mas o fosso estava seco. Com as mãos cavou até a mais dura pedra para encontrar a água. Conseguiu. Então foi ao segundo piso e limpou tudo novamente. Foi até a base e concluiu o trabalho. O castelo reluzia. Mas seu entusiasmo de ali permanecer foi embora por completo. Foram muitos os meses de trabalho desprendido. Não queria mais ficar, deu as costas para o reluzente castelo. E voltou para sua árvore. Ela lá, como sempre, a espera de quem o afaga. Paciente, pois contente da volta como da partida. Pois no fundo não nutria esperanças. Tudo era solidez e certeza da chegada.

É noite. A coruja pousa num galho mais alto. Ela grita para o menino na madrugada. O sono se esgota. Ele a observa. Depois de perturbar-lhe o sono ela vai embora. Feliz por cumprir sua missão. O sol vem em seguidas horas. Outros pássaros parecem fazer seus ninhos e se preparar para uma leve chuva que o tempo prenunciara. O menino se esconde debaixo da árvore. A chuva vem. Não tempestade desta vez. Umedece o solo. As cigarras cantam. O menino pela solidão, como as gotas da manhã, imita a chuva. Contemplando o casamento entre o sol e a chuva. Suas roupas logo

secam. Resolve partir novamente. Sempre à procura do algo que o movimente e faça-o sair do vazio. E percorre finalmente com destino as montanhas.

E as trilhas do caminho são sinuosas, porém não perigosas, como se sabe não havia feras naquele local. Apenas os campos floridos. Ele atravessa riachos. Por vezes, um banho, resolve tomar. E decidido de vez chegar ao cume vai em direção a montanha. Está próximo. Já no pé no grande monte resolve escalar. Suas mãos novamente ferem-se pela dificuldade dos obstáculos que a natureza sabiamente colocou para aqueles que a querem enfrentar. E por vezes rala os joelhos e o sangue escorre. Em outras, algumas pedras soltas o fazem deslizar arranhando todas as partes do corpo. Mas a persistência impera. Não desiste e ao cume chega. Lá a neve castiga o seu corpo. Então resolve pegar os blocos e fazer um iglu. Tinha em sua sacola algumas frutas silvestres que trouxera da árvore. Contemplava o sol pela janela da casa improvisada. Era um mundo novo. No princípio somente a novidade. Depois o tédio como nas suas viagens tomava conta de seu interior e novamente sentia a vontade de voltar e se reencontrar com aquele que sempre o esperava. No mesmo lugar de sempre. Imóvel. Certa da chegada. Não tinha jeito. A conversão do caminho sempre apontava para sua árvore. Abandonou seu iglu. Pôs-se novamente em direção a ela, indo ao seu encontro.

Lender resolveu sair do seu mundo por instantes. Lembrava agora de seu amor. Aquele que seu coração pertencia. Queria estar próximo. Mas os acontecimentos o impediam o contato. Então como forma de manter-se próximo de seu amor, criou um besouro imaginário que passaria a habitar seu estranho mundo visual. E já não era somente árvore e menino. Era árvore, menino e besouro. Um dando sombra para aquele que pegava a brisa por debaixo. E o terceiro em seu dedo sendo contemplado pelos olhares de carinho por aquele que estava sentado. Uma harmoniosa cena que o perseguiria por muitos outros dias.

O mundo ilusório parecia distanciar ainda mais a realidade de Lender. Queria ele voltar e viver como as outras pessoas normais supostamente viviam. Decidiu deixar tudo para trás. Este mundo ilusório deveria perecer de suas lembranças. Olhou fixamente para a árvore, deu as costas e o seu sonho ia se desfazendo aos poucos à medida que o menino abria os olhos para se dar conta que estava em repouso na sua casa.

Sua prima ainda estava a conversar com sua irmã na sala próxima. Então levantou, tomou um banho e se dispôs a acompanhá-la até o ponto de ônibus próximo com o intuito de lhe fazer companhia. E foram os três: Lender, irmã e prima. No caminho a prima encantada com as coisas que aconteceram naquele dia comenta que foram três os milagres que hoje presenciara. Talvez estivesse se referindo à cena do papel em forma de cruz. E dizia ela em tom altivo que vira uma nova estrela bem grande no céu azul. Sua irmã ficou com um olhar bravio. Lender suspeitou que aquilo fosse para demonstrar que o segredo não poderia ser revelado. Mas é certo que a reprovação foi devido àquela proposição não fazer sentido algum. E ela pegou o ônibus sorridente e partiu. E teleguiando Lender, Celo, marca o dia exato que a grande comoção iria acontecer. Chega o dia. Nada acontece.

Antes, porém, começam a surgir lembranças sobre o passado de Lender. Da fazenda real que acostumava ir quando criança para visitar seus tios. Das pedras que não poucas encravavam a terra lá do alto. Da floresta que mais acima do morro fazia divisão com o descampado. Da garça repousando sobre a copa das árvores. Os macacos brincando e pulando de galho em galho. Das araras e dos passarinhos que cantarolavam sem parar. Via-se ao longe a casa em telhado colonial. A árvore em frente à casa era a única que permanecia viva sobre o pasto. Foram inúmeras as vezes que subiu em seu tronco para saborear o vento que batia sobre a face.

Um panfleto que recebera durante o dia induzia-o a esperar algum fato extraordinário na manhã seguinte. Tal panfleto falava de ouro, riquezas, de empreendimentos, realizações,... É certo que eram nomes de revistas que estariam a venda. Mas Lender não pensava assim. Era uma mensagem dirigida para ele. Durante a semana as mensagens subliminares o induziram a pensar que seu amigo Celo era responsável por tudo isto.

Quando adolescente Celo procurou um emprego de ponta na área de computação. A fila era grande. O jovem ansiava por tudo ser escolhido para o trabalho. Precisava que o rapaz indicasse um outro amigo que pudesse com ele participar do projeto. Então veio falar com Lender que não se interessou pela proposta. Era um projeto secreto onde ninguém poderia saber, nem tão pouco os pais de ambos. Percebendo que poderia ser uma fria não quiseram mais saber do fato. Naquela época parou um carro preto em frente à casa de Lender. “Provavelmente eles” – pensou. E ao chegar na residência o carro já acaba de partir. Então perguntou para os pais do que se tratava. A resposta foi rápida. Um vendedor de livros. Um mero vendedor de livros. Queria que eles comprassem uma suposta coleção. Não efetuando a venda fizeram uma ficha contendo os sonhos em que o menino queria percorrer quando adulto. E o pai disse que o grande sonho era tornar-se um ator famoso onde todos reconheceriam seu filho quando o visse.

Celo conversou com Lender na mesma época sobre as aspirações da vida. Celo queria comprar um carro. O seu grande sonho. Um modelo que lhe trouxesse status e conforto. Já Lender muito ambicioso queria uma bela casa num setor nobre da sua cidade e não satisfeito junto com ela muito dinheiro – o indispensável para o conforto, como também para poder ajudar a quem necessitasse. Como realização profissional desejava ser o presidente para resolver as questões sociais de seu país. Era um projeto muito grande para quem vinha de uma classe econômica baixa. E por sinal quase que impossível. Não tinha acesso à boa informação. Dificilmente faria um curso de nível superior como também não sairia do país. Com uma cultura muito limitada, restaria em ser mais um operário a contabilizar no progresso da nação.

Crianças os dois, brincavam em imaginar hipóteses absurdas. Pensavam ambos na possibilidade da invenção de um aparelho que pudesse ler a mente humana. “Por qual preço fariam caso isto acontecesse?” – indagavam ambos. Então os planos financeiros da casa, carro e os profissionais foram citados. Brincaram com todas as possibilidades. A pessoa não poderia jamais saber que sua mente estava sendo lida. “E até quando?”. Simples, matutaram: até o casamento. “E se não casasse?”. Então, se não cassasse até os vinte e cinco anos o acordo se estenderia por mais dois anos. E também ambos não podiam utilizar-se de tal recurso para ofender e nem elevar alguém. E se durante o período cometesse atos criminosos serem estendidos os prazos até que reparasse o dano. E estas bobagens foram deixadas de lado. Coisas do passado.

A recordação destes fatos veio à tona. Confirmava-se que Celo realmente estava por trás de tudo. Fora escolhido para o emprego e trabalhava todos aqueles anos em segredo, omitindo a seu amigo os fatos. Lembrava-se de uma brincadeira que fizeram: um papel em branco que fingia assinar. Teria ele sentenciado sua vida e nada podia fazer. Tinha o lastro do papel. Já beirava aos vinte e sete anos. Não havia casado. Mas a recordação se realmente isto fosse que seria libertado ao completar a idade. Um alívio. Também um temor, pois caso cometesse um crime não seria solto. E cometera um grande, anunciara um cataclismo que não ocorreu. Um crime contra a humanidade. Sua vida agora pressa indefinidamente por uma armadilha – argumentava. Para ele Celo o prendia com o contrato que haviam ilusoriamente assinado. “Está no contrato” – dizia a

mensagem subliminar, “Tens um acordo comigo e agora terás que cumprir”. Procurou não mais se ligar a tais fatos e continuou na sua prisão.

Pois que aquelas recordações o deixavam inquieto porque queria saber o que significavam. Celo continua o jogo das adivinhações. Lender tudo executava como um robô cegamente obediente. A mensagem subliminar apontava que o próximo dia seria sábado e não quarta-feira como indicava. Passaria, pensou o jovem, por algum túnel do tempo e adiantaria para não sofrer tanto como estava acontecendo naqueles dias. E outras mensagens subliminares diziam que retornaria novamente para a quinta e no sábado pela segunda vez ganharia sua tão sonhada casa como recompensa. Um filme passava na televisão: crianças corriam de um lado para outro em Paris fugindo de seus pais porque nunca falavam a verdade. O filme parecia interessante, era uma boa maneira de distrair a mente e esquecer aquilo tudo por instante. Loucura geral processava em sua mente.

Voltando a si, com o panfleto em mãos, queria saber o que se tratava o ‘Amanhã’. Seria sua libertação, ou algum acontecimento ilusório como os demais? Lembrou que no dia seguinte ocorreria o último eclipse do milênio. Talvez a verdade toda ali fosse revelada para Lender. E na madrugada lhe atacou a insônia, acordou e ficou a juntar as imagens da garça, dos macacos e da fazenda. E a hora exata do eclipse se aproximava. Na hora exata a junção dos fatos. Tudo já era muito nítido. A recordação de quando tinha 12 anos:

“Lender: Pai deixa-me subir na montanha?

Pai: Não meu filho, hoje não.

Lender: Deixa pai?

Resmungou o menino puxando-lhe pelo braço.

Pai: Não, eu já disse sábado;

Lender: Deixa pai?

Pai: Não.

Lender: Deixa pai?

Pai: Já disse que não. Sábado.

Lender: Que dia dá Sábado?

Pai: Amanhã.

O menino então descobriu que era terça o dia de hoje. E retrucou em lágrimas.

Lender: O senhor mente para mim. Amanhã não é sábado.

Pai: Ta bom, pode ir. Mas se chegar aqui com um arranhão te ponho de castigo.

E o menino subiu sua ‘montanha’.”

E passou a primeira porteira que dava acesso à fazenda, seguiu mais uns passos à frente se encontrando com a segunda porteira. Abriu vagarosamente. E se dispôs a subir o morro. Chegando lá em cima, do lado esquerdo na mata viu uma garça que descansava na copa de uma árvore. A sua direita um macaco pulava. Motivado pelos animais que via, entrou devagar pelo matagal. E quando deu por si estava completamente cercado da vegetação. Acidentalmente se enroscou num galho. Bateu com uma das mãos e se enroscou numa teia de aranha. Gritou e pulou pelo susto e correu sem direção definida. Tropeçou e se encontrou com um louva-a-deus. O susto de tão grande fez no imaginário de Lender parecer um monstro. Ficou perplexo, saiu ainda mais desorientado que antes. Encontrou uma jaguatirica no caminho e ao sair indo em

direção à clareira, debruçou-se sobre a rocha firme ferindo-lhe a cabeça. Foi para a sede da fazenda logo que recompôs a memória. Seu pai foi enérgico e lhe impediu o choro. Foi para o quarto e conteve as lágrimas. Estava então explicado o motivo da estranha moléstia que o rapaz há anos possuía. Não a moléstia mental, mas a física.

Quase não chorava. Um evento raro que preocupou seus pais. Então aconselhado a tomar banho, continuou a refletir tristemente sobre tudo que acontecia. E ao se dar conta que sua correntinha enrolada no pescoço trazia a cruz em suas costas, desencadeou novo choro. Então seus familiares bateram à porta. Mas logo os tranquilizou dizendo que estava bem. A mensagem subliminar dizia: “Tu és Mussoline e estás aqui para pagar teus delitos contra a humanidade”. Em seguida a mensagem lhe disse que o Messias estava para chegar e que ainda não era o tempo certo para isto acontecer. Sentia-se culpado por participar das falsas mágicas. Não queria ofender a Deus e nem tão pouco o credo de qualquer pessoa que fosse. E ao sair pela terceira vez iniciou um outro choro, mas desta vez mais comedido. Não chegou a desencadear totalmente. As mensagens subliminares novamente lhe revelavam o anticristo e as pessoas que supostamente estariam por detrás daquele ato de crueldade. Lender não estava em seu estado psíquico perfeito. Reagia conforme os estímulos que capitavam ao seu redor.

Capítulo VI

Universo Paralelo

Capítulo VI

Universo Paralelo



Finda parte da loucura, Lender agora em casa. E voltando a seu equilíbrio natural, não o mesmo de quando antes da viagem, pensara nas coisas que por ventura havia perdido. Sobretudo o amor que sentia. Sua cabeça pairava ainda sobre o abismo. Tudo turvo. Nebuloso. Mas o Amor permaneceu, apesar dessas grandes tribulações. Não sabia distinguir o que era realidade, ou não. Tinha uma única certeza, o vento levava a única coisa valiosa que disse tudo poderia abstrair. Seu amor trabalhava na seção de esportes. Na tentativa de nova aproximação, resolveu escrever-lhe:

“Ora somente bola, ora rede e bola. Pode, às vezes, parecer que o estádio não se faça repleto, ou se repleto, a virtude dos que em campo se encontram não faça chegar até os sentidos. O estádio é como a vida, escasseia-se quando dificuldades superam as alegrias do cotidiano; ou se contempla, seja num gesto ou num sorriso, ou na alegria que nasce espontânea sem motivo, talvez a mesma alegria que o atleta sente ao impulsionar a esfera. E ela gira – rotaciona-se e translada-se – e o movimento produz o delírio de quem ouve. Quase que sem sentido, mas profundo quando do campo aquilo que contagia passa para a vida real. E é bola, e é gol!”

Ilusão. Aproximar-se sem nunca tê-lo feito de fato. A imagem na TV meramente decorativa. A leitura labial da narrativa que se processava. O único contato. Nada além disto. Era sem sombras de dúvida algo não concreto. Mas ele persistia em amar. Não lhe custava querer bem. E o fazendo sentia forças para prosseguir em sua jornada sem rumo e término.

E as mensagens subliminares não acabavam de chegar. Agora diante da TV mais uma revelação: além de sua voz, era também perceptível o seu pensamento. Então começara a refletir sobre todas as coisas que passou por sua cabeça durante aqueles dias. Certo ainda que tinha uma missão a cumprir, insistia em querer alertar o mundo.

Os primeiros dias foram angustiantes, pois a sensação de alguém ler os pensamentos dava uma impressão de desconforto. Qualquer aparelho de som poderia estar transmitindo suas ondas cerebrais. As pessoas aparentemente agiam como se estivessem escutando. No trajeto do ônibus a cada dia sucedia uma série de eventos.

Já na parada de ônibus o desconforto. Numa banca de jornal próxima à parada o som tocava, passavam alguns minutos e ele subitamente já não se fazia ouvir. Lender acreditava ser o instante em que sua mente era posta à prova. Para que todos pudessem ouvir e julgar. Ao entrar no veículo, uns olhavam com pena, outros curiosos. O primeiro dia tentou ao máximo não pensar. Procurou ficar em silêncio, era algo muito cansativo. E penoso. Já chegava até o trabalho com a cabeça cheia. O segundo dia adotou uma postura búdica. Seus pensamentos eram direcionados de forma a ensinar como aquietar a mente. Recitou mantras que induziam a mente a aquietar-se. As pessoas já estavam acostumadas. No terceiro dia estava revoltado e procurou entre um pensamento e outro apelar para que alguém tomasse alguma providência. No quarto dia, recitou poesias, e uma delas fez a situação em torno de Lender piorar:

“Tem ora que me bate uma desesperança tão profunda sobre tudo, que penso não suportar o dia do porvir.

Mas vou sempre em frente, não me importe o que custe.

Sigo como quem segue sem se preocupar com os abismos que circundam. Queria somente ser igual a todos, mas não sou. Não é necessário que me apontem meus defeitos, sejam físicos ou psíquicos, os conheço perfeitamente e sei até que ponto posso suportá-los.

Queria ter saúde, e poder gozar da alegria de ser são. Às vezes a angústia toma conta de meu ser, e a dor vai por todo corpo, e minha base se estremece. Então o meu íntimo delira em gritos internos de profunda cicatriz a latejar. As lágrimas se processam de forma contínua, embora meu semblante pareça sereno.

Debato-me. Me esquartejo. Esvazio-me. Mas não me ignoro. Ignorar-me é esquecer que existo. E esquecendo não serei eu quem age, e sim os defeitos.

Falo como quem simplesmente relata um acontecimento cotidiano que não mais produz assombro. Falo com a percepção de quem observa ao tempo que é agente e paciente da situação em que vive. Falo como quem não almeja o prêmio por suportar a dor.

Queria neste momento iludir-te e lhe dizer coisas que não sinto porque assim seria o caminho natural das coisas. É fácil criar muitos mitos sobre si mesmo. O difícil é reconhecer o que se é realmente.

Sofri quando me puseram diante de um espelho e ao deparar-me com a minha real face, vi somente desolação. Hoje sou o que sou. Não mais me nego. Sou um livro aberto para todos aqueles que a eu chegarem e quiserem folhear página por página da minha história.

Longe de mim todos os puritanos, todos os que se julgam santos, pois estes são os atiradores das primeiras pedras e já me atiraram muitas e não foram poucas. Longe de mim os que vestem a túnica da santidade e se dizem castos, pois estes demonstraram sua falsa piedade para se julgarem seres superiores aos demais.

Que se aproximem aqueles que contêm o amor, porque somente este transforma e pode modificar o homem.”

O texto dizia: “Hoje sou o que sou. Não mais me nego. Sou um livro aberto para todos aqueles que a eu chegarem e quiserem folhear página por página da minha história.”. Era tudo o que precisavam para mostrar as falhas. Num ato de terrorismo, começaram a demonstrar cada pensamento que havia na mente de Lender passado.

Neste instante não mais era uma consciência e sim duas. A que pensava e a outra que jogava mensagens subliminares nas pessoas que próximas se encontravam. Na realidade elas pensavam estar ouvindo a voz do garoto, quando o equipamento agia diretamente sobre suas cabeças. Foram dias no trabalho muito difíceis. As horas nunca passavam. O terror estava sempre no ar. As mentes eram condicionadas a trabalharem

estranhamente. Ninguém se dava conta, nem mesmo Lender. Este pensava estar sendo alvo de alguma retaliação.

Ele pressentia que as reações de seus colegas de trabalho não eram normais. Então deduziu que tais reações poderiam vir de uma clonagem do som. Fez seus amigos constatarem isto também. No fim na primeira semana deste advento, eles já sabiam intuitivamente que muitas coisas não se tratavam de pensamentos de Lender.

A mais de doze anos tinha a infelicidade de acompanhá-lo uma doença. Não sabia a causa. Seu organismo muito sensível soltava espasmos com muita frequência. Era um ato instintivo e incontrolável, a única forma de diminuir seus efeitos era sem dúvida comer alimentos que não fossem muito condimentados. As pessoas que com ele trabalhavam já sabiam de tal fato, então tentavam acomodá-lo de forma a se sentir mais confortável possível. Nutria, como sempre, um carinho especial pelas pessoas. Por isto, era compreendido na maioria das situações. No eclipse foi tudo explicado sobre o princípio da doença. Até então era o conformismo de permanecer assim por muito tempo.

Numa manhã a mente de Lender estava impulsiva. Não parava de pensar em asneiras. O rapaz invocara que todo o problema era derivado de uma possível reportagem no exterior que retratara seu problema de saúde. E o método de tratamento era por certo revolucionário. O doutor Gorender seria o responsável pelas pesquisas e supunha dispor dos meios de curá-lo. Muito revoltado, passou a manhã inteira a cantar músicas sem sentido com a finalidade de demonstrar seu inconformismo pela cena e não se importar pelo fato de possuir a doença há muito tempo.

“Um, dois, três, vi uma baratinha de calcinha”

“Dois gravetos segurando um elefante”

“Hummm, que cheirinho, ... Peidei.”

“Peidei, hummm,... mas que cheirinho de chulé”

“Hiii de novo. Peidei e cheirou”

“Pare de tomar a pílula, pare de tomar a pílula de hortelã”

No refeitório o caos. A manhã inteira a falar besteiras. E na hora do almoço sua cabeça estava infectada de palavras que não cabiam para a hora. Em sua mente pairava a palavra “Peido”. E não podia sequer pensar nela. Então a cada momento em que lhe vinha à mente era preciso rotular para não ser linchado em pleno restaurante.

“Pe... pe... Pêra”

“Pe... Panela”

“Pe... pe... pei . Peixe....ufal!”

“Acho que agora esqueci... Peidei.....

- E todos se lamentavam estar ali naquele instante.”

Horas não passavam, o almoço era eternidade. O constrangimento mental intenso. E a impulsividade da mente em querer transmitir o que não se podia para a ocasião era tamanha. O constrangimento. Ora brincava com a “platéia”. Comprou um sorvete. Fez pose e argumentou: “que sorvete bom”. Os curiosos olharam... Não satisfeito repetiu a dose: “que delícia”. E novamente os mesmos olharam. Desconfiados da intenção, na terceira tentativa, ninguém mais olhou. Decepcionado mais ao mesmo tempo aliviado ficou a contar os instantes finais para partir de volta à recepção. O problema da demora era o chefe que se delongava muito a terminar de comer. Um suplício, uma tortura diria, tanto tempo assim a esperar e controlar a mente que vagava.

O primeiro instante na repartição foi um festival de controle. Não podia nem em pensamento dizer que uma das amigas era gorda. Seria como pregar uma navalha em

seu pescoço. E se contorcia e rolava sem poder nada dizer. E quando a mente insistia usava truques para mascarar os pensamentos: “Gord... o eu “. De forma a justificar o que estava pensando. A subchefe tinha por prazer falar mais do que o necessário. Mas e as considerações mentais tais como: “Eta mulher que fala”, “Lá vem ela de novo”, “Mas fala viu”, “Ai meu Deus, vou ter que ouvir tudo de novo”,... Triste situação. Sem contar o colega do lado. Lender tinha obsessão pelo trabalho. Para ele todos trabalhavam pouco por terem dentro de si a preguiça acumulada. E ao dirigir a palavra a este amigo teria que podar estas considerações que em seu interior traduzia uma falsa realidade: “Olha lá, já parou de trabalhar”, “Olhando para ele dá para notar que tá com uma preguiça.”. Não podia de forma alguma falar nada sobre o chefe. Seria doidura. Mas evitar como sempre considerações: “Meu Deus, está vendo que isto não funciona”, “Minha nossa, vou ter que fazer esse trabalho inútil de novo.”, “Hi! Parece que vamos ficar horas juntos a planejar; e se eu peidar...”.

E Lender, quando escapulia cada um pensamento, procurava o antídoto para não causar um ambiente de hostilidades:

“Mas é gorda igual um balão... não, sou eu”

“Eta mulher que fala, ... mas é falando que chegamos ao ponto.”

“Lá vem ela de novo,... Ainda bem que vem já estava sem fazer nada.”

“Hi,... se eu peidar,..., bobagem ela nem vai perceber já está acostumada mesmo.”

E tinham pessoas que pareciam adentrar a porta somente para verem as considerações interiores que fazia delas. Era terrível. Certa ocasião, uma senhora foi à sala e ficou a espreita, procurando ver se havia algo negativo que pudesse de Lender sair. Ele pelo contrário, estava preocupado com outras coisas e pouco pensara sobre os acontecimentos. Ela ficou decepcionada e foi embora. Tortura, tortura... Tortura.

E o computador na repartição definitivamente não era camarada. Não poucas vezes, a necessidade de trocar o monitor por uma falha técnica que o deixava roxeado era grande. O técnico já não agüentava mais em receber os chamados via e-mail que toda a semana o rapaz enviava. E urgia novo chamado devido a pane. Lender compôs o pedido de conserto. Enviou. E em cinco minutos estava lá o jovem com o equipamento em mãos. Foi educado e gentil. Eficiente. Mas ao dar as costas novamente o vídeo piscou para Lender. Agora em tom de cor-de-rosa, porém, roxo às vezes. Fez novo chamado. Desta vez com receio de ser mal interpretado. Não queria que pensassem que estava a abusar, pois todos da repartição podiam ouvir suas sandices mentais. E ele não veio. Talvez pelo mesmo motivo que seu receio indicava. Mas posteriormente verificou que o defeito era do micro e a troca nada adiantaria. Centro... Sempre o centro... este era o complexo de Lender.

Massacrado por si mesmo, Lender supunha estar numa enrascada tamanha que não teria mais como remediar. Temia ser linchado a qualquer instante. Sabia como todo ser humano que era falho. E sendo assim em alguma ocasião teria alguma bobagem pensado. Sua fúria para com o Estado aumentava, pois as providências no sentido de coibir essa invasão da privacidade interior não se faziam ser sentida. Em meio às brincadeiras citava palavras de ordem que faziam as pessoas refletirem um pouco sobre aquela tragédia pessoal e a situação do país frente a tanto descaso. Cantava músicas que refletiam tais pensamentos. Queria ser livre. O mais rápido. A qualquer custo.

Por demais cansado mentalmente, pediu que fosse dispensado do trabalho. A desculpa: “quero voltar a estudar alemão e desta maneira me dedicar a ele cem por cento. E em breve fazer o mestrado e doutorado tão sonhado por mim”. A causa era nobre, o momento para se fazer isto, talvez fosse inoportuno. Não havia paz o suficiente para executá-lo. Mas ele não mediu isto na ocasião, queria mesmo era se distanciar o

mais rápido que pudesse afim de não mais carregar o peso de olhar para aquelas pessoas e se preocupar simplesmente no que pensava.

O pedido do afastamento foi aceito. Eles acharam não ser necessária tal medida. Mas Lender cego e translocado não queriam saber de nada e o sustentou. No mesmo dia outro jovem também havia pedido afastamento. E dele não foi preciso cumprir todo o aviso prévio. Mas Lender precisaria de cumpri-lo. Queriam por certo, pensou Lender, em provocar uma reação de intolerância, já que seu principal dilema era pregar a disciplina em busca da razão. Então não protestou e ficou calado diante daquele fato inusitado. Porém dias posteriores tanto um como o outro teve o direito de sair no mesmo instante.

Durante a semana sempre os pensamentos incômodos o acompanhavam. Os jogos de adivinhação freqüentes. Seus pais o chamam para sair junto com eles até o mercado, mas ele insiste em querer ficar sozinho. Preocupados em deixá-lo em casa tão demente e sozinho, insistem até que o garoto, enfim resolve entrar no carro. Lá em seu interior, as pessoas se comportam de forma estranha e ao observá-lo aparentam transmitir um pouco de espanto e pena. Ele não liga para os olhares e o comportamento anormal de todos.

Começa em sua cabeça a processar novo jogo. Intui subliminarmente. Advinha. Pensa numa seqüência de palavras. Objetos estes no interior do supermercado. Quando termina, seus pais lhe dão o carrinho de compras. Ele o leva para próximo do caixa eletrônico. E de lá fica a imaginar o que sua mãe estaria trazendo em mãos. Em seguida começa a intuir, estando de costas do caixa registrador, as compras que supostamente estariam naquele instante sendo passadas. O garoto que trabalha pede para que pare. Na sua cabeça a ilusão do feito: “mais uma mágica e prova de que estou certo”. Perturbação, pura perturbação. Na volta passam em frente ao supermercado novamente, quando feita a manobra, vê pessoas a contabilizar os registros. No caminho o carro passa em frente à feira. Na mente surge a palavra ‘peixe’. E imagina estar brotando do céu centenas deles e derramando no chão ao lado dos fregueses. E repete a cena por mais duas vezes. Era um fato, no seu mundo paralelo. Já em casa, deita-se no sofá. A TV desligada. Pega uma bolinha e fica a deslizar o dedo sobre ela. Lembra-se das pessoas a contabilizar os caixas no supermercado. Intui o valor de cada um deles. A mensagem subliminar dizia: “você acertou”. E ele estava satisfeito.

Durante a semana a preocupação. Um amigo lhe convidara para uma festa. Temia algum fato anormal caso nela estivesse. Sua mente dizia que iria levar uma surra caso fosse. E o temor de vê-la cristalizar a cada dia o deixava com um medo tremendo. Os amigos ligavam e sempre lhes davam desculpas para a festa não ir. A amiga fala que uma pessoa parecida fisicamente com um Buda deveria levá-lo. Isto era delírio psicológico do rapaz. Então o jovem liga para um amigo. Ele não dá certeza. Ficou de confirmar. Na concepção de Lender ele estaria com o carro na oficina. A confirmação. Não ficou pronto o conserto do carro. O amigo não pode ir. Pensou Lender estar livre de ir à festa. Outro amigo se prontifica. Mesmo com medo e não tendo aonde fugir concordou e entrou no carro. Reflexivo. Calado. Apenas algumas sentenças a fim de puxar uma conversa normal. Se realmente aquela altura isto fosse possível. Passaram no apartamento da amiga. Ela estava se aprontando. Seu namorado estava lá presente. Ligam o som, a música incita palavras de desordem. A festa seria um horror. Queria desistir, mas não podia.

Na chegada, estacionam em frente a uma bela mansão. Intui ser aquela a sua casa do futuro. Chegam ao salão. Muitos jovens dançam e curtem a noite. Lender preocupado pouco se movimenta. Em passos tímidos dança um pouco. Observa os convidados e fica mais solto. Mas a música ao passar dos minutos começa a incomodar.

Presente um tom de violência nelas. Lembra-se da surra que supostamente iria levar. E o constrangimento interior faz com que saia quase que às pressas para longe dali. Vai para fora alguns instantes. Contempla o céu azul. Ouvi as músicas e ri pela mensagem que elas transmitem. O frio mais tarde se torna intenso. Então entra e descobrindo um sofá vazio, senta-se. Seu organismo começa a não trabalhar bem. O que lhe incomoda e muito. Resolve sentar em um outro local onde lhe é mais calmo.

Um casal se aproxima dele. Uma mulher cuja as dimensões ultrapassam a normalidade e um senhor nas mesmas proporções conversa com ele por instantes. A mulher não pára de falar em feijão. O que aumenta a sua agonia interior. “Comi feijão – estou cheia de gases.” – retrucava a todo instante. É tamanha a agonia que o menino sentiu, que pediu logo a seus amigos que o leva-se embora. A dor de cabeça já lhe consumia o corpo. E se despediu do senhor. Sua mulher acabara de ir ao banheiro, talvez se livrar dos feijões. Ele desejou-lhe, com um olhar meigo, que tivesse boa sorte. Partiram para o apartamento de Aline. No caminho trocam poucas palavras. Quase na chegada se dirige ao amigo no volante e lhe indaga se iria para a cidade onde morava. Ele diz que não e vai para uma boate. Lender resolve então ficar na residência da jovem. Eles sobem. A moça faz os preparativos da cama e todos dormem.

Na madrugada, a insônia ataca. Acorda ao ouvir os vizinhos reclamarem do barulho. Sua mente não parava de trabalhar, então supôs que estariam a ouvir suas introspecções. A manhã se aproxima. O sol desponta e tudo torna claro. Escuta murmúrios no quarto ao lado onde está Aline. Talvez fosse algum sonho que a fez conversar dormindo. Mas ele pensava que seus pensamentos ela escutava, fazendo o seu sono ficar leve. Eles levantam. Fazem a costumeira higiene matinal. Saem para que Aline cortasse o cabelo. Chegando lá o visor está ligado no canal de esportes. Não prende muita a atenção. Um menino muito gordinho e inteligente não pára de conversar com o jovem. Suas perguntas por vezes são muito embaraçosas. Tenta por todos os meios escapar pela tangente quando não conseguia se desembaraçar das questões. Subliminarmente lhe chegam novas mensagens: de que aquilo tudo já estava predestinado a acontecer. Ele conversa, ao sair do corte, sobre suas alucinações. Ambos pegam um ônibus e vão até a cidade aonde o jovem morava. Na parada uma mulher induzidamente conversa: “era um pessoal que há muito tempo já estavam de olho em vocês”. Elas não percebem nada.

A ingenuidade cerca a todos. No caminho ouve um comentário: “só pode estar doido”, então pensa que a conversa refere-se a si próprio. Conta a Aline todos os pormenores ilusórios que supunha ser a realidade. Chega ao ponto de ônibus. Dão sinal. Um sai atordoado como de costume. A outra, confusa pela história. Segue ele seu caminho de costume. Resolve passar na casa de Celo. As mensagens subliminares não param. Ele vê um fusca prateado próximo ao sinaleiro. Então tudo soa em seus ouvidos como recordação. Na esquina um fiat prateado, em seguida um gol prateado, mais a frente um monza prateado, chegando à rua uma belina azul cruza o caminho, e passa direto, quando já chegava na casa de Celo, a mesma belina reaparece em sua frente e passa novamente direto, isto, do outro lado da rua. Chama pelo amigo. Sua mãe aparece pela janela. Ela sorridente afirma que seu filho não se encontrava naquele instante. Ele se despede dela. E segue seu rumo para casa. No caminho inúmeros carros de modelos e variadas marcas passam próximos a si. Ele resolve não pensar nada sobre eles – crente que estaria continuando o jogo de palavras. Chegando em casa, seus pais o esperam para ir até o churrasco de seus parentes.

Era outro aniversário. Seus pais ligaram o carro, todos entraram e deram a partida ao veículo. O caminho foi tranquilo. Já na entrada, a recepção calorosa. As brasas ardiam na varanda dos fundos. Algumas pessoas se aglomeravam. O jovem

sentou-se próximo. Num banco onde comportava mais pessoas. Provou da carne que por sinal estava muito saborosa. Na confraternização as pessoas se comportavam de maneira estranha. A carne que era oferecida para o menino estava bem passada. As pessoas observavam como se o desequilíbrio tivesse afetado. Lender, mais desequilibrado, pensava estar comendo carne crua. Supunha estar sobre algum encantamento qualquer que a realidade fosse para ele diferente do que as demais pessoas observavam.

E ao mastigar o primeiro pedaço o gosto normal o fazia deliciar ainda mais. Alguns olhares eram de repugnância. Apenas num instante comia e sentia que comera outra coisa que não fosse carne de gado. O gosto por vezes alterava. Pensou estar comendo as genitálias de um gato. Não tinha também fascinação por carnes gordurosas. E na medida que o era oferecido mais carne apenas consumia as de maior teor de gordura. As músicas sugeriam que fora dali, uma reviravolta completa acontecia. Uma delas falava de pesca.

Então imaginou pescadores a recolher centenas de peixes num local onde a pesca já estava escassa. Em seguida, uma invasão de OVNI's numa cidade litorânea. Na sua concepção as pessoas daquela cidade presenciavam uma infinidade de pontos que cresciam e se multiplicavam. E os pontos iam ficando enormes até atingir a dimensão de naves extraterrestres. Os aviões da guarda, inutilmente perseguiam aqueles objetos que eram muito velozes. Nada fizeram. Vieram apenas para dizer: “existimos, vocês não vêem, estamos aqui”. E outra música dizia chover bastante numa região seca, que a previsão do tempo indicava a impossibilidade de chover por um período não inferior a um ano.

Lender não parava de comer. A carne por demais saboreava. A mensagem subliminar dizia que o Buda agora estaria nascendo dentro de si. Então sentiu seu abdômen enrijecer e ficou meio que perplexo. Sentia que alguma coisa dentro de si não estava caminhando normalmente. O ato de comer parecia indicar uma espécie de desejo. Instintivamente notava que as atenções das pessoas se prendiam à sua barriga. Pensou que eles estariam a observar algum caroço que em seu interior crescia. E à medida que passava o tempo maior era o arrepio daquelas pessoas. Já não agüentavam mais ficar sentado próximo. Ora faziam um esforço. Em seu interior afetado, começou a brincar com uma caixinha de música de uma das crianças do local. Ao lado seu pai se divertia no jogo de futebol de pregos e moeda. A mensagem subliminar dizia: “o pai, ganhará todas sem levar um gol por uma rodada inteira”. E o placar sempre no final era de cinco a zero. Por mais que o adversário tentasse pontuar, a moeda ficava pressa e não adentrava completamente pelo buraco que representava o gol. E foram muitos que tentaram e ninguém conseguiu. Na Segunda rodada, a mensagem subliminar novamente: “O pai agora a cada adversário um gol a mais será acrescentado, até que ele perca”. E o primeiro placar foi cinco a um, o segundo, a dois, e assim respectivamente até perder de cinco a quatro. Era a influência do ‘Mestre’, crescendo em seu interior, raciocinou o garoto translocado. Ao fundo também lhe chamava a atenção uma parente que se deslocou com um bolo em suas mãos para uma sala aonde após o almoço todos iriam se deliciar com os quitutes. Coisa comum por aqui. Retardadamente o menino louco, gritava interiormente: bolo, eu quero bolo... E passou um olhar infantil sobre o tabuleiro. Durante o almoço seu cérebro continuava a gritar mais ainda por um pedaço de bolo. Em seu interior, a cada novo grito, um novo bolo, por encantamento, surgia no interior do recinto que estava fechado. Era uma surpresa para os aniversariantes. Resolveu por instantes ir até a sala para assistir um pouco de televisão. O programa era musical, muita alegria e animação passavam por ali. Na imagem, os espectadores arregalavam os olhares com o intuito de expressar o espanto daquela trágica comédia.

Na cabeça do garoto, estava contribuindo para ajudar a ocultar o fato de que o planeta estava chegando, e que as gozações seriam todas explicadas após o esclarecimento de todos os fatos.

Hora do bolo. O bolo tão esperado. E a menção honrosa ao aniversariante. “Cruzeiro” que é a representação da família toda. Lender confuso pensa de estar se tratando de uma homenagem pessoal para ele também. Fica envaidecido. Estava neste instante sobre pressão interior. A mensagem subliminar o incitava a chorar para pagar seus crimes humanitários que supostamente teria cometido em outra existência. Todos cantam a música dos aniversariantes. O som do ambiente é abafado com os estouros dos balões. O aniversariante principal chora. Pensou: estaria ele chorando não de emoção, mas por ele. E ficaria registrado que Lender estava chorando e não seu parente. Lender era, sobretudo um grande ‘Nerdy’. Sua realidade era à parte. E surpresa. O bolo se multiplica. Já estavam no recinto ao lado. E as damas uma por uma vinham trazendo aquelas deliciosas iguarias. E chega um e mais outro, não na quantidade que o garoto antes do almoço ficava a delirar. Mas a multiplicação ocorreu – refletia confuso.

Capítulo VII

Tortura

Capítulo VII

Tortura



Agora a fase das provações. Tudo era uma maneira de mostrar imperfeições. Não sabia disto, mas observava cada coisa que acontecia e guardava em memória. Sem noção de onde tudo isto fosse parar, já que em espiral, sua vida estava há quase dois meses a rodar. E encontrando dois jovens que conversavam no recinto do banheiro, um fizera um comentário que não agradou a Lender. Mas na saída, visto que ambos ainda conversavam, a princípio, se dispôs a cumprimentar ao que escutava, mas em sinal de arrependimento, voltou-se e ergueu os olhos sorrindo, mostrando que não havia ressentimentos. Já em casa. Tendo saído do emprego. Uma nova etapa o aguardava.

Começava agora a se dar conta dos equipamentos que o afetavam. Já sabia dos aparelhos que permitiam escutar o som de sua voz. Tanto a nível auditivo, quanto a nível mental.

“Omiti alguns fatos que possivelmente escreverei novamente. Quem está fazendo isto comigo quer realmente que eu escreva e relate tudo. Acho que essa trama toda se resume nesse livro.

Sou como um bode expiatório, que alguém pode testar seus equipamentos e ver as reações sentidas pela cobaia na expressão do que se passava por dentro. Então brincam com os meus credos, os meus medos, apreensões e meus sonhos, idealizações de vida...

...pois que escrevo versos que pouco podem dizer, mas manifesta-se aqui a manifestação de um ou múltiplos pensamentos em si. Procuro sempre refletir e deixar em meu ser manifestar apenas aqueles entes, pensamentos, que de alguma forma algo ou a alguém positivamente possa alcançar. Porém hoje da janela de meu quarto vejo muitos de mim que insistem em serem o ser único que sou. Como distinguir? Perguntarão uns – e como saber se o que diz é verdade? Podem outros argumentar. Mas a verdade é que existem outras formas de comunicação que não seja a voz que se é facilmente sentida em profundas reflexões. Não se precisa, portanto que a voz se pronuncie, deixe a voz do coração somente manifestar.

Você acha mesmo que perdi o juízo?

Apesar da dor que é ausente na maior parte do tempo, tem uma profunda nostalgia apenas. Procuro sempre conservar a quem amo e às vezes é preciso afastar para que não se firam com palavras não minhas de um mentor de ilusões. E eis que o papel se finda – as linhas quase se comprimem para dar espaço à escrita. Lembrai que só o amor constrói. Eu tentarei lembrar disto também, até nos momentos em que minha luz estiver turva pela falta de fé. Fim. Lender.”

No caso da chave a amiga ficou magoada, pois estando anormal, o jovem invocou ao ‘Mestre’ para que jogasse o demônio que dentro dela estava para dentro do inferno. Isto ocorreu por meio mental somente. Mas por demais chateada comentou que gostava de Lender e que fazia as coisas para demonstrar que não era um demônio. Era a prova de que precisava para saber realmente que estava sendo ouvido mentalmente. E já saído da loucura, sabia que isto era possível devido à utilização de um satélite. Este

último transmitia suas ondas em direção ao rapaz que permitia a ele se fazer ouvido. O mesmo acontecia com as pessoas que estavam próximas, ou do outro lado da TV. Tais aparelhos acompanharam Lender por muito tempo sem que se desse conta.

Não mais podia ler. Quando pegava um livro qualquer e começava sua leitura, ela era interrompida por soar um diálogo daquele instante em que Lender vivia. As palavras às vezes soavam amargas. Dentro do ônibus, por vezes, parecia descrever as pessoas que no recinto se encontravam. E colocava-lhe com um tom de rancor com a finalidade implícita de causar algum tumulto contra o rapaz que lia. Era uma situação conflitante. Lender queria ler. E gostava e muito de suas leituras. Então para driblar ao que estava acontecendo optou por modificar o texto à medida que lia. Se encontrava uma consideração negativa que indicasse uma pessoa próxima, tratava de alterar para preservar a harmonia. Será loucura? Questionava-se Lender, não muitas vezes. Seu estado anterior o deixava debilitado. Queria uma justificativa plausível para o fenômeno. Sabia que o texto estava adulterado devido ler anteriormente alguns desses livros também. Lembrou-se de que na repartição onde trabalhava foi possível tirar uma prova do que estava acontecendo. Um trecho de um livro descrevia exatamente a repartição dando um ar mesquinho ao lugar. Após a leitura, procurou uma funcionária que ao ler constatou a semelhança e questionou quem havia escrito aquilo. Muito estranha tanta coincidência.

Ainda na leitura, as mensagens subliminares pediam para que ele refletisse e parasse para observar o que estava fazendo. Não queriam por certo, ser obrigado a tomar alguma iniciativa drástica quanto ao rapaz. Outras ocasiões descreviam pessoas do poder com a intenção explícita de indicar um pensamento em que provocasse alguma reação negativa por parte dela. A descrição dos locais num instante descrevia os aposentos da rainha. Desde o portão até o local onde ela supostamente estaria descansando. E ele articulou os detalhes, de maneira tal que, as vestes e a cor do cabelo, bem como o estado de saúde e psíquico da majestade haveria de se encontrar. E quando a leitura adentrava, os truques de querer manchar a imagem daquela que supostamente estaria a escuta em seu belo jardim, com palavras, daquele que com tanto fervor queria conhecer. E ele falava que seu estado de saúde era debilitado. Querendo não ofender, ele mudava a história. Assim sendo, lia que era perfeito. Dava indicações da palidez de sua pele – o garoto dizia ser corada. Falara que seus olhos já não transmitiam vigor e beleza – o jovem: os comparava com dois cisnes brancos ou uma jóia preciosa. E assim gladiaram por muito tempo.

Em outra ocasião queria fazer Lender insultar o Xá da grande cidade oriental. Falava de suas pedras preciosas que ornamentavam seu turbante azul e da riqueza que o acompanhava. Ele não queria mais prosseguir na leitura, pois o insulto àquela autoridade começou a ser feitos das linhas de baixo. Ora também o livro se fazia amigo, alertando ao rapaz que pulasse alguns trechos ou senão cairia em uma nova armadilha do destino. Tentava sempre conquistar aquele que alterara a escrita conforme avançava. Lender sempre queria mais. E conseguiu arrancar de seu rival a informação do satélite, porém não facilmente. Ficou subtendido nas entrelinhas que logo converteram em nova armação com a finalidade de adormecer a psique dele ainda mais.

O livro era por sinal lido de forma incomum. A cada novo dia, um novo capítulo se lia. Não importava se no dia anterior havia a leitura sido terminada. E diálogos foram travados. Lutas para pegar em contradição e comprometer a Lender, eram frequentes. Tudo por causa do brilho, dizia o personagem no livro. Falava também, que ele o possuía e que não fosse o tal brilho, sua presença seria varrida da face da terra. Por vezes se mostrava amigo e pedia que parasse de ler. Tentava confundir dizendo que o primeiro do país ordenava que se fizesse aquilo; e não descansaria enquanto não o visse

completamente humilhado. Isto pelos supostos insultos a sua pessoa quando reclamou dos baloás. Outras vezes culpava a outros como responsáveis de tais situações.

E não adianta outro livro ler, pois os efeitos eram ainda mais catastróficos. Lender na solidão que sentia pela ausência de seus amigos agarrava-se ainda com mais fervor ao livro. Às vezes, havia troca de insultos por parte daquele que narrava ou simplesmente dava conselhos para que esquecesse tudo e trilhasse pela realidade. Narrava em algumas ocasiões catástrofes que davam a indicação do local onde ocorreriam. Lender não queria se passar por bruxo. Então pulava tais trechos sempre que se fizesse necessário. Falava por vezes que seu amigo cuja chave havia entregado: Celo - estava dormindo profundamente, e que desse sonho não acordaria mais. Também insinuava que os pais do rapaz estavam preocupados ao perceber todo o plano de enlouquecê-lo e deslocavam-se com o veículo até a delegacia. Davam detalhes sobre sua mãe e o que estaria fazendo naquele momento.

Nas folhinhas do dia, no calendário cristão em sua casa, ora lhe fazia críticas pesadas indicando a resignação para com o Pai. Ora travava uma luta em mostrar que Lender era rico de pecados capitais. E que, portanto, tudo aquilo que estava acontecendo com ele seria mais do que merecido. Ele, portanto, teria que se reencontrar na busca da espiritualidade e buscar em Deus a solução. Sabia a esta altura Lender que tudo era manipulação. Aquele que dava conselhos era o mesmo que confundia. E o propósito era dar alimento à imaginação para cada novo evento seguinte.

E não podia escrever. Se escrevesse estaria ele se comprometendo mais ainda. Pois de tanto escrever e discorrer sobre os assuntos internos era por demais arriscado. É claro que o risco se tratava de uma pressão mental que aumentava a cada instante. Nos assuntos externos, também a situação não lhe era diferente. Lender também se queimara. A mensagem oculta era que os líderes no exterior queriam sua cabeça devido profanarem sua religião e lhes ter rogado tais pragas. Era um caminho sem saída. Qualquer coisa que escrevesse poderia ocasionar uma retaliação ainda maior.

Não podia comer. O café bem doce parecia amargo. O frango desprovido do gosto, mais se assemelhava a um pedaço de carne de porco embebida no feijão. Comer uvas passas e pensar estar comendo presunto. E fazer do presunto uma uva passa com um gostoso adocicado tradicional. Coloca Lender sempre a quantia exata. Procurava não desperdiçar nada. A comida é sagrada e não pode assim para o lixo penetrar. É uma profanação em relação a Deus e quanto aos que comem. Mas por menos comida que ele consumia, por volta da terceira vez que colocava comida na sua boca, já se sentia farto. E tão cheio que não mais descia nada em sua garganta. Era comida lixo adentro. Outras vezes sentia estar no seu prato cinco vezes mais comida como o de costume. Não era relativo o peso que carregava em relação ao que no prato continha. E por mais que comesse a comida não diminuía. E também se podia como no caso do café com leite, modificar o gosto à medida que a cada gole fosse ele tomando. Ora muito amargo, ora muito doce ou ora de sabor equilibrado. Isto era pura tortura... medo por não saber o que se comia.

Um dos motivos que levou Lender a sair do trabalho seria temer por sua vida. Chegando ao refeitório, sentiu vontade de comer brócolis. Não muito guloso, colocou três pedaços em seu prato. Ao chegar à mesa, sentou e começou a saborear seus petiscos. O primeiro pedaço estava bem temperado e normal. O segundo não tão menos. O terceiro tinha gosto de remédio (purgante). Quando ele comeu, viu algumas pessoas comentando alguma coisa, mas não se atentou para o fato. Chegando de volta ao trabalho sentia a reação em seu organismo de que estava com uma disfunção intestinal. Mas nada lhe saía que não fossem puramente espasmos. Mas as pessoas que trabalhavam ao seu redor comportavam como se Lender estivesse completamente

fétido. Não compreendia o nojo que processava. Olhavam para o chão com repugnância e evitavam passar perto do rapaz. Durante o trajeto até a sua casa as reações eram de espanto à medida que o rapaz caminhava. As pessoas ficavam horrorizadas a todo instante. Ele não compreendia, pois olhava para si e nada de anormal sentia. Além de suas expressões de espanto para com o rapaz também faziam comentários que induziam ao sentimento de pena.

E não podia brincar. Se desenhasse, vinha em sua mente a mensagem subliminar, isto é proibido. Trata-se de Nostradamus. Será punido. Na falta do que fazer em casa distraía-se com o dominó. Desenhara palhaços, pirâmides, torres, castelos e até uma coroa. Mas tudo proibido. Um voz interior sempre condenava. E foram muitos os desenhos. Sempre infantis. Isto já fazia um sentido lógico. Era uma cadeia de privações que não se cessavam. Sem finalidade definida. Pensava agora se tratar de ocultar a presença do planeta que estava para chegar.

Na sua lembrança a imagem de Celo a lhe ensinar como fazer as brincadeiras. Porém tal lembrança ocorria inúmeras vezes após o exato instante em que havia terminado sua sessão de lazer.

Ao montar o palhaço com as peças, viu a princípio que o mesmo não tinha pernas, as peças do dominó não foram suficientes. Em seguida tirou alguma destas do joelho e lhe deu uma perna. Novamente tirou mais duas outras e lhes deu os pés. O palhaço agora com pés, não tinha braços. E tirou do pescoço e lhe deu braços. Mas ainda triste não tinha mãos e retirou mais duas delas e lhe deu a mãos. Mãos que não continham dedos. E os dedos foram adicionados, virando as peças em outra posição. E tinha o palhaço seis dedos. Tanto nos pés quanto nas mãos.

Pegou o giz de cera, o papel e a disposição de brincar. Desenhou uma coluna de verde, em seguida uma outra paralela à primeira. Acima, uma cúpula cor de ouro. E reluzia pela beleza. O telhado vermelho equilibrava sobre ambas as colunas. No centro uma porta. Semi-aberta. E tinha por dentro uma chave enferrujada jogada no chão. Do lado de fora uma escadaria preta de sujeira dava um aspecto imundo ao local. Lender sonhava com tais desenhos... e os fazia pensando se tratar de meras recordações.

Novamente o dominó. Era a semana da rainha. Teria ele que se encontrar com ela. E para demonstrar que estava em sintonia, com as peças fez uma coroa. E exatamente a metade das peças era a base. O restante ainda tinha o formato de coroa. E disse: “Eu fico com a base e você com a coroa”. Era como um pedido que não fosse embora para no dia seguinte com ela encontrar. Mas o encontro não houve e não haveria, pois era tudo loucura.

Foi ao micro, já que os desenhos e dominós lhes induziam ao suposto crime de recordar coisas que não podia. Ligou o programa de fazer imagens. Desenhou um urso panda que chorava. E também este era recordação. Desenhou dias depois um vaso de frutas e este também era recordação. E fez um jardim de flores durante o tempo em que estava no trabalho. Para cada pensamento que tentava bloquear, era uma destas que fazia. E ao final de uma semana uma infinidade de flores havia sobre o papel. Ao centro uma rosa belíssima deixada por uma das pessoas que ali trabalhavam.

Pegou o dominó. E fez dele um círculo. O círculo representava a espiral da vida. E novamente desmanchou e fez um relâmpago. E este simbolizava a justiça divina. As torres nada simbolizavam e não tinha nenhuma mensagem subliminar por trás delas que indicassem alguma coisa. Como também as casinhas e pirâmides que fizera.

Não podia pensar. Não bastasse ter que concorrer com outra pessoa ao dublar o que pensava. Tinha agora que banir de seu interior o pensamento que adentrava em sua própria psique. Pensamento não seu. E sim do equipamento que fazia os implantes em sua cabeça. Ele funcionava da seguinte forma: era posta uma mensagem subliminar em

vídeo ou na simples leitura labial de um determinado letrado. Em seguida, na mente, o aparelho fazia acoplar uma palavra chave que desencadeava uma sequência de pensamentos conexos e que por consequência convertia em uma ação física. Estímulos. Que sem que percebesse era levado a fazer exatamente aquilo que fosse indicado a ele fazer. Como ter ido de encontro a catedral sendo seu destino o refeitório para almoço na parte que se refere à ilusória rainha.

Tais mensagens subliminares, hora resgatavam a recordação da voz de uma pessoa que supostamente estaria a lhe indicar o que deveria fazer. Se fosse o caso, vendo, por exemplo, os desenhos, teria tais mensagens na cabeça com a sonoridade do pensamento de Celo. Caso queria incriminar alguém ou algum organismo nacional ou internacional então assumia a voz da pessoa que teria Lender ouvido alguma informação que na cabeça estaria associada à empresa. O fato estranho por muitas vezes levava Lender a supor que seu amigo teria sido vítima de algum ritual macabro que de certa forma em espírito adiantava para ele as coisas que por ventura iriam acontecer.

E não podia ouvir. Os programas de TV aos poucos se foram tornando proibidos. Poderia neles conter alguma reportagem de quorum político e alguém se ressentir ou mesmo uma reportagem internacional que pudesse desencadear uma nova perseguição. Eram várias as formas de limitar o restrito mundo de Lender. O ouvir se tornava perigoso na razão que as mensagens subliminares estavam presentes também nos lábios das pessoas que eram também controladas mentalmente. Os sons das TV's também o eram modificados, como também as músicas que ouviam. As palavras pareciam entrar em consonância.

Não podia ver. A imagem na televisão era alterada. Demorou muito a descobrir. E tal advento veio com a ajuda dos artistas nas telenovelas que mostraram o que era ilusão e o que era real. Alienante. Lender olhava fixamente para as propagandas e os olhos dos artistas sempre apontavam para sua direção. Resolveu ele mudar de direção para fazer um teste. E os olhos o seguiam. Não somente os olhos, como também a boca e face procuravam indicar sempre uma concordância como discordância das atitudes de momento que o jovem se encontrava. Era segundo o jovem, uma forma para lhe atribuir cada vez mais um padrão de egocentrismo elevado.

Gostava muito de contemplar o espaço. Apagava as luzes do quintal e ficavam minutos a observar alguma movimentação celestial. Numa noite viu quase que momentaneamente três satélites que passavam naquele momento. Dois na horizontal e outro na vertical. Em seguida, um cometa apareceu como por encanto. Noutro instante, não observava mais o cruzado do sul que daquele recinto era comum à observação. A lua também lhe parecia estranha. Seus movimentos entre uma fase ou outra indicavam uma desconexão. Ora à esquerda da casa e outros instantes à direita. Não sabia, e nunca soube se tudo tratava de uma ilusão de óptica ou se realmente visualizou tais fatos. Não entendia de astronomia. Seria por isto a razão de acreditar que os astros se deslocaram do seu curso normal. Neste caso podia ver, mas as mensagens subliminares apontavam que não.

E não podia sentir. O tempo e a amargura da doença fez de Lender uma pessoa fria. Sentia amor pelo próximo em abundância, mas os sentimentos foram sendo colocados de lado. Saudade não sentia. Ciúmes e nem tão pouco, inveja. E outros sentimentos mais... porém sobre a influência do equipamento a saudade era presente, e numa intensidade enorme por um amigo distante. E não chorava, e por duas vezes o fez chorar. Uma quando descobrira que sua irmã estava em perigo e outra mais adiante. Não sentia e sim o faziam sentir. Eram reações somatizadas de estímulos que se processavam numa reação em cadeia.

Não sabia averiguar sintomas pelo corpo. A sensação térmica por tais aparelhos era controlada. De forma que faziam sentir frio como que também calor. Isto em algumas partes do corpo. Certa vez sentia como se alguém jogasse água quando estava dormindo em determinada parte de seu corpo. Ora transmitiam a impressão de que estava sendo tocado. E as variações eram muitas conforme a finalidade que o aparelho planejava para a época. As mensagens subliminares falavam que também poderia esconder sintomas de doenças, como uma gripe, por exemplo. E desta forma levar à morte qualquer pessoa pelo simples fato de não poder avaliar e tratar de sintomas que não iriam aparecer.

E não tinha segurança. Outro equipamento, este também com o seu teor de destruição era capaz de partir qualquer objeto que tivesse em sua frente. Metal parecia ser feito de palito de fósforo, facilmente partia-se. Numa ocasião Lender viu sua mãe colocar um alfinete de prender fraudas de bebê dentro de uma calça. Não era fino. Na metade do percurso com a finalidade de colocar um cordão por dentro do cós, ele se dividiu em duas partes. Era bem possível se fosse uma fraude. Porém não o era. Ela não teria intenção e nem sabia das mensagens subliminares. Por certo mais uma demonstração do que aquelas coisas todas eram capazes de fazer. Lender embora não lúcido ainda estava a juntar provas que poderiam fazer algum sentido real sobre todos aqueles acontecimentos que rondavam-no por aqueles dias.

E não se lembrava. As pessoas falavam coisas absurdas ou hora eram induzidas a certas proposições. Ora reagiam conforme algo interior que Lender estava a pensar e elas respondiam como se tivessem ouvido. Estavam sempre em consonância com as proposições. E não foram poucas as vezes que isto aconteceu. Eram inúmeras. E o que intrigava dia após dia o jovem. Então chegou à conclusão de que muitas coisas lhes eram omitidas pelo simples esquecimento daquelas situações. E em suas cabeças nenhuma recordação, mas Lender lembrava-se de tudo. Não porque era diferente dos demais, mas porque eles queriam que fossem assim. Uma grande escola onde tais coisas aos poucos estavam sendo mostradas àquele garoto. Porém, não estava completamente lúcido ainda.

Não era lógico. Os objetos por vezes sumiam e apareciam próximos ao rapaz. Sempre que a ocasião fosse propícia. Certa vez, uma amiga tinha-o ido visitar. Ambos deixaram um papel por sobre uma cômoda. E partiram para outro ambiente para conversarem mais à vontade. Ela partiu esquecendo o objeto no mesmo local. Lembrando-se que havia esquecido seu pertence, teve ela de retornar para fazer jus o que de direito lhe pertencia. E entraram no quarto. E nada do objeto tão precioso. Saíram novamente e procuraram no quarto ao lado. E ainda nada encontraram. Entraram no quarto pela segunda vez – nada encontrado. Somente na terceira e última tentativa estava lá o objeto, na mesma posição de outrora. Onde os olhos foram incapazes de ver. A explicação provia de processo hipnótico. A percepção era parcialmente bloqueada, e alguém magneticamente induzido se aproximava deixando o objeto nas proximidades. Quando Lender se dava conta da peça – por processo similar – então a agarrava e em suas mãos passava um bom tempo. Executando por certo as mensagens subliminares.

Ilógico completamente ilógico. A água respingava em Lender toda vez que saía da cozinha para sala de computador. Sua casa possuía um vão lateral onde era semidescoberto. O computador estava na casa dos fundos e o trajeto obrigatoriamente teria que passar pela área de serviço. Entre aquele local e a casa dos fundos não havia telhado. A água caía em minúsculas gotículas ao encontro de Lender que muito assustado passava correndo. Sua mente muito perturbada pensava se tratar de algum tipo de veneno que alguém teria mandado estando invisível. A realidade, porém desta

materialização não tinha por sinal nenhum efeito sobrenatural. Era tamanha a tecnologia que estava a despejar sobre Lender e ele atordoado somente meses depois descobriu.

E não podia estar livre. O terror, exatamente o terror. O maior de todos eles. A tortura. Uma máquina, a pior de todas lhe tirava o sossego. Era como tivesse engrenagens que ligadas ao seu corpo transmitiam-lhe choque. Ora também introduziam agulhas afiadas. E introduziam no anus instrumentos que torturavam e não o deixavam dormir. Os cortes na parte pubiana na indicação de cirurgias internas. Sempre a sensação. Nunca de fato. A percepção de tais coisas foi freqüente por vários dias consecutivos. O pior dos horrores.

Começava agora o pagamento das dívidas que arcara ao se intrometer nos assuntos políticos que não deveria opinar. No primeiro dia era um hospital sensorial. Tudo começou com as sessões de luxúria. Nada de fato acontecia apenas uma ilusão óptica dos instrumentos que controlavam os sentidos. O primeiro mecanismo tinha o mesmo efeito que um prendedor de roupas cujas partes de pressão eram parecidas com serrotes. A cada vez que o membro de Lender ficava ereto, tal instrumento ia de encontro à base um centímetro e a pressão era aumentada em unidades por ele não calculadas. E era um drama, passou o dia inteiro a fugir de imagens que induzissem a um desejo sexual. A dor incomodava e o medo de chegar até o final e aquele objeto devorar seu elixir. O que o fazia tremer as pernas. A mensagem subliminar afirmava: “Brincou com nosso credo, agora é hora de pagar. Ficarás sem teu membro”. A preocupação era constante dentro de si. Queria se livrar, mas impossível. Já há muito tempo todos alertaram que deveria parar e ele cegamente continuou. Nerdy... Nerdy...

Segundo dia. O desconforto ainda acompanhava. “É hora de arrancar tuas bolas” – afirmavam. “Virará mulher, e a partir de agora se vestirá como mulher por ter profanado e nos enganado”; e para Lender era fácil visualizar toda aquela porção de governantes que queriam sua cabeça fora. E a máquina de outrora alojara-se na base e o medo de perder sua virilidade o fez rezar numa intensidade jamais vista. Buscava a todo custo se livrar do temor da mutilação.

Terceiro dia, a cirurgia. Introduziram um bastão metálico cuja ponta redonda carregava um fio que deveria ser anexado em Lender. O primeiro fio já encontrava na posição. É dado o choque. Ele se funde nas paredes internas do garoto. Ele abafa o pavor e apenas grita interiormente. Novamente o bastonete é implantado dentro de seu interior. Em seguida novo choque. Nova junção. E de um por um, são anexados os sensores com fios através do ânus. Tamanho era o horror. E em sua visão um enfermeiro o acompanhava por cada ponto da casa que quisesse se deslocar. Seus movimentos eram sempre controlados. Era dada apenas uma opção de se locomover dentro da casa e se teimasse seria punido com um castigo mais severo. Um choque – a descarga elétrica.

A humilhação por suas falhas e pelos crimes contra a humanidade e por espalhar espanto. Sobre uma catástrofe ilusória que da sua mente criou e espalhou pelo mundo. Então os reis e governantes da época exigiram que uma providência a mais fosse tomada. Era preciso atender a todos os pedidos. E todos teriam que ser contentados. Nenhum governante poderia sair insatisfeito com o castigo. E pediram: “Vista-o de mulher e faça-o sair à rua. Mas só isto não basta, use maquiagem e pinte o cabelo em vários tons.”. E o cabeleireiro foi à casa do jovem. Retocou o cabelo, não agüentava ficar muito próximo do garoto devido ao seu cheiro. Anteriormente colocaram uma substância na água que propiciou o acúmulo de gases no seu interior. Mas o cabeleireiro após perceber que não teria mais jeito foi complacente com Lender. E tudo pronto. A hora de correr já se aproximava. Ele esqueceu que estava todo arrumado e foi tomar banho. No banheiro, a lembrança. Então recebeu pelo erro. E o choque foi aplicado. Não

somente o choque fora suficiente para agradar a todos. “Cortem-lhe um dedo do pé direito” – e a sensação do corte aconteceu. E ele sentia as dores embora olhando para o dedo e ele estivesse lá. E sentia o sangue escorrer e não via sangue.

Então uma nova tentativa. Por indução chamaram uma senhora idosa para lhe fazer uma visita. Ele cumprimentou a senhora e a menina que estava com ela sentadas na sala. Ela o olhou com os olhos arregalados de espanto. Como se a menina lá não tivesse. Lender que era burro pensou logo que estava diante de uma ilusão. E raciocinava como se de fato a menina lá não tivesse. Pediu desculpas e entrou no carro com o pai. Foram entregar uma encomenda de calçados (seu pai era artesão). No caminho novamente a presença do cabeleireiro. Não era o mesmo de antes. Este estava sentado na parte traseira. O garoto distraidamente colocou as mãos por sobre a poltrona e ele as pintou. Cada unha de um tom diferente. E o seu pai em sinal de alerta fez sinal para que as limpasse para diminuir a vergonha. E ele as limpou; A multidão que passava próximo ao carro via toda aquela cena hilária. E o aparelho de secar foi acionado. E começou o processo de vivificar “A dama”.

Em seguida já não era mais o profissional que estava no banco traseiro e sim aquela senhora de passados anos. E ela o beijava sem parar. Enquanto a música tocava, a letra dizia que ela teria jogado as coisas do rapaz no lixo e que agora ele teria que agüentar o destempero pelo que ela sentia por ele. Para Lender ele possuía a aparência de mulher com vestido e tudo. Era um clone da senhora. E o cabeleireiro teria modificado o rosto dela fazendo-se parecer com o garoto. Quem via, acreditava ver Lender beijar insanamente a mulher. Era um absurdo tal cena. Revoltado estava. Não via nada é certo, mas as pessoas a sua volta iriam rir com certeza. Então devido à impaciência do jovem que movia a cabeça de um lado para outro, o profissional assumiu papel de enfermeiro e queimou o pé do olho esquerdo de Lender. O pai olhou assustado para trás onde por certo não via ninguém.

Chegando em casa estava todo desconfortável e nada de anormal nele podia-se ver. Mas Lender achava que estava de vestido e tinha unhas e cabelos pintados. Sentou um pouco próximo da visita que desta vez além da filha estava acompanhada do marido. Novamente seu organismo não funcionava bem. Os espasmos começaram. Ficou com vergonha, mas nada podia fazer. Lender pensou que agora ela estivesse sobre algum tipo de encantamento. E que toda vez que soltava um espasmo ela o via colorido próximo de si. E ela, então, em sinal de educação dizia que sentia um cheiro de pimenta. E foram muitas pimentas que via, pois a mulher não parava um instante de falar:

“Nossa, foi pimenta....

Mais pimenta... Hum.... Pimenta...

É pimenta.... “

Ele com vergonha pediu licença e foi para o ambiente ao lado. A pimenta foi tanto que ela meio que abafada mesmo distante foi embora rapidamente. Ele pensou: “Éh vai ver que tava mesmo sentindo muita pimenta, mas não posso fazer nada”.

Ainda no terceiro dia, era chegada a noite. Um novo instrumento de tortura foi colocado. Sentia que era uma espécie de recipiente que emborcava seu membro sexual. Que acionado por um sistema mecânico começava a vibrar sem parar. Semelhante a um cilindro, no centro havia uma ponta que a cada novo sentimento de excitação adentrava como uma agulha pelo membro do rapaz. Causava um desconforto e conseqüente dor. Esse lhe drenava o sexo. E foram inúmeras vezes que hipnoticamente sentia sua energia escoar por aqueles tubos saindo de seu corpo.

Mais em baixo sentia como se uma faca cortasse a pele com a intenção de retirar com uma pinça um dos escrotos de Lender. A visualização disto tudo era dantesca. O enfermeiro que manipulava os instrumentos, para piorar, introduzia uma chave de fenda

no ânus do rapaz e a rotacionava e passados alguns minutos não satisfeito a introduzia mais profundamente ferindo-lhe as paredes internas com choques. A cama por baixo gelava, em sinal de que o sangue estava a escorrer por toda à parte. Mas no tocar não havia sangue, não havia corte. Pensava tudo ser invisível apenas para seus olhos, já que seus familiares se comportavam como se realmente aquelas coisas estivessem acontecendo.

Quarto dia de hospital. O jovem já tentava barganhar que desligasse os equipamentos de tortura. Certo de que alguém controlava suas alucinações de um computador, pedia que desligasse as armadilhas que após a excitação pareciam feri-lo. Então desafiou o cientista a reproduzir uma boca holograficamente que lhe desse prazer e que o prazer chegasse até o final. E passou minutos a negociar mentalmente aquele ato. Até então, todos os sintomas, até mesmo o de êxtase eram fictícios. Não eram constatados fisicamente. Depois de muito relutar o processo começou. A cabeça de Lender já dispunha visualmente da boca que lhe fazia carinho, mas quando se aproximava o ápice, ele induziu uma mordida sobre a base do órgão, que fez arrepiar todos os cabelos que possuía. Irado Lender se revoltara com o cientista. Então argumentou e ele desligou a armadilha, deixando mais uns instantes.

Indo mais tarde para cama, a tortura começa. Continuavam as drenagens de material genético. A sensação do alicate e do chuveiro lhe transmitindo impressões. A presença da enfermeira ao lado que tudo controlava. As anteriores aplicações de anestesia para que não sentisse dor. Curioso, queria saber se realmente tudo somente se processava no campo da ilusão. Argumentou desta vez com a enfermeira. Ela não queria assunto. Coloca a mão de Lender com o dedo indicador esticado sobre sua boca fazendo menção que se calasse. Nada via, é claro, apenas sentia a presença dela. Travou um diálogo, onde as respostas eram dadas apenas com a manipulação da mão do jovem sobre sua boca. Duas vezes seguidas simbolizava “sim” e uma apenas um singelo “não”. Em resumo ela tranqüilizou-o dizendo que não tinha a intenção de machucá-lo. Pediu que ela desta vez ligasse os instrumentos sem as armadilhas e induzisse ao ápice. Ela fez e ele chegou. Incrível. Mesmo sem tocar em nenhuma parte e acordado. Lender brincou: “você é uma enfermeira famosa agora, é muito boa.”. Ela enraivecida pressionou sua boca com a mão em maior intensidade. E não sendo suficiente, depois fez o garoto ficar com os nervos do riso articulados por um bom tempo. Como se alguém puxasse as bochechas.

A visão também omitia seqüências de cores. Lender havia ido ao hospital visitar um vizinho que de infortúnio sorte em um acidente sofreu lesões seriíssimas nas pernas. Estava com sua filha no carro. Ela incessantemente tentava-lhe mostrar a beleza dos jardins da cidade. Ele passou por eles e nada percebeu. No caminho Lender dormia na situação hipotética de que era um clone e chegando lá, iria encontrar com sua matriz. O intuito seria trocar o clone pela matriz. Seria, portanto um tratamento revolucionário. O verdadeiro Lender deveria estar enfermo. O clone era um andróide. E a pessoa enferma estaria com uma espécie de capacete que transmitia as imagens por onde o andróide fosse passando. Assim sendo, o paciente não tinha consciência que seu corpo estava debilitado. E quando recuperado a troca era feita sem maiores constrangimentos. Eles resolvem subir os três andares de escada.

Lender atento a qualquer movimento estranho, movimentava a cabeça de um lado para outro. Queria ver a aproximação dos enfermeiros quando lhe fossem abordar para fazer a troca. Antes de ir ao hospital, para ter certeza de que iriam trocar o corpo, colocou por debaixo da unha grafite preto. Nos bolsos pequenos objetos, pois se lhe tirassem as calças eles iriam cair e na volta após verificar tudo, iria descobrir que o fato era verídico. Chegando lá, e sentando-se por sobre a cama que estava desocupada ao

lado, conversou um pouco com o senhor que estava enfermo. Sempre na expectativa de ver os médicos chegarem e efetuarem a troca do clone pelo verdadeiro. As horas passavam e nenhum médico chegava. Pensou por um instante estarem eles a observá-lo por detrás de alguma parede ilusória. Talvez por trás de si. Não demorou muito. Sentiu que alguém se aproximava pelas costas. Eram eles, ele pensou. E logo a sensação de anestésico lhe veio pelo pescoço ao lhe enfiarem uma agulha ilusória. Em seguida sentiu como se um outro instrumento cirúrgico tivesse cortando-lhe o pescoço ponto a ponto. Puxou-lhe a cabeça e substituiu por outra. Sentiu arrepio e abriu a boca de susto. Quando o ato já estava por completo, pediu para sair daquele recinto e ficou no corredor aguardando.

Lá uma enfermeira conversava com um faxineiro: “É, ele nem lembra da gente. A gente o socorre quando está necessitado e depois nem está aí para gente”. Então deduziu que a mulher estivesse a falar de uma das vezes que sentiu a presença da enfermeira em seu quarto. Tudo fazia sentido. Sempre esteve naquele hospital. O andróide é que estava em sua casa. No corredor começou a sentir todos os sintomas anteriores de tortura. E sentia-lhe dar-lhe pontapé no abdômen, as cirurgias em suas partes sexuais e tudo mais. Então saiu apavorado daquele hospital e ficou aguardando o término da visita do lado de fora daquele hospital real. Estava muito assustado. E agora o sentimento de culpa. Na certa, o andróide havia morrido. E covardemente tinha deixado que tudo isto acontecesse sem fazer nada. Pobre andróide. Não teria chance alguma. Os golpes que ele estava sentindo certamente teriam sido fatais. E no meio do percurso, quando já voltava para casa, sentiu o coração parar. Não o do verdadeiro Lender, mais daquele que supostamente no hospital ficara.

E foram inúmeras as formas de tortura. Na igreja: Deus - como forma de explicar todo o mal que aquela família enfrentava e ao mesmo tempo conforto e auxílio. Eles partem em direção a casa santa. Lá, poucos bancos ocupados. Chegaram muito cedo. Na preparação para a celebração aqueles que cantavam no altar pareciam hipnotizados. A música que cantavam nada era parecida com as tradicionais músicas executadas. Uma delas inclusive falava de guerras. Parecia tudo armação. Os preparativos prontos. A missa inicia. O padre muitas e muitas vezes olhava para o jovem e parecia estar em comunhão com ele. Uma multidão já presente observava por vezes o olhar compenetrado de Lender ao padre. Hora do sermão:

“Tinha um rei muito perverso que jurou que saquearia a cidade caso não fosse satisfeito em sua sede de vingança. Queria que entregassem uma certa pessoa que estava ali. E que muitas e muitas vezes, eu digo, muitas e muitas vezes, o rei enviou pessoas com a finalidade de matar e matar aquela pessoa que morava naquela cidade. Mas Deus a todo o instante o protegia. E Deus a cada vez que o inimigo feria o seu corpo, ia lá e curava... e curava... E não via sinal de conversão. É muito triste, mas muito triste mesmo, gente. Porque Deus a todo instante estava ao lado dele, intercedendo. Curando, e curando, mas ele estava cego. E agora o inimigo estava ali bem atrás dele. Já tinha adentrado em sua porta, na sua casa esperando à hora exata para dar fim e cumprir a sua missão. E Deus estava triste porque ele não reconhecia sua obra. O jovem esquecera que no seu passado era um menino doente. Seu corpo era cheio de feridas, suas pernas não sustentavam o corpo. Era um menino gordo. E Deus para aliviá-lo, apagou

tudo isto da memória dele. Deus o amava. E derramava sobre ele as suas bênçãos. E Deus esperava apenas sua conversão. E ele tem uma doença incurável agora, e Deus queria curá-lo, mas ele não queria ser curado. Era um problema sério, muito sério, mas não fazia força para que Deus agisse nele agora. E até agora só estava esperando que ele dissesse: Óh Senhor, me cure!!! E Deus seja louvado.”

Lender ouvia tudo. De seu hospital imaginário vinha a informação de que possuía câncer nos testículos. Então o padre inconscientemente estava falando da retirada de seus “grãos”. Lender preferia mentalmente morrer a dizer que permitiria a retirada de alguma coisa de seu corpo. Sabia-se lá se era justamente esta aceitação que esperavam para enfim poderem a cirurgia fazer. O padre insistia no aceite, Lender se contorcia, sentia dores imaginárias dentro da igreja. Ele falava de inimigos que perseguiam, e Lender já estava ciente que tudo se convertia no momento que estava passando. Terminado o sermão. Ele indica que Jesus caminhava naquele instante ali. Isto na hora das hóstias. E trava uma batalha com o garoto mentalmente.

“Em voz alta o padre dizia e Lender apenas mentalmente através de suas mensagens subliminares:

Padre: Jesus ressuscitou e Deus passa agora pelo lado esquerdo. Está te curando está te purificando.

Lender: Não. Está passando pelo lado direito.

Parecia que o padre ouvia os pensamentos do garoto. E continuou.

Padre: Gente estou falando, não vou repetir, Deus está passando agora pelo lado direito.

Lender: Não. Está passando agora pelo lado esquerdo.

Padre: Mas estou falando, Deus está passando agora pelo centro.

Lender: Não. Está no altar.

Em tom cada vez mais enérgico o padre continuava.

Padre: Ele está no meio do povo aqui na igreja.

Lender: Não. Está santificando o padre.

Padre: Deus está agora entregando a hóstia e reconhecendo a igreja que Ele fundou.

Lender hesitou em teimar, mas se lembrava que a mensagem subliminar queria exatamente tal negação. Então optou por concordar com o padre.

Lender: Amém.

Padre: Aleluia Senhor. Até que enfim. Aleluia. Deus está neste instante operando um milagre, palmas para Jesus. Palmas! E já ia me esquecendo, tem uma pessoa aqui que já tem casa, mas me parece que está querendo mudar para outra casa. Não faça isto. Porque ela está inacabada. É uma ilusão. Lá só tem tijolo. Somente as paredes estão erguidas. Se essa pessoa for somente vai encontrar sofrimento.”

O coletivo cooperava para que tais coisas irreais fossem pouco a pouco realizadas. Havia e era inegável que sim, muitas coincidências que contribuíram para aumentar ainda mais o estado insólito que vivia naqueles dias. Nada fazia sentido. Nenhuma pessoa batia bem da cabeça. Não somente Lender como seus pais, familiares e desconhecidos. E o mais incrível era que todos esqueciam as coisas absurdas que falavam e atribuíam apenas para aumentar o estado de sono do rapaz.

No mesmo dia, na hora do almoço, outra vez a mesma agonia da retirada das famosas “bolinhas”. Era o terrorismo como sempre. O almoço foi servido. E a mensagem subliminar era: “Retire-as, por debaixo da mesa aos solavancos e coloque no seu prato para comer. Façam isto.”; e o enfermeiro imaginário amarrou com um cordão e puxou desprendendo do rapaz um de seus testículos. Então ele comia um pedaço de carne e por volta da terceira vez que colocava a comida em sua boca, o sabor da carne parecia outro gosto possuir. As pessoas ao redor da mesa olhavam com um ar de espanto e logo voltaram a comer normalmente.

Mais tarde ao se levantar ele deixou a segunda bola quicar. E quicando, o seu pai saiu correndo e com o pé esmagou-a. Saindo com um ar de vitória, como se a Lender tivessem feito justiça pelas suas dívidas contra a sociedade. Tudo imaginário. Completamente. Mas a angústia que estas mensagens subliminares invadiam a cabeça era por extremo muito penoso. Um clima de tensão imperava. E as situações que induziam a tais alucinações muito freqüentes. Eram as “bolinhas” mais maltratadas do país. Ou seja, por choque, por faca, como bolinha de tênis, como comida,... Terror... muito terror...

Capítulo VIII

Acusações interiores

Capítulo VIII

Acusações Interiores



Ainda sentindo-se perseguido, resolve recriar o seu mundo particular. Na televisão recomeçam as alucinações de estar sendo ouvido mentalmente e agora não bastasse o pensamento também suas imagens interiores. Tudo era possível naquele universo paralelo. Era transmitida uma corrida de carros. O autódromo lotado. Um telão transmitia imagens para todo o mundo. Era a oportunidade que dispunha para expressar o que estava sentindo. Pôs a cabeça para trabalhar. E começou a visualizar o menino no seu mundo particular. A mesma fazenda de outrora, a mesma árvore, os campos de flores, o céu de um azul vitral, a montanha e o oceano além do horizonte.

O menino encontrava-se, como sempre, toda vez que de abrigo precisasse embaixo da árvore a contemplar a abóbada celeste. Suas lágrimas corriam cristalinas de tristeza. Sentia a solidão invadir seu corpo. Ninguém conseguia nela entrar. O menino resolve ir para a montanha próxima. . Algumas nuvens de chuva tomam dimensão. Chega na direção dos campos. Chegando lá, visualiza o horizonte e vê que o mar está revoltado. Uma grande onda sai de seu curso normal e segue devastando os campos e passando por cima das montanhas que ficavam na direção do mar. E a devastação é imensa e se aproxima do menino. Ele então mentaliza a grande onda se distanciando e distanciando até que ao mar ela regresse e acalme. Do seu mundo sente outros seres a bater palmas. Talvez um contato. Sim um contato. Via pessoas a observá-lo no seu mundo ilusório. Era como se elas estivessem dentro de uma tela. Mas era suposto que eles tinham também a mesma visão dele. Não importava quem dentro da tela tivesse. A primeira vez que possuía uma forma direta de se comunicar.

E passava uma música numa língua estranha. Não sabia traduzir seu significado. Mentalizou duas mãos a bater palmas. A multidão ia ao delírio. Mais pessoas se aglomerou. E ergueu suas mãos para o alto. Como quem diz: “lá está o caminho, todos devemos trilhar.”; e continua, agora imagina crianças em seu mundo. Não mais estava sozinho. A música parece um rufar de tambores. Eles cantam e batem palma em seu mundo. Fazem brincadeiras de rodas. E cada uma deles pertence a uma nacionalidade. A alegria é estampada no rosto de cada uma delas. A mensagem que todas queriam dar era a paz no mundo. Felizes fazem todos uma coreografia ímpar. Hora, da imaginação de Lender sai a imagem do planeta. De cada lugar saem fogos de artifícios.

Crianças pegam aviões e partem para outras partes do mundo. Procuram seus amigos. Em países que antes eram inimigos, elas são recebidas em festa. Não existia sinal de hostilidade entre qualquer que fosse a parte. Mas a lembrança de não possuir sua individualidade o faz lembrar que sua mente está prisioneira e quer a liberdade tão sonhada. Mentaliza um microfone e agora já se transformava numa luta para conseguir seu interior de volta. E o microfone se transforma em tartarugas que bailam, ora incendeia e do fogo brotam pássaros que voam, borboletas azuis, cobras encantadoras, ... mas a mensagem é contaminada. Os pensamentos se tornam turvos. A beleza escoa.

E as tartarugas tomam aspectos dantescos. As cobras parecem brotar venenos. As borboletas tomam aspectos bizarros e em seguida pegam fogo. E as pessoas começam a se dissipar. Não agüentam mais ver tanto horror naquela tela. O menino percebe a sabotagem. E afirma: “porque me perseguem. Não fiz nada contra vocês.”; o tom da música modifica, agora uma guerra entre horrores e imagens belas. Ele luta por manter a ordem. O outro para contaminar a mensagem.

Em outra cena atores são convidados para um programa em auditório. O menino presenteia uma das convidadas com uma flor. E em seguida ela se converte em um pênis, que simboliza o desabrochar da vida. E em sua ponta uma flor de lotos a desabrochar com a pureza de alma. Mas a imagem foi veementemente criticada. Era inconcebível. As críticas não foram poucas. Confuso, tentou dissipar o pensamento e se agarrar à realidade.

Chega o momento dos jogos. Todos os países se confraternizam. As bandeiras em seus mastros são motivadas pela alegria de representar o país perante o mundo. Muitos atletas participando. Um recorde supunha-se. A disputa muito apertada por colocações tornava mais emocionante à vontade pelo pódio. Lender era somente perturbação. Ora pensava estar torcendo por um time que não fosse seu. Mesmo que o uniforme lhe parecesse com o oficial de seu país. No instante do hino, a emoção. Os ânimos dos atletas carregavam o patriotismo nas costas. Lender cantava interiormente. Pensava que o som de sua voz era ouvido.

Os atletas trazem muitas medalhas. A mensagem subliminar diz: ‘dopping’. Lender não conseguia parar de pensar nesta palavra. E aponta uma pessoa erradamente. No dia seguinte o susto. Confirmação do ‘dopping’, mas não nas olimpíadas. E sim de um jogador de futebol na sua cidade. A situação lhe causa remorso. Já tinham ido longe tais mensagens que persistiam em lhe apontar direções falsas e confundir sua psique.

Outro final de semana, novo churrasco. Desta vez na casa de uma amiga de seus pais. Todos vão, exceto sua irmã. A sensação de desconforto recai sobre o jovem o tempo inteiro. Tem medo que algum pensamento possa magoar ou advertidamente ofender alguém. Não queria confusão. Mas as pessoas cientes do problema do rapaz trataram de deixá-lo o mais confortável possível. A dama da casa falava das plantas que havia guardado. A mensagem subliminar do garoto dizia estarem invisíveis a seus olhos. Mas Lender já tentava a esta altura lutar contra tais acontecimentos. Procura voltar à realidade. Foi em seguida para sala de vídeo. Assistiu junto a um dos donos da casa aquela história. Estava fascinado. O filme inteiro carregado de imagens e cenas que nas semanas anteriores por meio da indução lhe veio aos sentidos. Não era da programação normal. Uma fita de vídeo que por acaso ali se encontrava.

E durante a semana assistiu a inúmeros outros filmes. Cada um com um pedaço das projeções induzidas que o garoto recebera. O normal pensava ele, seria primeiro assistir ao filme e ter a impressão de que já o tinha visto, por consequência lógica, do que, ter sem antes observá-lo uma prévia do que iria assistir. Tudo era claro. Tais equipamentos que estariam manipulando a sua vida lhe davam sempre falsas impressões dos acontecimentos. Eram cuidadosamente articulados, de forma que uma coisa sem sentido aqui seria depois de dias aproveitado numa sequência de palavras que converteria num pensamento. E estes em cadeia formariam todo um contexto de idéias.

Na realidade as máquinas que minavam sua liberdade eram apenas uma sombria máquina. Um satélite. O grande astro do terror que em pouco mais da metade deste ano de 1999 passou a perturbar Lender em sua jornada aqui na terra. Capaz este de modificar os cinco sentidos que os seres humanos possuem. Um instrumento onde consegue trabalhar na mesma vibração em que o cérebro funciona e despejar outras informações sobre os neurônios de forma a criar uma realidade à parte conforme a finalidade desejada. Tudo é ilusão por ele criado. As conexões na mente são reformuladas pelo objeto. O processo é simples. Cada parte do cérebro é responsável por coordenar uma função seja ela audição, olfato, paladar, visão ou tato. Bloqueia-se a comunicação da cabeça com o resto do corpo através de uns neurônios chaves e estabelece novo contato adicionando a nova informação desejada. A chave era coordenar tais ações mentais utilizando o sistema vascular do coração que liberava certa quantidade de energia para o vórtice central próximo ao umbigo com finalidade de reproduzir as sensações. Chega, portanto à humanidade na fase da colméia. Onde os detentores do conhecimento deste artefato podem facilmente condicionar seus povos para um padrão de conduta. Fazer operárias trabalharem conforme seus anseios.

Não sabia ao certo quem por trás daquilo conduzia aquela tragédia pessoal. As mensagens subliminares confundiam-no a todo o instante. Ora faziam-no crer que eram

uns e instantes seguintes outros. Era perfeito. Sua mente iria andar em espiral cada vez que tentasse encontrar um responsável por seu infortúnio. Os estímulos sempre presentes. A vontade de viver livre da agonia. E o tempo a passar sem respostas convincentes sobre propósitos e finalidades. Parecia desprovido de fim específico também. Não tinha solução. Teria que tentar a algum ponto chegar. Então embarcou em mais uma cadeia de alucinações – a dos possíveis culpados.

O preconceito como primeiro culpado. No mundo velho, o garoto conheceu e se enamorou, nutria um imenso carinho e afeição por uma germânica. E seu sentimento havia crescido até o ponto em que não existiram mais fronteiras. O que começou como sonho acabou como pesadelo. Gostava e muito do ser que amava, porém não existia correspondência em mesma intensidade. Seu lema era: nunca forçar a barra. Quando sentia que não o amor, mas sim o sentimento de amizade imperava, preferia deixar que prosseguisse pelo caminho que bem entendesse. A princípio a mágoa adentrou no coração quando uma outra pessoa, ainda bem recente deste episódio, se envolveu. O simples fato do envolvimento não o incomodava. Apenas o sentimento amargo de ser enganado, na intenção de ocultar o romance. A tríade não se entende. A amizade se esfria. Sobra o ressentimento.

“Inácio fora ao Castelo de Flandes, lá encontrou orquídeas e jasmims. Adentrou pelos caminhos pedregosos e foi ter com a foz das águas. Era um local magnífico e estava acompanhado do lírio e do girassol. Num passado recente ambos lírio e girassol desprezaram o menino e por três dias o deixou numa escuridão total. O menino ficara um bom tempo sobre a negra noite e demorou a reencontrar o brilho.

Hoje a criança rega a ambos com muito amor e embora distante, os tem dentro do coração. Sejam felizes.

Inácio continuou então sua jornada pelos campos floridos. Visitou uma ilha cujo nome refletia a beleza. Tudo era lindo. Todos pegaram o barco, nele onde a dor e a alegria tudo começaram. O menino errara muito com o girassol, deixara seu amor ultrapassar as fronteiras do permitido, porém reconhecendo o erro deixou-o seguir seu caminho. Fim.”

E tal ressentimento, teria segundo a mensagem subliminar, desencadeado uma denúncia: a de que o odor que exalava de Lender era proveniente de uma doença venérea. A mensagem supostamente teria alastrado e chegado ao conhecimento da mídia. Então todo o seu pesadelo inicial seria a incompreensão das pessoas diante de uma tragédia pessoal com o intuito de impedir-lhe de voltar, para que as outras pessoas, a doença, não pudesse transmitir. Incompreensão, o mal do século vinte, quase às portas do próximo milênio. A falta de respeito humanitário que muitas vezes sentenciaram muitos a uma vida medíocre pelo medo das pedras que seriam atiradas.

Pensou em Deus. Lembrou-se de sua visita à Catedral no princípio. Poderia ter, sem saber, ofendido ao Pai. Mas Deus é Amor. E sendo Amor, não lhe torturaria e sim buscaria sua redenção. Há muito tempo se afastara da igreja. Mas não a diminuía e reconhecia seu valor diante à sociedade. Preferiu levar uma vida mais distante das massas. Sentia-se bem assim. Não tendo uma fórmula complexa a seguir. Sabia, se concentrando neutro, compreender a visão de todas as religiões. Buscava apenas amar ao próximo. Portanto não seria Deus o motivador do infortúnio. Mesmo sendo uma pessoa muito falha.

Lembrava agora do ilusório planeta que criara em sua mente. E não mais o preconceito era a causa. Talvez o princípio de tudo. E pensou na fúria dos primeiros de todo o globo. Nas possíveis mortes que ocorreu devido suas declarações de ‘fim do mundo’. Em seu subconsciente via seitas pregarem suas confirmações e algumas delas induzindo centenas a ceifarem a vida de seus seguidores. Pensou na angústia que muitos deveriam estar sentindo. Nos traumas provocados. A desesperança estampada no rosto de cada ser aflito. Mas algo não lhe fazia sentido, se assim o fosse teria ele sido preso. O tempo de acontecer tais coisas já havia passado. E por qual motivo ainda estava ele em liberdade? Não sabia responder. Não era algo deste tipo – concluía.

O governo do Norte – refletiu. Experiências deste tipo por lá não seriam aceitas. Mas país de terceiro mundo é fácil arrematar cobaias para o desenvolvimento de projetos humanitários ou não. Minar a informação. Restringir o acesso ao caso. Subornar autoridades para possuir livre trânsito no país. E formar uma equipe especializada de cientistas que poderiam trabalhar à distância, em seus próprios países mesmo. A finalidade: provar que o homem é fruto do meio. Tudo o que pensa, seria o resultado do que em vida captou através dos seus cinco sentidos. A cobaia teria que ser analisada desde o nascimento até a idade adulta. Mas havia incoerência também nesta possibilidade. Tais equipamentos sofisticados já teriam que estar elaborados já na década de setenta. E tecnologicamente falando era impossível tal proposição. A não ser que a tecnologia fosse escondida do grande público e para fins militares.

Outras mensagens subliminares apontavam para as olimpíadas nazistas. Uma forma de dominar o mundo utilizando as crianças de Hitler. Pessoas que foram programadas para em um determinado tempo assumir postos importantes em diversos países do mundo e provocar uma dominação da raça ariana. Este tipo de pensamento foi muito difundido por aqui. Mas sempre soou como uma forma de manter a hegemonia da América do Norte, no tráfego de influência entre governos. Muito improvável que isto tenha realmente acontecido.

As abduções que anos atrás se lembrara, poderiam não ser apenas sonhos, como tinha cristalizado dentro de si, mas fatos reais. E serviços secretos de todo o planisfério estavam de olho em tais fenômenos não explicados. Profissionais da área sempre argumentavam que a verdade é escondida a altos preços. Pessoas são consideradas como loucas a fim de ocultar a realidade dos fatos. É mais fácil dominar aquele que pouco sabe do que o que sabe muito, pois quem sabe muito, sabe argumentar quando necessário. Refletia, por vezes, que seu governo tivera acesso a alguma tecnologia extraterrestre que acidentalmente caíra em suas mãos e agora buscava testar as vantagens militares adquiridas. Já beirava muita a ficção, mas como hipótese também não era descartada.

A idéia da retaliação por parte de seu governo sempre lhe vinha à memória. Vivia uma democracia é fato, mas para ele apenas torturas e indução à loucura total. Não lhe saía da cabeça reclamar das condições sociais daquele país. Por certo, teria despertado a ira daqueles que dominavam. Jamais tomou conhecimento das coisas que aconteceram no velho mundo. Não sabia do conteúdo que possivelmente os jornais teriam noticiado. Era lógico, porém improvável por não dispor de base concreta para afirmar.

Seu pai serviu catorze anos a uma instituição militar. O casal havia perdido o primeiro filho. Pensou então na dificuldade de conseguir outro de forma normal. Portanto teriam recorrido ingenuamente a ajuda dos militares em algum projeto novo de concepção. Não sabiam o que estavam fazendo. Partes do material do bebê deveriam ser retiradas. Feita a clonagem sem que os pais soubessem. Concebido mais tarde o bebê geneticamente igual que possuía em seu interior uma memória temporal. Seriam as

vozes que na cabeça de Lender se processavam com frequência. Um satélite tudo controlava; e usando pequenas frequências adentrava nas psiques e manipulava a quem quisesse dominado-lhes os sentidos. A idéia de “abelhas operárias”, onde o controle era exercido com a finalidade de manter pessoas dentro de um padrão determinado sem que fossem ameaças para o sistema. Quem tentasse sair do padrão seria massacrado. E talvez esse episódio que estaria Lender passando fosse uma medida para fazer com que voltasse ao controle habitual. Passara muito tempo fora de seu país. Seu poder de crítica estava elevado. O equipamento então agiu sobre ele. Esta possibilidade ultrapassava as fronteiras da lógica caindo no absurdo. O jovem tudo levava em consideração.

A mídia – também o argumentou. Não lhe saía à cabeça os jogos de adivinhação, as tarjas coloridas na tela, a comunicação que observava nos programas, a marcação de tempo que o levou a coincidir ao que havia previamente marcado e outras tantas coisas mais. Na Europa, foram dois meses sem um monitor em sua frente. Cogitou a possibilidade de ter visualizado quando chegou, uma sequência de mensagens subliminares que induziam ao telespectador a assistir a programação desejada. Um teste para sentir o grau de controle que a imagem e som tivessem sobre o indivíduo. As propagandas induziam para o egocentrismo. A posição estratégica dos olhos dos artistas, em tais chamadas ao consumo, faziam-no crer e a quem assistia, que era sempre o centro das atenções. O mesmo observou nos programas gravados, estes em relação ao som. Algumas sentenças-chaves são chamadas para a programação imediatamente posterior. A atenção não é conseguida apenas pelo simples interesse de quem ouve, mas também pela indução do ouvinte diante de ‘chaves’ que o levam a predisposição de assistir àquele chamado. Observou nos ‘âncoras de jornais’ o mesmo fato. Pensamentos não são trabalhados quando o ouvinte tem conhecimento da mensagem. O âncora já lhe entrega mastigado toda uma conclusão. É dado ao telespectador apenas o direito de concordar ou não, como num simples movimentar de cabeça. As opiniões são manuseadas de forma que o comportamento social fique dentro de um padrão tendencioso de fatos. Em geral, se a mídia vai contra alguém, ele é massacrado. Se estiver a seu favor, da noite para o dia se transforma num grande herói nacional. Era uma possibilidade, porém não uma certeza.

Refletiu sobre o fato que o levava a escrever. Um livro. Seus recortes bem que poderiam gerar um livro. Mas era vaga a finalidade. Demonstrar os conhecimentos daqueles artefatos? Ou simplesmente testá-los? A quem interessaria o fato de escrever sobre tais alucinações? Muitas perguntas o afastavam definitivamente desta questão. Ele preferia pensar ser alvo de uma indução que por objetivo final fosse a loucura. Verificar limite do suportável de um homem. Cada nova proposição lhe afastava ainda mais de chegar às respostas do que aconteceu consigo.

A mente do próprio garoto como responsável. Dentre todas as possibilidades esta era a que mais poderia ser conclusiva. Há muito tempo que não tirava férias. E o excesso de trabalho e estudo pode facilmente causar uma estafa. As consequências são muito danosas para a psique. Foi a um médico. E todos os exames apontaram negativamente. Apenas um indicou uma falha. Acusou a presença de dois parasitas em seu crânio. Então veio a lembrança o passeio de canoa. Que atolara o pé na lama quando, nas margens, tentava retirar o equipamento do riacho. Porém a conclusão do laudo médico: calcificados, ou seja, mortos. Era sua Genoveva e Gigofrida imaginárias. Mas o médico foi afirmativo. Eles estão inativos. Se tivessem ativos poderiam provocar tais sintomas, não existe a possibilidade. E a única forma de contágio é através da carne de porco. Para seu alívio já não comia da carne há dez anos, abrindo umas e outras exceções aqui e ali. Os sintomas anormais dos sentidos poderiam, segundo o médico, indicar um colapso da cabeça. Um pedido para um descanso mental. Seriam os temores

os responsáveis por tanta disparidade de sentidos, de tanto buscar respostas e apontar culpados. Lender não estava certo disto. Acreditava que em parte o médico acertara, porém não no todo. Tinham muitas evidências que não tinham justificativas.

O futuro também lhe projetava, sentia por vezes, que tomava conhecimento de objetos que ainda estariam para surgir. E que de alguma forma esse conhecimento estava sendo entregue aos poucos para si. Ele não compreendia nada, todas aquelas coisas sem fundamento que havia pensado o preocupavam no sentido de algum dia precisar entrar numa casa de saúde e por lá permanecer até que se curasse. Sua mãe entrou na sala e encostou-se ao sofá. Estavam falando sobre a dificuldade de localizar um número no catálogo de endereços. Como sempre tinha a solução. “Num futuro”, dizia em discurso: “não existirá mais catálogo. O usuário querendo localizar um número, contará com um objeto com as dimensões de uma folha de papel e um pouco maior em espessura, composto este, de visor e teclado. O segundo apenas desenhado abaixo do primeiro. Após a digitação do nome que procura, este equipamento por um fio plugado na rede telefônica, acessará o banco de dados da companhia onde o dado estará armazenado puxando a informação para o display do usuário.”. Seria uma brecha do tempo que permitiria fazer contato com vibrações de um futuro? Também era muito ilusória tal proposição.

Capítulo IX

Voltando a si

Capítulo IX

Voltando a Si



Agora estava diante de seu maior inimigo. Não sabia o que deixou seu semblante ficar sereno. Nunca ficara tanto tempo diante do espelho. Sua imagem refletia e a cada dia via outros personagens que o perseguiam. Ele estava na busca da verdade. Não a Verdade Superior, mas da sua própria vida.

Seus pés flutuavam, sua cabeça rodava e seu corpo não saía do lugar. Procurou e nunca encontrou. Lender por vezes se debatia em pensar que cometera crimes que o transformavam em um monstro. Ora vestia a túnica da santidade, porém diante do espelho refletia algumas vezes um brilho opaco – sem brilho.

Renunciara ao fato de ter que seguir para um caminho e optar por outro. Ele apenas queria chegar a algum lugar que pudesse se reencontrar com seu íntimo e verdadeiro ser. Lugar onde as estátuas dessem um ar de alegria e encantamento aos visitantes. Sentia-se agora, como elas, ingênuas e ingênuas.

“Não obstante dos meus mais íntimos sonhos, a loucura paira sobre meu corpo. Não sei distinguir o que a mim pertence ou a de outrem de direito o é; esta semana sentimentos têm sido colocados à prova, não sei por qual inquisidor e nem o juiz que se faz analisar o caso. A mente vaga, sem lembranças concretas, apenas sensações de uma manipulação desmedida e sem fim humanitário que justifique o ato.

Eis agora que vejo a escravidão do milênio que está por vir, não mais a escravidão física meramente, mas aquela que domina os sentidos e as ações daqueles que representem algo que vá contra os atos de uns. Talvez seja eu aquele que de infortúnio sorte foi lançado na teia para que o equipamento fosse testado.

Sou místico, mas não da mística que busca na irreabilidade - a resposta, agora distingo que muitas coisas ao ver eram consideradas milagres, são agora, conjecturas de sinais ou alucinações sem expressão espiritual. Liberdade, buscar sempre a liberdade.

Quanto ao campo sentimental, sei que em mim aflorou alguns sentimentos que embora alguns não meus e outros de minha psique, sinto-me como num despertar. Porém tenho que lutar contra tal sentimento, por justamente não saber a realidade que me cerca. Que mal posso eu estar fazendo àquele que julgo amar se na realidade mal sei o que sente. Na minha mente, vem sempre lembranças de sinais que hora representam alguma coisa ou ora seu inverso. Pisar em solo firme é difícil quando se está com uma venda no rosto. Acabar, no sentido de não procurar pensar mais, pode ser a melhor saída.”

Na mente agora retornava a lembrança do amor insólito. Observou seus velhos manuscritos dos tempos de Universidade. Quis enviá-los pelo correio para fazer uma aproximação. Não teve coragem. Preferiu deixar para trás tudo aquilo. E começar do zero, por algum ponto qualquer, a sua nova vida. Porque como antes jamais tornaria a ser. Tão sem graça, tão sem estímulo. Estava agora cheio de experiências a contar para os filhos e netos se algum dia viesse a tê-los. Para os sobrinhos talvez. Era a hipótese mais concreta de acontecer.

“O Muro

Existem barreiras naturais que nos impomos. Seja por medo ou por desconhecimento da real situação que nos cerca. O homem busca de várias formas suprir suas necessidades de segurança. Isola-se por entre paredes, cria vínculos de associação com aqueles que julgam iguais a si, difunde línguas, enfim, se esconde atrás de sistemas que induzem o comportamento social.

Posso parecer louco em mandar uma carta para alguém desconhecido, mas é fascinante lembrar que o muro pode ser quebrado, que as paredes não mais existem, os vínculos de associação já se interagem, que a língua torna-se a mesma e os sistemas não induzem mais a forma de comportamento social.

Socializar-se é uma forma de amar, pois é um crescer constante rumo a satisfação pessoal. Há que se tentar sempre. São nos relacionamentos que nos conhecemos, observamos nossos preconceitos, nossos defeitos e as poucas virtudes que possuímos.

Desviamos do caminho sempre que o muro nos obriga, escondemos nosso real ser para que ninguém veja como realmente somos - o que é cômodo se torna um vício e ferimos os sentimentos alheios como covardia para nossos defeitos. Repito, há que se quebrar o muro e edificar uma nova expressão para o amor.

As palavras podem seduzir, mas nada se compara com os gestos. A fala pode machucar, ferir ou mesmo provocar furacões, mas se o amor estiver presente a harmonia vence, os ressentimentos desaparecem e tudo se constrói. Um gesto - uma carta; esta última, incapaz de traduzir a alegria de se ter tentado o quebrar do muro.

Algo tocou no meu íntimo quando saí do meu mundo e observei que havia outros mundos em minha volta, mas o muro me cerca e não sei como quebrá-lo. Sinto uma vontade imensa de socializar-me com **vocês**. Talvez seja por inspirarem confiança, ou um outro motivo qualquer - não sei ao certo.

Posso parecer louco novamente, mas sinto uma alegria imensa quando eu os encontro nas terças e quintas da vida. Sempre ajo com muita intuição e raciocínio e acredito por isto, que poderemos ser muito amigos.”

E a mensagem subliminar desde o princípio afirmava: “E seu amor o espera. E viverá feliz para sempre”. Era para Lender apenas um consolo. O amor existia. E não morreria com o tempo. E por consequência, se transformaria em outro sentimento nobre. Este é o verdadeiro querer bem. Mesmo distante. Mesmo estando separado. Mesmo não correspondido. Porque o ser que verdadeiramente ama em nenhuma hipótese do existir almeja a troca. Para ele já o era suficiente doar-se. Não existe alegria maior no mundo ao ver o ser que ama feliz. Seja com outro, ou seja, sozinho. A vida poderia pregar muitas facetas, boas ou ruins, mas o amor é como o infinito, não tem limites.

“Metamorfose

Ora larva;
de metamorfoses seguidas,
a morte cede lugar à vida,
que fecunda e faz brotar a larva.

A figura que causa espanto,
com o tempo - belo encanto;
e o ciclo se renova,
da vida rastejante à vida alada.

De metamorfoses seguida,
a morte cede lugar a vida.
Ora borboleta,
ora larva.”

O médico, na ausência de diagnosticar algum problema bioquímico, o enquadra dentro de uma psicose. O tratamento é simples. Uma profissional o espera no divã. Como no princípio, quando teve aquele nefasto sonho. Era a cristalização do ilusório novamente, talvez uma outra coincidência como outras tantas. E como no livro que tinha começado a escrever fora ao consultório. Sentou-se no móvel. Contou sua história...

“Ode a Ícaro

Vejam os pássaros,
felizes no mundo.
Nada pedem, nada cobram;
os pequeninos cantam.

Vem o sol, a chuva,
tempestade.
E os pequeninos cantam.

Sejamos homens pássaros,
de coração puro.
Andorinhas, pardais,
não importa;
mas leves, como plumas.”

...e se curou.